



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA

DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA

**MEMORIZAÇÃO E COMPREENSÃO:  
Aulas de matemática na Escola Evangélica Duque de Caxias nos anos 1960**

**NÍCOLAS GIOVANI DA ROSA**

Porto Alegre  
2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA**

**MEMORIZAÇÃO E COMPREENSÃO:  
Aulas de Matemática na Escola Evangélica Duque de Caxias nos anos 1960**

NÍCOLAS GIOVANI DA ROSA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido como  
requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado  
em Matemática

Orientadora:  
Prof<sup>a</sup> Dra. Elisabete Zardo Búrigo

Banca examinadora:

Prof<sup>a</sup> Dra. Andreia Dalcin - Faculdade de Educação

Prof<sup>a</sup> Dra. Fernanda Wanderer - Faculdade de Educação

Porto Alegre  
2019

## AGRADECIMENTOS

*À minha mãe, que sempre encontrou maneiras de me apoiar, principalmente nos momentos mais difíceis.*

*Ao meu irmão, por ser meu parceiro e estar lá quando preciso.*

*À minha família.*

*Ao Jean, que me incentivou a fazer a inscrição no vestibular da UFRGS e por acreditar no meu potencial.*

*Ao Juvenal e à Julieta, que me acolheram em seu lar.*

*Ao Fernando, à Larissa e ao Guilherme, pelas risadas e companhia em nossas jantãs.*

*À Carol e à Mayara, que foram meus girassóis durante essa jornada.*

*Ao Thalís, à Bruna, ao Felipe, à Letícia, ao Lucas, ao Leonardo e à Teresinha, pela parceria durante os anos de PIBID na E.E.E.M Anne Frank e pela amizade que permaneceu desta convivência.*

*Aos professores da graduação, que contribuíram para minha formação, em especial:*

*À Elisabete Búrigo, que desde o meu primeiro semestre contribuiu para minha permanência no curso, minha formação como professor e pesquisador e me inspira sendo uma profissional dedicada à docência.*

*À Andreia Dalcin, pelas discussões e estudos nas reuniões de quarta-feira do PIBID que, sem dúvida, fizeram a diferença em minha prática como professor e por ter aceitado fazer parte da banca deste trabalho.*

*À Fernanda Wanderer, pelas orientações de estágio que permitiram confirmar meu desejo pela docência e por ter aceitado fazer parte da banca deste trabalho.*

*À Lisete Bampi, também pelas discussões e estudos nas reuniões de quarta-feira do PIBID e orientações nas escritas sobre as experiências como pibidiano.*

*À Maria Cecília Bueno Fischer, pelo incentivo a pesquisa e companhia nos eventos.*

*Ao Rodrigo Dalla Vecchia, pela parceria dentro e fora da sala de aula e por incentivar a sempre buscar o melhor.*

*À Claudete, à Neiva, à Elaine, à Vera e à Jussara, por terem contribuído para este trabalho compartilhando suas memórias.*

*Ao Roberto e sua família, por disponibilizarem o relatório de estágio de Ivonne.*

*À Escola Duque, por contribuir para minha formação, agora, também, no Ensino Superior.*

Obrigado.

*Dedico este trabalho à minha mãe  
e ao meu irmão.*

*Palavras são, na minha nada humilde  
opinião, nossa inesgotável fonte de magia.  
Capazes de formar grandes sofrimentos e  
também de remediá-los.*

Alvo Dumbledore

## RESUMO

Este trabalho situa-se no campo de pesquisa em História da Educação Matemática e tem como objetivo reconstituir traços das aulas de matemática da Escola Evangélica Duque de Caxias nos anos 1960, a partir de memórias e documentos. A escola, que se originou a partir da vinda de imigrantes alemães no século XIX, está localizada no município de Sapiranga – RS. A partir do contexto histórico, comentamos as mudanças pelas quais a escola passou, desde sua criação como Associação Escolar em meados de 1850, até os dias atuais, integrando a Rede Sinodal de Educação. Para a pesquisa foram realizadas entrevistas com ex-alunas da instituição na década de 1960 – Claudete, Elaine, Neiva e Vera – e com a professora Jussara, do mesmo período. As escritas do relatório de estágio de 1967 da normalista Ivonne Loth Peters indicam o uso das orientações presentes nos Boletins produzidos pelo Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul. Além disso, encontramos registros do uso de livros didáticos nas aulas de matemática. A partir do cruzamento das fontes encontradas, concluímos que a memorização da tabuada fazia parte das aulas de matemática, já que é a reminiscência mais presente nas falas das ex-alunas. Porém havia uma preocupação com a aprendizagem do aluno expressa, por exemplo, na construção de materiais didáticos para que os alunos compreendessem os conteúdos, numa tentativa da professora em conciliar memorização e compreensão.

**Palavras-chave:** Ensino Primário. Escola Confessional. História Oral. Ensino de Matemática. História da Educação Matemática.

## ABSTRACT

This work is a research in the field of History of Mathematics Education and aims to reconstruct traces of the mathematics classes of the *Escola Evangélica Duque de Caxias* in the 1960s, based on memories and documents. The school, which originated from the arrival of German immigrants in the 19th century, is located in the county of *Sapiranga - RS*. From the historical context, we comment the changes that the school has undergone since its creation as an *Associação Escolar* in the mid 1850s, to the present day, integrating the *Rede Sinodal de Educação*. For the research, interviews were carried out with former pupils of the institution in the 1960s - Claudete, Elaine, Neiva and Vera - and with Jussara, school teacher in the same period. The writings of the 1967 traineeship report of the *normalista* Ivonne Loth Peters indicate the use of the guidelines present in the bulletins produced by the *Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais* of *Rio Grande do Sul*. In addition, we found records of the use of textbooks in mathematics classes. By crisscrossing the sources found, we concluded that the memorization of the multiplication table was part of the classes, since it is the reminiscence that was more frequently mentioned by the former students. However, there was a concern with pupils learning expressed, for example, in the construction of didactic materials for the pupils so that they could understand the contents, in an attempt of the teacher to reconcile memorization and understanding.

**Keywords:** Primary School. Confessional School. Oral History. Mathematics Teaching. History of Mathematics Education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Sementes ao Longo do Tempo _____	13
Figura 2 - Capa do relatório de estágio de Ivonne Loth Peters. _____	17
Figura 3 – Inauguração do Prédio Escolar _____	27
Figura 4 – Escola Evangélica Duque de Caxias, 1953. _____	27
Figura 5 – Centro Sinodal de Ensino Médio de Sapiranga, 2018 _____	31
Figura 6 – Capa do livro Estrada Iluminada _____	34
Figura 7 – Capa do livro Nossos Exercícios _____	35
Figura 8 – Capa do livro Ver, Sentir e Descobrir a Aritmética _____	36
Figura 9 – Recorte do plano de aula 8 de março de 1967 _____	37
Figura 10 – O flanelógrafo _____	37
Figura 11 - Cartaz _____	38
Figura 12 – Caixa Valor do Lugar _____	38
Figura 13 – Programa Experimental de Matemática _____	40
Figura 14 - Problema da Unidade de Trabalho <i>A Cidade das Rosas</i> _____	42

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2. CAMINHOS DA PESQUISA</b>	<b>13</b>
2.1. Vozes do presente sobre o passado	15
2.2. O relatório de estágio de uma normalista	16
2.3. A pesquisa em História da Educação Matemática	18
<b>3. ORIGEM E PERCURSOS DE UMA ESCOLA DE IMIGRANTES ALEMÃES</b>	<b>23</b>
<b>4. AS AULAS DE MATEMÁTICA NOS ANOS DE 1960</b>	<b>32</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>46</b>
<b>6. REFERÊNCIAS</b>	<b>49</b>
<b>7. APÊNDICE</b>	<b>53</b>
7.1. Entrevista com Claudete Loth	53
7.1.1. Parte I – 15 de setembro de 2018	53
7.1.2. Parte II – 12 de abril de 2019	62
7.2. Entrevista com Elaine Silma Klein	64
7.2.1. Parte I - 05 de setembro de 2018.	64
7.2.2. Parte II – 05 de abril de 2019	72
7.3. Entrevista com Jussara Sander	74
7.4. Entrevista com Neiva Eslávia Lindemeyer	82
7.4.1. Parte I – 15 de setembro de 2018	82
7.4.2. Parte II - 05 de abril de 2019	92
7.5. Entrevista Com Vera Lucia De Paula	94
7.5.1. Parte I – 30 de setembro de 2018	95
7.5.2. Parte II – 13 de abril de 2019	103
<b>8. ANEXOS</b>	<b>107</b>
8.1. Ofícios e programas do CPOE/RS	107
8.1.1. Ofício circular nº 23, 7 de maio de 1960	107
8.1.2. Ofício circular nº 67, 19 de setembro de 1961	108
8.1.3. Comunicado nº 6, 17 de agosto de 1961	108
8.1.4. Comunicado nº 1, 11 de fevereiro de 1966	113
8.2. Modelos dos termos de autorização	130
8.2.1. Termo de Consentimento Informado	130
8.2.2. Declaração de Ciência	131

## 1. INTRODUÇÃO

Quando pensamos na nossa própria história, costumamos pensar os caminhos que percorremos para chegar até onde estamos. A minha história começa na escola. Em minhas primeiras memórias, lembro da escola como um lugar em que me sentia à vontade. Para mim, ir para a escola nunca era um problema. Os professores, os colegas, a biblioteca, as atividades extraclasse, entre diversas outras, me faziam ter um sentimento de pertencimento. A escola me proporcionou muitas experiências.

No dia em que fui buscar meu último boletim, lembro de dizer para meus professores: “Eu quero ser professor”. E foi assim que decidi entrar no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O primeiro ano de curso não foi nada fácil, pois em meio a tantas demonstrações e teoremas não conseguia relacionar a Matemática com a escola. Pensei em desistir.

No segundo ano de curso entrei para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, mais conhecido como PIBID. E foi o PIBID que me fez lembrar que a escola era o meu lugar. Durante os anos em que participei dos projetos, monitorias e aulas proporcionados pelo PIBID, consegui viver o espaço escolar de modo intenso e significativo, fortalecendo o desejo de me formar professor.

Em paralelo ao PIBID, outra atividade começava a me cativar: a pesquisa em História da Educação Matemática. Participei de eventos, escrevi e apresentei trabalhos sobre o tema, até que tive a oportunidade de ser Bolsista de Iniciação Científica do projeto “Estudar para Ensinar: práticas e saberes matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)”.

Todas estas atividades de que participei durante a graduação me faziam pensar na minha formação na instituição da qual sou egresso. Foi no Centro Sinodal de Ensino Médio de Sapiranga que estudei a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Herdeira da escola fundada por imigrantes alemães, iniciou suas atividades a partir do segundo semestre de 1850, uma das primeiras da região do Vale dos Sinos.

Sendo uma escola que surgiu dentro de uma comunidade de imigrantes, teve grande importância para a formação dos filhos dos moradores. A escola, que começou em uma sala improvisada na casa de algum imigrante, passou por diversos momentos e mudanças ao longo dos anos. De Associação Escolar a integrante da Rede Sinodal de

Educação, a escola enfrentou a Campanha de Nacionalização, no final dos anos 1930 e conseguiu manter as portas abertas apesar das restrições feitas pelos governos da época às comunidades de imigração alemã.

Nos anos 1960, a Escola Evangélica Duque de Caxias, como se chamava na época, era procurada como preparatório para o exame de admissão, nos últimos anos antes de ser implementada a Lei nº 5.692 de 1971 que modificou o ensino no país.

Então surgiu a ideia de pesquisar sobre a Escola Duque e como se constituíam as aulas de Matemática. Para isso, comecei a buscar fontes que me auxiliassem na busca por respostas. Iniciei a pesquisa entrevistando quatro ex-alunas e uma professora da década de 1960.

Inesperadamente, tive acesso a um relatório de estágio em que constavam todos os planejamentos do estágio realizado por uma aluna do Curso Normal<sup>1</sup> do Ginásio Estadual de Sapiranga na Escola Duque no ano de 1967. A partir deste material riquíssimo encontrado, pude voltar às ex-alunas e realizar novas entrevistas com o auxílio do fichário. Esse relatório produzido pela normalista, também proporcionou o encontro de outras fontes documentais, como livros didáticos e publicações oficiais do Estado.

Investigar como eram as aulas de Matemática na década de 1960 foi a primeira questão formulada para este trabalho. Ao longo da pesquisa outras questões foram aparecendo a medida em que novas fontes eram encontradas.

No capítulo seguinte mostro os caminhos da pesquisa, as fontes utilizadas e uma discussão sobre a pesquisa em História da Educação Matemática. No terceiro capítulo apresento as condições em que a escola estudada se constituiu e como ela se manteve ao longo do tempo sob a perspectiva histórica.

O quarto capítulo apresenta uma narrativa em que as diversas fontes encontradas são utilizadas para contar como eram as aulas de Matemática na década de 1960. Por fim, as considerações finais retomam a questão norteadora e as demais questões que surgiram ao longo do trabalho, fazendo uma reflexão sobre os resultados encontrados na pesquisa.

---

<sup>1</sup> Curso de Formação de Professores para o ensino primário.

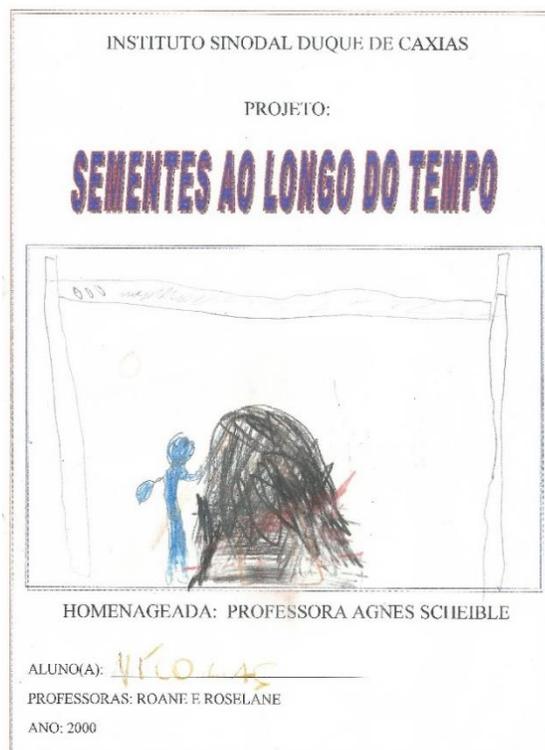
Este trabalho visa contribuir para o campo de pesquisa da História da Educação Matemática, no qual está inserido. Além disso, também pretende constituir fontes históricas, por meio das entrevistas publicadas em anexo, que possam subsidiar outras pesquisas.

## 2. CAMINHOS DA PESQUISA

Nos últimos meses de 2017, quando as primeiras ideias para este trabalho estavam ganhando forma, a intenção era buscar fontes que me ajudassem a compreender como eram as aulas de Matemática no início do século XX. Porém, não encontrei fontes suficientes para a pesquisa, então decidi deixar essa ideia de investigação para outro momento e pensar em um novo caminho.

Certo dia, organizando um armário de sapatos, encontro um trabalho realizado na pré-escola: “Sementes ao Longo do Tempo” (Figura 1). No ano de 2000, devido às comemorações dos 150 anos da instituição, cada turma ficou responsável por elaborar uma homenagem para pessoas que participaram da história da escola. Minha turma ficou responsável por homenagear a professora Agnes Scheible, conhecida por Dona Nesi.

Figura 1- Sementes ao Longo do Tempo



Fonte: Rosa (2000).

Dona Nesi foi professora do jardim de infância, durante 30 anos, nas décadas de 1950 a 1970. Na homenagem, algumas de suas ex-alunas escreveram depoimentos para colocar junto ao trabalho. Dentre as ex-alunas estava Claudete Loth, que foi minha

professora de Estudos Sociais da quarta série do Ensino Fundamental. Entrei em contato com ela e expliquei sobre meu interesse em pesquisar sobre a história da escola e as aulas de Matemática em tempos passados, entrevistando pessoas que frequentaram a escola. De imediato, Claudete aceitou participar da pesquisa e, ainda, me indicou três colegas suas para serem entrevistadas: Elaine Silma Klein, Neiva Eslávia Lindemeyer e Vera Lúcia de Paula. Todas elas estudaram o ensino primário na instituição no período de 1966 a 1970. Além das ex-alunas da escola, também pude entrevistar a professora do primeiro ano do primário da década de 1960, a professora Jussara Sander, indicada por Claudete. Tanto as ex-alunas como a professora frequentaram a escola nos anos 1960, por isso este foi o período escolhido para a pesquisa.

Em setembro de 2018 comecei a realizar as entrevistas, seguindo alguns procedimentos necessários para buscar garantir um bom resultado. No contato inicial me apresentei como aluno do curso de Graduação de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, expliquei sobre minha pesquisa e as convidei para as entrevistas. Todas as convidadas aceitaram participar deste trabalho. Ao me preparar para as entrevistas, elaborei um roteiro com perguntas abertas, em que não havia uma resposta certa ou errada. O roteiro, apresentado a seguir, serviu apenas para dar um andamento à entrevista. Durante as conversas surgiram outras perguntas, oriundas das memórias das ex-alunas; por isso, nem todas responderam as mesmas questões. Para auxiliar a construção de narrativa deste trabalho, as entrevistas foram transcritas.

#### Quadro 1 – Roteiro das Entrevistas 01

<p>Qual ano que começou a estudar na escola? Frequentou a escola por quanto tempo? Quais as séries?          Primeira lembrança quando falamos de escola?          Qual era o nome da escola na época?          Quem era o diretor na época?          O que lembra da escola?          Quais as matérias que estudava?          Quantos professores tinha?          Como era o espaço da sala de aula?          Como funcionavam as aulas (o/a professor(a) utilizava o quadro, ditava os enunciados)?          Usava caderno? Possui algum registro ainda daquela época?          Tem fotos, cadernos ou boletins da época em que estudou na escola?          Qual era a sua matéria preferida?          E as aulas de matemática? Quais os conteúdos que aprendiam? A professora usava algum livro didático? Faziam muitos exercícios? O que aprendia na aula de matemática usava em no seu dia-a-dia?          Tem algo que aprendeste na escola que usa até hoje no dia-a-dia, no trabalho, etc?</p>
--

A partir das memórias compartilhadas pelas ex-alunas e pela professora, pude compreender como era a escola na década de 1960. Porém, em um primeiro momento, as memórias não foram suficientes para constituir traços das aulas de matemática daqueles tempos. Cheguei a pensar em mudar o tema do trabalho, mas em uma situação inesperada tive acesso a um material precioso. No início de 2019, encontrei um relatório de estágio pertencente a uma normalista, guardado com outros pertences pessoais. Este relatório foi produzido por Ivonne Loth Peters e contém diversos planos de aula em seu período de estágio na escola, como aluna do Curso Normal.

A partir deste relatório, novas questões surgiram e outras fontes foram encontradas. Sendo assim, contatei as ex-alunas novamente e realizei uma segunda rodada de entrevistas, com perguntas elaboradas a partir das informações contidas no relatório. O roteiro (Quadro 2) elaborado para este momento também serviu como um guia para a entrevista. Ao total foram realizadas nove entrevistas, duas com cada ex-aluna e uma com a professora Jussara.

Quadro 2 – Roteiro das Entrevistas 02

<p>Como eram os problemas?          Usavam algum tipo de material didático? Quais? (mencionar os palitinhos de unidade, dezena e centena)          Lembra de utilizar o flanelógrafo em alguma aula? Como era usado?          Nas datas festivas, os problemas eram todos relacionados com o assunto?          A professora recolhia as tarefas do dia?          Os cadernos eram verificados?          Mostrar o livro nossos exercícios e estrada iluminada.</p>
--

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base nas entrevistas e no relatório, fui montando um dossiê com as informações encontradas sobre o ensino de Matemática na década de 1960 na Escola Evangélica Duque de Caxias.

## 2.1. Vozes do presente sobre o passado

O objetivo desta seção é apresentar as entrevistadas que se dispuseram a contar suas memórias, falando sobre o período em que frequentaram a Escola Evangélica Duque de Caxias.

Claudete Loth começou a frequentar a escola no jardim de infância em 1964, e lá estudou até concluir o ensino primário. Começou o primeiro ano em 1966 e se formou no

quinto ano em 1970. Depois de terminado o ensino primário, fez o exame de admissão e ingressou no curso ginásial.

Neiva Eslávia Lindemeyer iniciou os estudos também no jardim de infância e foi colega de turma de Claudete. Assim como Claudete, começou o primeiro ano em 1966 e o último ano na Escola Duque foi em 1970. Ela também fez o exame de admissão e ingressou no Ginásio Estadual de Sapiranga logo depois que se formou no ensino primário.

Já Vera Lúcia de Paula, iniciou na Escola Duque no segundo ano do ensino primário em 1967. Antes disso, estudava em uma Escola Estadual. Após frequentar o quinto ano, também prestou o exame de admissão e passou a cursar o curso ginásial em Sapiranga.

Elaine Silma Klein começou os estudos na Escola Duque em 1968, no terceiro ano do ensino primário. Frequentou a escola até completar o curso primário, em 1970.

Jussara Sander foi aluna e professora da escola. Quando cursou a Escola Normal para ser professora, seu estágio também foi realizado na Escola Duque. Foi professora da instituição de 1965 até 1972.

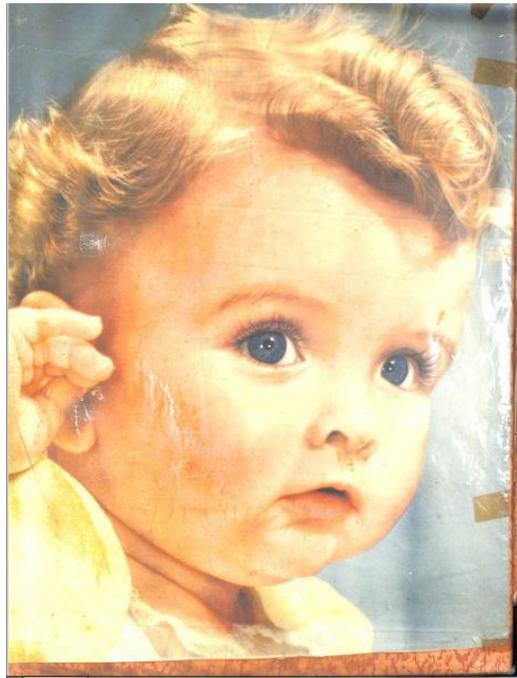
As memórias contadas pelas ex-alunas e professora da instituição são de extrema importância para este trabalho. Utilizar estas memórias como fontes de pesquisa para a História da Educação Matemática, permite o estudo da sala de aula na perspectiva de quem a vivenciou.

## **2.2 O relatório de estágio de uma normalista**

Desde seus 18 anos, Ivonne Loth Peters já lecionava em uma escola na Zona Rural de Sapiranga. Com a emancipação do município em 1955, Ivonne foi contratada pela recém-criada Prefeitura de Sapiranga, para ser responsável pelo Departamento de Ensino. A convite do então Diretor Lucio Fleck, pediu cedência ao município e passou a lecionar na Escola Evangélica Duque de Caxias, a partir de 1960. Enquanto estava dando aulas na instituição, fazia sua formação no Curso Normal do Ginásio Estadual de Sapiranga. Segundo Souza (2016), o curso ginásial foi criado em 1956 e hoje é o atual Instituto Estadual de Sapiranga. Já o Curso Normal, foi implementado em 1960.

Em 1967, a professora e normalista realizava seu estágio obrigatório na Escola Evangélica Duque de Caxias. Durante o primeiro semestre, foi estagiária na turma do segundo ano do ensino primário. Como tarefa e requisito do estágio, produziu um relatório, compilado em um fichário com mais de 400 folhas, em que constam todas as atividades planejadas e aplicadas por ela em sala de aula. Com a autorização da família, digitalizei este relatório e o disponibilizei no Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina (PETERS, 1967).

Figura 2 - Capa do relatório de estágio de Ivonne Loth Peters.



Fonte: Peters (1967).

O conteúdo presente no relatório é uma preciosidade para a História da Educação. Nele encontramos referências bibliográficas, atividades de aula, produções de alunos, relatos escritos da professora, informações importantes para reconstituir a sala de aula da década de 1960 da Escola Evangélica Duque de Caxias. Os registros das atividades de Matemática dão indícios de como eram as aulas de matemática no período estudado neste trabalho. O fichário foi um achado importante e é uma fonte fundamental para auxiliar na narrativa desta pesquisa.

### 2.3. A pesquisa em História da Educação Matemática

Pesquisar a História da Educação Matemática nos transporta para o passado e nos faz refletir sobre as práticas de matemática realizadas em salas de aula. Como eram as aulas? Por que se ensinava de determinada maneira? Quais eram os objetivos? São inúmeras questões que, aos poucos, são encontrados vestígios que nos aproximam do passado e nos auxiliam na busca por respostas.

A escola tende a ser suscetível a fatores externos, como questões políticas, religiosas ou sociais. Ao se estudar sobre a cultura escolar<sup>2</sup> das instituições, devemos levar em consideração as “relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história” (JULIA, 2001, p. 10).

As produções de estudos sobre a História da Educação no Brasil vêm aumentando desde os anos 2000 (RIOS, 2012, p. 8). Articulado à área, cresce também o estudo sobre as disciplinas escolares. Em 1990, André Chervel já discorria sobre o interesse dos professores pela história de suas próprias disciplinas:

Dos conteúdos do ensino, tais como são dados nos programas, o interesse então evoluiu sensivelmente para uma visão mais global do problema, associando-se as ordens do legislador ou das autoridades ministeriais ou hierárquicas à realidade concreta do ensino nos estabelecimentos, e, algumas vezes até mesmo a produção escrita dos alunos (CHERVEL, 1990, p. 177).

Com a matemática não foi diferente. Os conteúdos exigidos nos programas de ensino, a formação de professores, práticas de ensino, provas, materiais didáticos e registro de alunos são alguns exemplos de onde podemos encontrar indícios sobre o ensino de matemática de tempos passados. Chervel (1990) defende que o estudo da história das disciplinas pode exercer um papel importante na história da educação:

Porque são criações espontâneas e originais do sistema escolar é que as disciplinas merecem um interesse todo particular. E porque o sistema escolar é detentor de um poder criativo insuficientemente valorizado até aqui é que ele desempenha na sociedade um papel o qual não se percebeu que era duplo: de fato ele forma não somente os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global (CHERVEL, 1990, p. 184).

Estudar os caminhos que a Educação Matemática percorreu ao longo do tempo, permite ao pesquisador/historiador contar uma história. Valente (2013) defende que o

---

<sup>2</sup> Dominique Julia (2001, p. 10) explica Cultura Escolar, resumidamente, como “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos.”

papel do pesquisador/historiador é, a partir de vestígios deixados no presente pelo passado, construir os fatos históricos e “apresentá-los sob a forma de uma narrativa” (p. 25). Essa narrativa será uma representação do passado da História da Educação Matemática. A produção de narrativas contribui para a História Cultural<sup>3</sup>.

O autor ainda discorre sobre a relevância dos estudos no campo da História da Educação Matemática. Muito mais do que saber como e por que a matemática era ensinada em tempos passados – mesmo que isso também seja importante – é relevante proporcionar aos professores de matemática uma relação científica com o passado. Assim, como pesquisador/historiador, podemos desmistificar as “relações ingênuas, míticas, românticas e memorialísticas sobre as práticas do ensino de matemática realizadas noutros tempos” (VALENTE, 2013, p. 28).

Nessa perspectiva, é importante mencionar também a relevância de estudos históricos em cursos de formação de professores de matemática. Se o professor de matemática em formação obtém

conhecimento das contribuições, ao longo do tempo, de como cientistas, estudiosos e matemáticos desenvolveram e sistematizaram Função [por exemplo] como conteúdo matemático, fundamental para o professor em formação, também, é a ciência de como, a matemática que ele irá ensinar em sua profissão organizou-se/reorganizou-se levando em conta a forma escolar mutante desse conceito em diferentes épocas escolares (VALENTE, 2013, p. 35).

Segundo Peter Burke (1992), a Nova História Cultural surge como um complemento da história “tradicional”. O autor faz uma comparação dizendo que, enquanto a história “tradicional” trata mais sobre assuntos políticos, analisa os grandes feitos de grandes homens, é baseada em documentos oficiais e pretende apresentar a história de maneira objetiva, a Nova História Cultural está interessada em toda atividade humana, presta atenção nas pessoas comuns e em suas experiências, considera uma diversidade de evidências (visuais e orais, por exemplo) e apresenta a história como uma construção a partir da interpretação das fontes encontradas.

Para Burke (2004), o “interesse histórico pela narrativa é, em parte, um interesse pelas práticas narrativas características de uma cultura em particular, as histórias que as pessoas naquela cultura ‘contam a si mesmas sobre si mesmas’” (p. 158). As histórias

---

<sup>3</sup> Para Grazziotin e Almeida (2012), a “História Cultural toma a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens e mulheres para explicar e entender o mundo” (p. 12)

contadas pelas pessoas “comuns” nos dizem sobre a perspectiva histórica de quem vive a história. O que quero dizer é que o ponto de vista apresentado por estas pessoas nos oportuniza o conhecimento da história além do que contam os documentos oficiais. Para essas situações, a oralidade é um recurso importante para a construção das narrativas.

A História Oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a História Oral propõe desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical do sentido social da história (THOMPSON, 1998, p. 44).

Esta longa citação, se faz necessária, pois, para Thompson (1998), explica a essência da História Oral. Um cuidado que se deve ter ao tomar a História Oral como um caminho de pesquisa é a produção da memória. Quando precisamos de informações de tempos passados, nem sempre essas memórias estarão disponíveis ou, com o passar do tempo, a percepção das informações pode ter sido modificada.

Grazziotin e Almeida (2012) distinguem História Oral e memória. Para as autoras, enquanto a memória é um documento produzido por meio da oralidade, a História Oral é a metodologia utilizada de modo a relacionar teoria com os dados empíricos coletados.

Thompson (1998) diz que as memórias estão ligadas aos sentimentos. Além disso, quando recorremos às memórias para construir uma narrativa, devemos levar em consideração que os acontecimentos relatados não serão precisos e o que será contado é uma repercussão do acontecido naquela sociedade sob a perspectiva de quem conta (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012, p. 23). Ou seja, a memória é um registro/reflexão sobre acontecimentos passados de acordo com as experiências de cada pessoa.

Um indivíduo, quer fale espontaneamente de seu passado e de sua experiência, quer seja interrogado por um historiador, não falará senão do presente, com as palavras de hoje, com sua sensibilidade do momento, tendo em mente tudo quanto possa saber sobre esse passado que ele pretende recuperar com sinceridade e veracidade (ROUSSO, 1992, p. 98).

As memórias são, geralmente, produzidas por meio de entrevistas com personagens que vivenciaram o momento da história que se está pesquisando. Para

Thompson (2004), gerar bons resultados nas entrevistas exige habilidade. Segundo o autor, existem diversos tipos de entrevistas e cabe ao historiador encontrar a melhor maneira de fazê-las. Porém destaca algumas habilidades essenciais que o entrevistador deve possuir: “interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar” (p. 254). Ou seja, um bom historiador oral é um bom ouvinte.

A partir das entrevistas, a História Oral pode se constituir, de um modo geral, de três maneiras: a narrativa da história de uma única pessoa, uma coletânea de narrativas ou de análise cruzada, em que as memórias são fontes de informação (THOMPSON, 1998, p. 303-304). Portanto, não há regras estritas ao usar a História Oral como metodologia. As recomendações citadas anteriormente possibilitam que a narrativa construída seja mais do que um compilado de entrevistas.

Como a nova História Cultural considera uma quantidade maior de fontes, devemos ter o cuidado de fazer as fontes conversarem entre si. Faria Filho (1997) diz que ao escolhermos nossas fontes para uma pesquisa devemos observar que os diversos tipos de fontes apresentam diferentes características que devem ser levadas em consideração.

O que diferencia uma fotografia de um documento escrito, uma história de vida de uma pintura, concebidas enquanto fontes para o trabalho historiográfico, é tanto a sua materialidade, a sua forma de se apresentar ao pesquisador no momento da pesquisa, mas também, as distâncias que estes documentos guardam uns dos outros enquanto alternativas diferenciadas e irredutíveis umas às outras, de registro e produção da experiência humana (FARIA FILHO, 1997, p. 113).

O cruzamento de fontes distintas surge como uma estratégia de análise. Para Faria Filho (1997), é fundamental que as fontes utilizadas sejam compreendidas “em suas dinâmicas e materialidades próprias” (p. 120).

Assim, por meio de diversos tipos de documentos, incluindo os registros de depoimentos orais, podemos escrever sobre as marcas das disciplinas escolares e refletir sobre as contribuições destas para a escola e a sociedade. Este trabalho, inserido no campo de pesquisa da História da Educação Matemática, tem como objetivo analisar o que dizem as fontes sobre o ensino de Matemática da Escola Evangélica Duque de Caxias na década de 1960 e investigar como aconteciam as aulas de matemática.

Utilizando a História Oral e o cruzamento de fontes como metodologia de pesquisa, são construídas narrativas que auxiliam a contar sobre como eram as aulas de Matemática na instituição.

### 3. ORIGEM E PERCURSOS DE UMA ESCOLA DE IMIGRANTES ALEMÃES

Com a proclamação da Independência do Brasil em 1822, houve uma intensificação nos movimentos migratórios para o país. De acordo com Corrêa (2005), o branqueamento da população, substituição dos escravos por mão-de-obra barata, ocupação em territórios estratégicos e a criação de trabalhadores agrários responsáveis pela produção de alimentos são alguns dos interesses que o país tinha com a vinda dos imigrantes.

A austríaca Maria Leopoldina Josefa Carolina de Habsburgo, Imperatriz Consorte do Império do Brasil, foi quem incentivou e articulou a vinda de imigrantes da região onde nascera. No Rio Grande do Sul, então Província de São Pedro, os primeiros imigrantes alemães, em sua maioria agricultores sem-terra, chegaram em julho de 1824 na região de São Leopoldo. Estes imigrantes vieram da Bavária, Hessen, Hannover e Hamburgo (BIEHL, 1999).

A Colônia Alemã de São Leopoldo foi sendo organizada por meio das picadas, uma “forma básica de penetração na floresta subtropical, na qual se busca abrir com os instrumentos disponíveis vias, ao longo das quais vão sendo instalados imigrantes, em lotes que lhes são designados” (DREHER, 2005, p. 15). No pedaço de terra que recebia, o imigrante era responsável por construir sua moradia e as instalações necessárias para a vida de agricultor.

Com o passar dos anos, novos imigrantes chegavam à região do atual Vale do Rio dos Sinos, sendo necessária a abertura de novas picadas. Com isso, foram surgindo novas comunidades. Em sua maioria, os imigrantes eram religiosos, trazendo de sua terra natal a religião evangélica luterana. A partir de 1833, a região hoje determinada pelo município de Sapiranga<sup>4</sup> começou a ser povoada por imigrantes alemães. Porém a colonização sistemática da Fazenda do Padre Eterno, como era conhecida a região, só iniciou a partir de 1845, quando Peter Schmidt e Johann Kraemer adquiriram terras do governo e começaram a vender lotes aos imigrantes (FLECK, 2001).

Inicialmente, a preocupação dos imigrantes era construir suas casas e, em seguida, começar o preparo da terra, para que pudessem plantar e garantir o sustento

---

<sup>4</sup> Recebeu este nome por volta de 1900, devido a uma fruta em abundância na região, o Araçá-Piranga.

da família. Este período inicial era conhecido como fase de subsistência, em que o imigrante conseguia colher apenas para o sustento familiar. Depois desta primeira fase, preocupados com a educação dos filhos, os imigrantes resolveram se unir para construir uma escola na comunidade (FLECK, 2001).

No segundo semestre de 1850, já funcionava a primeira escola da Fazenda do Padre Eterno<sup>5</sup>. De início, não havia um prédio escolar, portanto, imagina-se que as aulas ocorriam na casa de algum dos moradores da comunidade. Com a construção da igreja em 1851, as aulas foram transferidas para lá. A escola surgiu a partir de uma Associação Escolar, e foi nomeada *Deutsche Evangelische Schulverein* (Associação Escolar Evangélica Alemã). A comunidade era a responsável por manter a associação e, em 1880, ergueu o primeiro prédio escolar.

São poucos os registros que contam o início da Associação Escolar. Com os documentos existentes, segundo Fleck (2001), há indícios de que, para frequentar a escola, os pais dos alunos deveriam ser membros da comunidade, pagando uma anuidade à Associação Escolar.

As escolas originárias a partir do esforço de imigrantes alemães não seguiram os caminhos das escolas públicas instituídas pelo estado do Rio Grande do Sul. Segundo Mauro (2005), o sistema educacional alemão era bem diferente do brasileiro no século XIX.

As escolas existentes, além do número reduzido, concentravam-se nas regiões mais populosas e eram quase inexistentes nas regiões para onde se dirigira a maioria dos imigrantes. A situação educacional no RS era, de um modo geral, bastante deficitária até o final do século XIX (MAURO, 2005, p. 63).

Sendo assim, os imigrantes tomaram a frente e começaram a fundar suas próprias escolas nas comunidades em que viviam. De modo geral, como não eram regulamentadas pelo estado, as escolas teuto-brasileiras apresentavam currículo e período escolar diferentes dos estabelecidos pelos programas oficiais (MAURO, 2005, p. 78).

De início, os imigrantes mais letrados e os pastores da igreja foram os professores. Nos primeiros tempos da escola, as aulas eram ministradas em alemão. Então, em 1925,

---

<sup>5</sup> De acordo com os relatórios semestrais do Dr. Johann Daniel Hillebrand, Diretor da Colônia Alemã de São Leopoldo (FLECK, 2001).

o primeiro professor da escola formado pelo *Evangelische Lehrerseminar* (Seminário Evangélico de Professores), Homero Dias Cardoso, foi contratado. Além de falar português, o professor também dominava o alemão.

Devido a dificuldades financeiras, em 1938 a Associação Escolar foi extinta e a escola passou a ser mantida pela Comunidade Evangélica, hoje Paróquia Evangélica de Sapiranga (FLECK, 2001). No mesmo ano, foi implementada a Campanha de Nacionalização do Ensino, pelo Estado Novo de Getúlio Vargas (1937 – 1946). Para Wanderer (2007), a Campanha de Nacionalização foi “um dos mecanismos regulamentadores do conjunto da população de descendentes de alemães no Rio Grande do Sul ao longo do Estado Novo” (p. 52). O Colégio Sapiranguense, como era chamado na época, foi diretamente afetado pelas medidas tomadas. Inicialmente houve a proibição do uso do idioma alemão dentro das salas de aula e o nome da escola também teve que ser mudado, passando a se chamar Escola Duque de Caxias. Além do idioma, havia a alegação do Estado de que as escolas em zonas de imigração, principalmente de imigrantes alemães, estariam propagando ideias antibrasileiras (WANDERER, 2007). Segundo Lucio Fleck (2001), fiscais de ensino visitavam a instituição periodicamente para verificar o que estava sendo ensinado nas aulas da escola de comunidade alemã.

Segundo Búrigo (2015), durante o período da Campanha de Nacionalização as escolas particulares deveriam se registrar na Diretoria Geral da Instrução Pública. Com o Decreto-Lei nº 8.529, de 02 de janeiro de 1946<sup>6</sup>, conhecido como a Lei Orgânica do Ensino Primário, todas as escolas passam então a ser regulamentadas pelo Estado.

Art. 24. Os estabelecimentos de ensino primário, públicos e **particulares**, formarão, em cada Estado, em cada Território e no Distrito Federal, **um só sistema escolar**, com a devida unidade de organização e direção (BRASIL, 1946, grifo meu).

Sendo uma escola particular, a Escola Duque de Caxias, de acordo com o artigo 24, passava a fazer parte do sistema escolar do Estado. A Lei Orgânica do Ensino Primário definia que para os estabelecimentos particulares serem considerados como Curso Primário, a instituição deveria oferecer o curso elementar e o curso complementar.

---

<sup>6</sup> Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 12 mai. 2019.

Art. 7º O curso primário elementar, com quatro anos de estudos, compreenderá:

- I. Leitura e linguagem oral e escrita.
- II. Iniciação matemática.
- III. Geografia e história do Brasil.
- IV. Conhecimentos gerais aplicados à vida social, à educação para a saúde e ao trabalho.
- V. Desenho e trabalhos manuais.
- VI. Canto orfeônico.
- VII. Educação física.

Art. 8º O curso primário complementar, de um ano, terá os seguintes grupos de disciplinas e atividades educativas:

- I. Leitura e linguagem oral e escrita.
- II. Aritmética e geometria,
- III. Geografia e história do Brasil, e noções de geografia geral e história da América;
- IV. Ciências naturais e higiene.
- V. Conhecimentos das atividades econômicas da região.
- VI. Desenho.
- VII. Trabalhos manuais e práticas educativas referentes às atividades econômicas da região.
- VIII. Canto orfeônico.
- IX. Educação física.

(BRASIL, 1946)

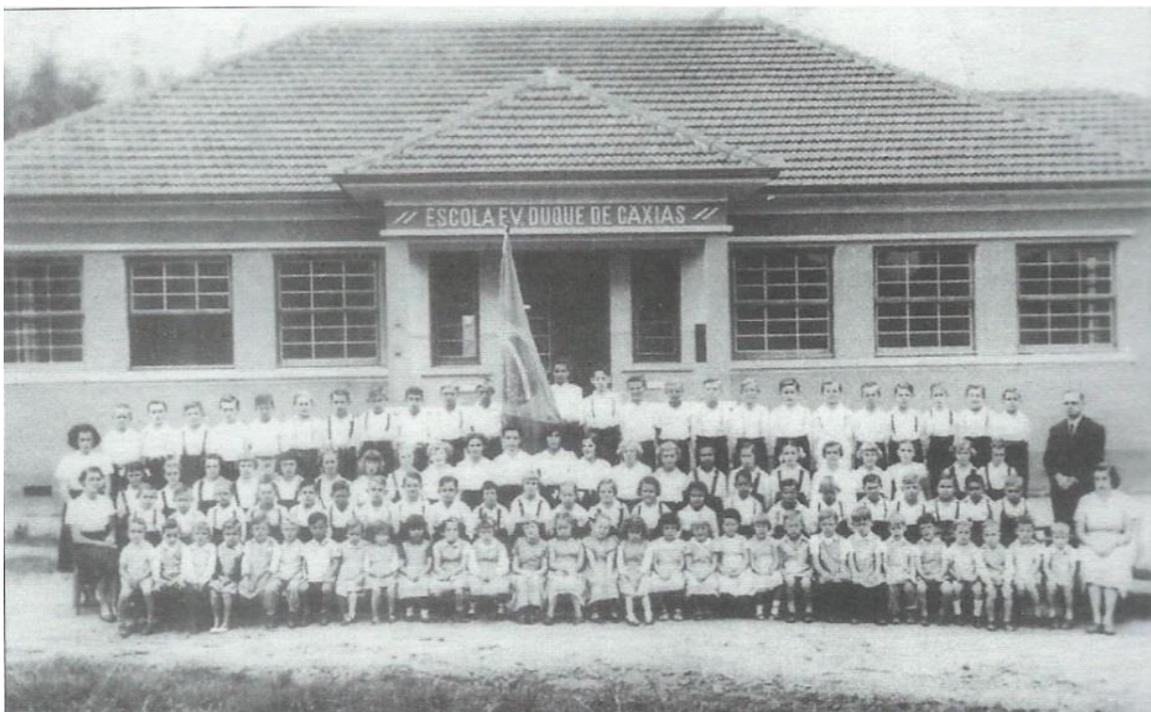
Com o fim do Estado Novo, as políticas da Campanha de Nacionalização do Ensino foram enfraquecendo. Em 1951, a Comunidade Evangélica contratou um novo diretor para a Escola Duque de Caxias, o professor Lucio Fleck, que ficou no cargo por 33 anos. Formado pela Escola Normal Evangélica de São Leopoldo em 1938, foi professor de escolas estaduais e municipais. Além disso, regia corais nas Sociedades de Canto existentes na região de imigração alemã. Em novembro do mesmo ano, a Comunidade Evangélica inaugurou o novo prédio escolar, criado para atender ao crescimento no número de matrículas. Ainda no mesmo ano, a escola passou a ser chamada de Escola Evangélica Duque de Caxias.

Figura 3 – Inauguração do Prédio Escolar, 18 de novembro de 1951. Orador, Professor Lucio Fleck.



Fonte: Fleck (2001).

Figura 4 – Escola Evangélica Duque de Caxias, 1953. Em pé, à direita, Professor Lucio Fleck; sentada, Professora Agnes Scheible.



Fonte: Fleck (2001).

Em dezembro de 1953, foi realizado um plebiscito para a emancipação de Sapiranga do município de São Leopoldo. Os votos a favor da emancipação foram maioria e um ano depois, pela Lei nº 2.529, de 15 de dezembro de 1954, foi criado o município de Sapiranga, a Cidade das Rosas. A primeira eleição para vereadores, prefeito e vice-prefeito foi realizada em 20 de fevereiro de 1955. A data oficial do aniversário da cidade é comemorada em 28 de fevereiro, dia em que Edwin Kuwer assumiu como primeiro prefeito de Sapiranga.

O diretor e também professor de Matemática e Linguagem, Lucio Fleck, aparece nas memórias de suas ex-alunas. Sempre presente em suas memórias, Claudete, Elaine, Neiva e Vera relembram do professor e de suas ações para a Escola Duque.

Eu acho que o Lucio Fleck é uma pessoa que tem que ser lembrada sempre. Não só no Duque, mas como educador. Porque ele foi uma pessoa à frente do seu tempo. Porque na época, ele realmente era mais jovem. E ele fez muito pela escola. Ele era um diretor muito severo. [...] **Essa parte principalmente da música, do coral, da dança, esse diferencial que a escola tinha em relação a outras escolas**, isso se deve ao Seu Lucio. [...] Mas ele foi uma pessoa que, se eu lembro de Duque, eu lembro de Lucio Fleck. **Porque ele foi muito dedicado à escola**. Ele morava dentro do pátio, então a escola era a vida dele (LOTH, 2018, grifo meu).

Eu gostava dele, porque as coisas com ele andavam. **Ele sabia, na minha opinião, ele sabia ser diretor**. Ele sabia administrar. E sempre com ele foi bom, sempre (KLEIN, 2018, grifo meu).

Nossa, o professor Lucio era uma pessoa muito sábia... De saber lidar com tudo. Me lembro assim, ele era rígido, mas ele era um bom professor, ele sabia ensinar, ele educava, mas com amor. [...] **As aulas de violino, de dança, o coral, eram muito legais**. [...] **Ele era o diretor, mas ao mesmo tempo ele na quinta série foi professor e era professor de matemática** (LINDEMEYER, 2018, grifo meu).

Ele era uma pessoa bem rigorosa, mas era uma pessoa bem acessível pra conversar. Nós todos, a gente tinha respeito, não era medo, era respeito. A gente sempre tinha respeito, mas por ele a gente tinha um respeito todo especial, ele era diretor. **Ele sempre deu aula para o 5º ano de Matemática e Português**, daí quando a gente passou na quarta série, “Bah! Ano que vem é o professor Lucio”, todo mundo temia a aula dele, mas ele era um bom educador, ele sabia explicar bem a matéria, uma pessoa simples, mas uma pessoa que exigia da gente que fosse disciplinado e ele era bem acessível. [...] **Eu acho que ele sempre foi uma pessoa muito dedicada à educação, porque ele além de cuidar da escola, ser diretor da escola, ele regia o coral que a gente participava, as danças que tinham... ele também fazia as danças, tudo isso era ele que fazia como professor da escola**. Ele era diretor, professor, e ainda fazia essa parte toda, sabe. Dele eu acho que só engrandecer mesmo (PAULA, 2018, grifo meu).

Para as ex-alunas, o diretor Lucio Fleck era um educador dedicado, preocupado com seus alunos e com as atividades escolares. As aulas de dança, coral e instrumentos

musicais faziam parte da rotina dos estudantes da Escola Duque na década de 1960, tudo organizado e supervisionado pelo diretor.

No mesmo período, o Exame de Admissão ao Ginásio era um dos motivos pelos quais a população mais procurava a instituição. Segundo Fleck (2001), a Escola Duque era referência para quem buscava ingressar no curso ginásial.

O normal, em qualquer estabelecimento de ensino, é a formação da pirâmide, isto quer dizer: a 1ª série com o maior número de matrículas, a 2ª série um pouco menos e assim decrescendo até a 5ª série com o número menor de alunos. No Duque, como a população denominava a nossa escola, nos anos 60 e 70, foi o inverso: a 5ª série mais forte do que a 1ª. Por quê? A explicação: as famílias que moravam mais afastadas do Duque, matriculavam seus filhos, para a 1ª série, na escola mais próxima. Mas quando a criança chegava à 4ª série, os pais começavam a preocupar-se com o futuro resultado no Admissão. E aí lembravam do Duque e procuravam assegurar matrícula nesse estabelecimento. Esse era o motivo da matrícula superior nas 4ª e 5ª séries (FLECK, 2001, p. 137).

De acordo com as ex-alunas, no período da década de 1960, as matérias lecionadas na escola eram Linguagem, Matemática, Estudos Sociais, Ciências da Natureza, Educação Moral e Cívica, Religião, Desenho e Educação Física. Do primeiro ao quarto ano, cada turma tinha apenas uma professora que era responsável por lecionar todas as matérias. Já no quinto ano, cada turma tinha dois professores responsáveis. Além disso, existiam atividades manuais que ocorriam aos sábados pela manhã.

As matérias que eu estudei na escola [...] eram Português, Matemática, Ciências e Estudos Sociais, que era chamado na época. Daí tinha Educação Física, Artes, Artes Domésticas, que tinha, que na época a gente tinha aulas aos sábados pela manhã. Aos sábados pela manhã era um horário da turma que estudava de manhã, das 7 às 9 horas, das 9 às 11 horas era o horário da turma que estudava na parte da tarde. E nos sábados normalmente eram técnicas que a gente estudava. Era bordado, os meninos faziam trabalho com MDF, coisas assim. Faziam porta-ovos, na época existia umas serrinhas pequeninhas, que eles trabalhavam com aquelas serrinhas e aprendiam a fazer trabalhos com isso. E a gente aprendia a bordar, tricô, quem queria fazer o trabalho com a serrinha também podia fazer (PAULA, 2018).

A escola oferecia turmas nos dois turnos, manhã e tarde. As aulas geralmente iniciavam com uma oração e uma canção e em seguida começavam as atividades planejadas pelas professoras. A relação entre as professoras e seus alunos era uma relação de muito cuidado e carinho, mas também de cobrança. Jussara Sander, professora do primeiro ano de 1965 a 1972, carinhosamente descreve essa relação: “Eu era a *choca*, e eles eram os pintinhos. Quando eu vinha vindo, lá longe, não é que eles saíam na disparada no meio da rua pra vir ao meu encontro?” (SANDER, 2018).

Era muito respeito. Os alunos gostavam tanto da professora ou do professor que chegavam em casa e diziam assim “Pai, não é assim”, “Por que não é assim?”, “Porque a minha professora disse que era assim, assim e assim”. E era amém. Voz da professora e do professor era a palavra mais sábia que tinha. E era muito bom, muito gostoso. E a gente não ganhava muito, nunca ganhamos muito como professor, mas era uma alegria tão grande, tão grande... Nossa, era no coração que a gente sentia. Era muito bom. Eu nasci pra ser professora. Se eu fizesse tudo de novo, eu novamente seria professora, eu não queria ser outra coisa (SANDER, 2018).

A Lei nº 5.692, de 11 de agosto 1971<sup>7</sup>, extinguiu o ensino primário e o curso ginásial, instituindo o ensino de primeiro grau (1ª a 8ª série) e o ensino de segundo grau (1ª a 3ª série). Segundo Fleck (2001), a nova lei fez com que a instituição perdesse o seu principal atrativo da época, a preparação para o exame de admissão. De início, a escola não ofereceu o segundo grau e nem as três últimas séries do primeiro grau, e por isso passou a ser denominada Escola Evangélica de Primeiro Grau Incompleto Duque de Caxias. Apenas em 1987, sob a direção de Waldomiro Dockhorn, foram implementadas as séries finais do primeiro grau e a escola teve seu nome mudado para Escola Evangélica de Primeiro Grau Duque de Caxias.

Na direção de Jadir Heitor Rasche, em 1993, a escola deixou de ser mantida pela Comunidade Evangélica, passando para a Instituição Sinodal de Assistência, Educação e Cultura (ISAEC), departamento da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil<sup>8</sup> (IECLB). A ISAEC cuida do setor educacional escolar e universitário das escolas vinculadas às Comunidades ou Paróquias Evangélicas. Assim, a escola passou a fazer parte da Rede Sinodal de Educação.

Com a implementação do Segundo Grau em 1995, a escola passou a se chamar Escola Evangélica de Primeiro e Segundo Graus Duque de Caxias. Por fazer parte da Rede Sinodal de Educação, em 1998 houve nova mudança no nome da escola, passando a se chamar Instituto Sinodal Duque de Caxias. Desde 2005, a escola se chama Centro Sinodal de Ensino Médio de Saporanga, possuindo duas unidades: a Unidade de Ensino Duque de Caxias e a Unidade de Educação Infantil Duque de Caxias.

---

<sup>7</sup> Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 20 de maio.

<sup>8</sup> A IECLB se constitui a partir da vinda de imigrantes alemães protestantes luteranos. As comunidades, existentes em todo o país, se organizaram em Sínodos. Atualmente, a Paróquia Evangélica de Saporanga, faz parte do Sínodo do Rio dos Sinos.

Figura 5 – Centro Sinodal de Ensino Médio de Saporanga, 2018



Fonte: Duque (2018)

#### 4. AS AULAS DE MATEMÁTICA NOS ANOS DE 1960

A criação do Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais do Rio Grande do Sul (CPOE/RS) em 1943, por meio do Decreto nº 794, trouxe novidades para a rede educacional do Estado. Segundo Quadros (2006), o CPOE/RS era o responsável pela “execução de estudos e investigações psicológicas, pedagógicas e sociais, destinadas a manter em bases científicas o trabalho escolar” (p. 127). Para isso o Centro tinha como atribuições

executar atividades de **orientação ao magistério**, por meio de cursos e reuniões; visitar as unidades escolares; dirigir ensaios pedagógicos; responder a consultas de ordem técnica; **elaborar programas, planos, comunicados, circulares e instruções**; manter uma biblioteca central de obras pedagógicas e escolares; **organizar o conteúdo pedagógico do Boletim de Educação da Secretaria da Educação e Cultura**; **indicar livros didáticos e obras para as bibliotecas escolares**; e, finalmente, elaborar medidas para organização das classes; promover orientação educacional e controlar o rendimento escolar (QUADROS, 2006, p. 127, grifo meu).

Os Boletins do CPOE/RS se constituíram como uma publicação institucional em que as orientações do Centro eram divulgadas (QUADROS, 2006). Em 1947 foi publicado o primeiro Boletim em que a informação, promoção e difusão de novas práticas eram vinculadas ao CPOE/RS. Essas publicações poderiam ser utilizadas por professores, diretores e agentes educacionais, por exemplo, como meio de informação sobre as novidades e pesquisas realizadas sobre educação.

Outra publicação que também circulou no Rio Grande do Sul e trazia artigos e novidades em relação à educação foi a Revista do Ensino/RS. Era uma publicação mensal dirigida aos professores e teve dois períodos de publicação: a primeira fase foi de 1939 a 1942 e a segunda fase, de 1951 a 1978. Para Pereira (2010), era um material de fácil acesso, o que possibilitava aos professores de diversas regiões do estado conhecerem as inovações didáticas da época. Em 1956, a Revista do Ensino/RS passou a ser publicada sob a supervisão do CPOE/RS. Até sua extinção, em 1971, o Centro foi um “grande norteador da natureza dos discursos proferidos nas páginas da Revista do Ensino/RS” (PEREIRA, 2010, p. 46).

Tanto os Boletins do CPOE/RS quanto a Revista do Ensino/RS aparecem como referências bibliográficas no Plano de Curso elaborado por Ivonne Peters para o estágio realizado na Escola Evangélica Duque de Caxias. Isso nos mostra que essas publicações

chegavam, de certa forma, aos professores do ensino primário, ou pelo menos aos normalistas, mesmo que em regiões não tão próximas da capital do estado, Porto Alegre.

A partir de dezembro de 1963, o CPOE/RS passa a contar com uma Comissão de Estudo do Livro e do Material Didático. Segundo Rios e Fischer (2018), essa comissão seria responsável por orientar os professores na escolha dos livros didáticos escolares, e essas orientações já passavam a valer para o ano seguinte. No Boletim dos anos de 1965 e 1966, o Comunicado nº 1 de 11 de fevereiro de 1966 apresenta a Orientação Bibliográfica para o Ensino Primário.

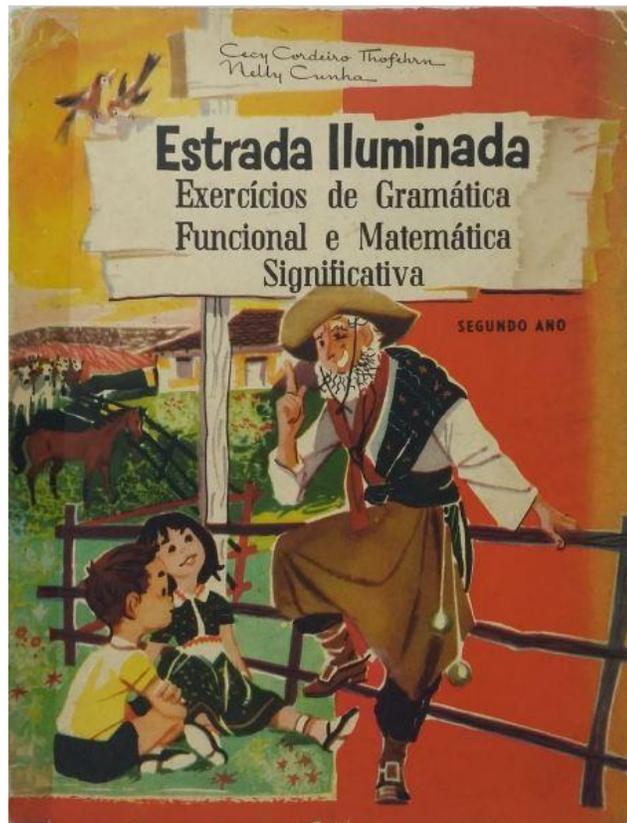
Nesse Comunicado, o livro didático é conceituado como “meio auxiliar do processo da aprendizagem”, que deve “ser utilizado pelo aluno para reforçar ou complementar o seu estudo sob a orientação do professor” (RIO GRANDE DO SUL, 1966, p. 293). Em seguida, é sugerida uma Bibliografia para o Ensino Primário. Dentre os livros, a coleção *Estrada Iluminada* de Cecy Thofehn e Nelly Cunha aparece como sugestão para as aulas de Matemática. Além disso, é feita uma observação de que o livro deveria ser utilizado tanto pelo professor, quanto pelos alunos.

Ainda no relatório de Ivonne, há a referência “Matemática Significativa – Série NELCI – E. do Brasil S.A.”. A coleção *Estrada Iluminada* faz parte da Coleção Didática do Brasil – Série NELCI e foi produzida pela Editora do Brasil S.A., como se pode observar nas folhas de rosto dos livros da coleção. Assim, temos um vestígio de que, pelo menos no segundo ano, o livro foi utilizado nas aulas de Matemática da Escola Duque.

Alves (2013) descreve as capas dos livros da coleção e argumenta sobre seu significado:

Todas as capas dos livros, apesar de produzidos para uso nos diferentes anos escolares, possuem a mesma imagem: um homem com trajes típicos do Rio Grande do Sul, encostado a uma cerca de madeira, conversando com duas crianças sentadas aos seus pés. Tem, ao fundo, a imagem de uma casa cercada de animais do campo, como vacas e cavalos. Essa imagem empresta aos livros dessa coleção uma ideia de regionalismo, o que será confirmado com a apresentação dos diferentes personagens em contextos que, muitas vezes, remetem à vida no campo e com a presença de muitos textos pertencentes a autores gaúchos. Esta parece ser a proposta das autoras para a coleção: promover a valorização da tradição e da cultura gaúcha (ALVES, 2013, p. 145).

Figura 6 – Capa do livro *Estrada Iluminada*



Fonte: Repositório Institucional UFSC

Durante a primeira rodada de entrevistas, as ex-alunas não tinham recordações de utilizar livros de Matemática em suas aulas no Ensino Primário. Porém, na segunda rodada de entrevistas, quando já possuía o relatório de Ivonne em mãos e o indício de que a coleção *Estrada Iluminada* era utilizada, ao visualizarem a capa do livro, as ex-alunas lembravam de imediato do material.

Ah! Eu lembro. Desse livro eu lembro. Estrada Iluminada. Que engraçado, como a gente apaga da memória e quando a gente enxerga, que nem eu enxerguei a capa, eu reconheci. Sim esses eram os nossos temas de casa, a gente usava muito (LOTH, 2019).

Esse aqui eu me lembro. Olha como era diferente... Gramática Funcional e Matemática Significativa... Isso eu lembro... (KLEIN, 2019).

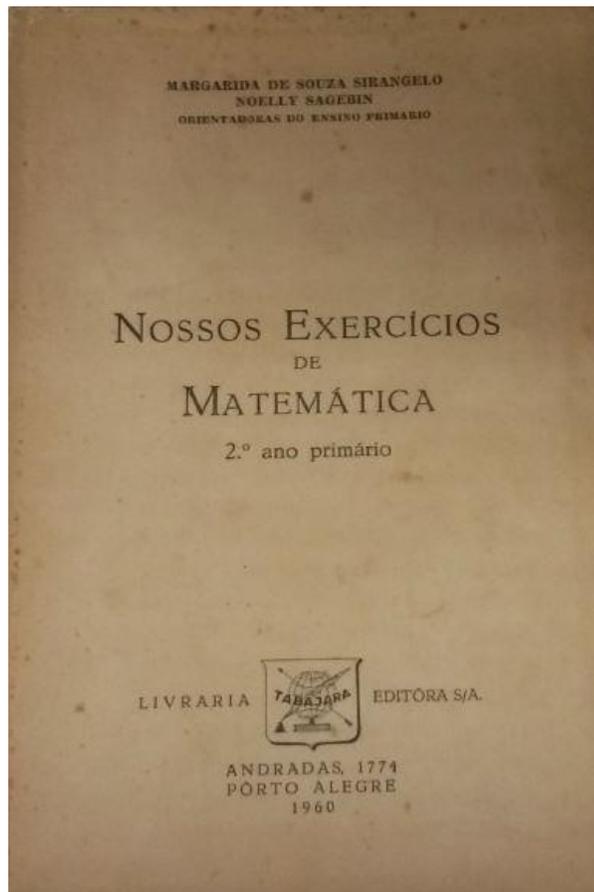
Ah... Essa foto [capa] não é estranha. Exercícios de Gramática... Estrada Iluminada... Isso eu me lembro! De ter que preencher... Eu tinha muita dificuldade por causa da interpretação (LINDEMEYER, 2019).

Esse [livro] eu lembro. A capa eu lembro. A gente tem a imagem de algumas coisas (PAULA, 2019).

Além disso, as ex-alunas também se recordaram de ter utilizado os livros da coleção durante todo o período em que estudaram na Escola Duque. Ou seja, temos uma evidência de que a coleção *Estrada Iluminada* era utilizada pelos alunos nas aulas de Matemática.

Outra coleção que aparece no Comunicado nº 1, é a coleção de 1º a 3º ano do Ensino Primário *Nossos Exercícios – Matemática*, de Margarida de Souza Sirângelo e Noelly Sagebin, publicada pela editora Tabajara. Há também uma observação de que o livro poderia ser utilizado pelos alunos e professores. No fichário de Ivonne, também encontramos evidências de que o livro era utilizado, pois há a referência “Matemática M. de Souza Sirângelo – E. Tabajara”. Porém, neste caso, as ex-alunas não lembram de ter utilizado o livro em sala de aula, mas sim dos conteúdos apresentados nos livros. Portanto, acredito que o livro era usado como auxílio à professora no planejamento de suas aulas.

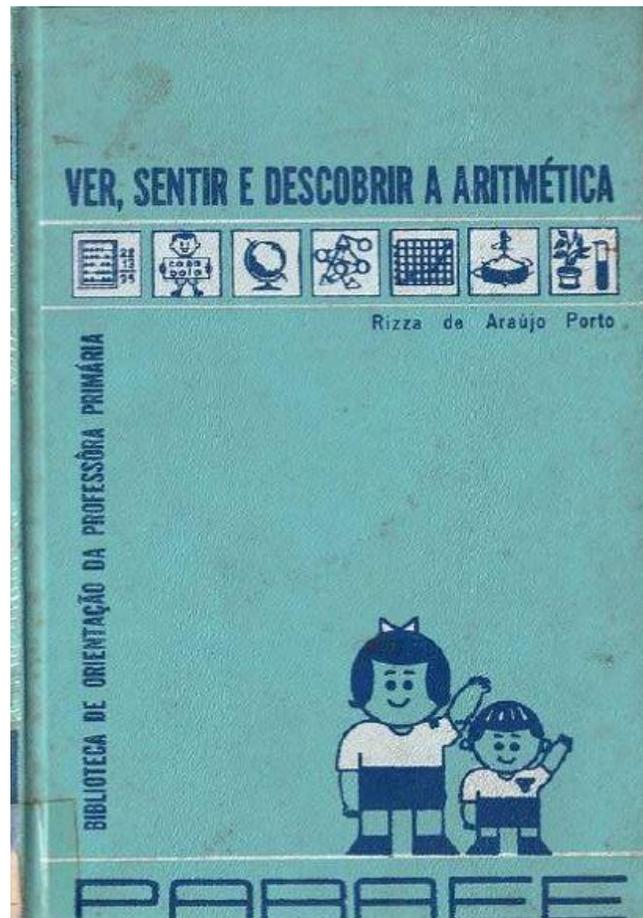
Figura 7 – Capa do livro *Nossos Exercícios*



Fonte: Repositório Institucional UFSC

Ainda no mesmo comunicado, há uma lista intitulada “Bibliografia para o Professor”, em que são sugeridas leituras para o seu estudo e aperfeiçoamento. Nesta lista encontramos o livro *Ver, Sentir e Descobrir a Aritmética* de Rizza Araújo Porto, um dos volumes da coleção de livros do Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (PABAE). Este programa era um acordo entre Brasil e Estados Unidos firmado com o objetivo declarado de melhorar a educação brasileira, reduzindo os índices de repetência e evasão escolar das escolas primárias. Dessa parceria surgiu a coleção Biblioteca de Orientação da Professora Primária. *Ver, Sentir e Descobrir a Aritmética* era o volume que trazia orientações para as aulas de Matemática (WASCHINEWSKI; RABELO, 2018).

Figura 8 – Capa do livro *Ver, Sentir e Descobrir a Aritmética*

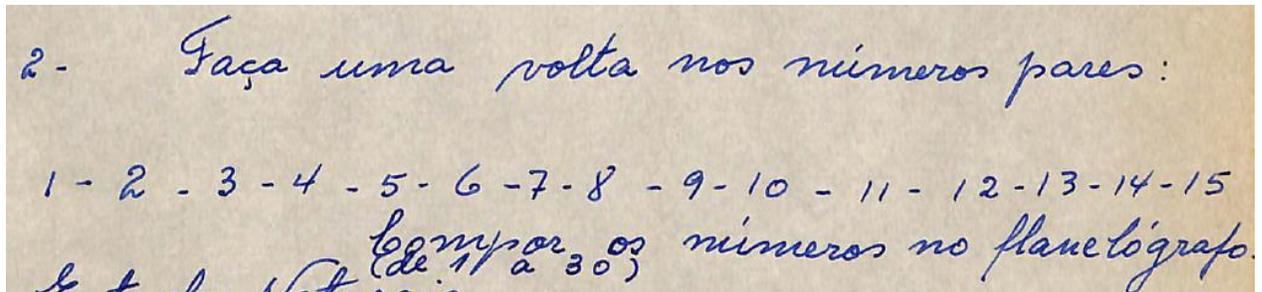


Fonte: Repositório Institucional UFSC

Este livro também aparece nas referências bibliográficas de Ivonne. Além dessa menção, ao longo dos planos de aula, a professora cita o uso do flanelógrafo, como

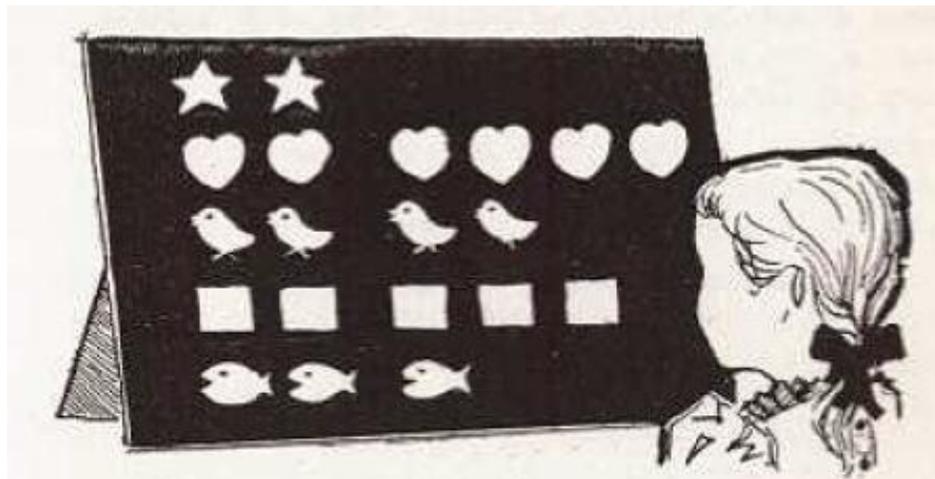
podemos ver na Figura 9, nas atividades por ela propostas, material sugerido pela autora do livro para as aulas de Matemática. O flanelógrafo (Figura 10) consiste em um papelão resistente forrado com flanela, utilizado para fixar figuras, proporcionando ao aluno visualizar o “abstrato de forma mais concreta” (PORTO, 1965, p. 41). As ex-alunas também lembram de ter utilizado este material durante seu período escolar.

Figura 9 – Recorte do plano de aula 8 de março de 1967: compor os números no flanelógrafo.



Fonte: Peters (1967).

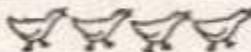
Figura 10 – O flanelógrafo



Fonte: Porto (1965).

Outra recomendação feita no livro da coleção do PABAEÉ era a utilização de cartazes para ensinar a aritmética por meio de “representações tangíveis das ideias e quantidades numéricas” (PORTO, 1965, p. 139). De acordo com a autora, o tipo de cartaz representado pela Figura 11 ajuda o aluno a juntar o símbolo com a quantidade que ele representa.

Figura 11 - Cartaz

	1
	2
	3
	4
	5

Fonte: Porto (1965).

A professora do primeiro ano, Jussara Sander, recorda os cartazes que havia em sua sala de aula:

A gente tinha uma faixa em cima do quadro com o alfabeto. E também em cima do alfabeto tinha os números de 1 a 10. Então tinha 1, 2, 3... E daí tinha a quantidade ou de passarinhos... Se era o 1, era o número 1 direitinho assim, daí aqui assim tinha um passarinho, daí aqui assim, [no número 2], tinha dois passarinhos ou dois ursinhos [...]. (SANDER, 2018).

O uso de materiais didáticos nas aulas de Matemática é uma das principais orientações contidas no livro. Porto (1965) diz que é papel da professora fornecer os materiais para seus alunos. Além disso, enfatiza que a professora deve compreender com clareza os objetivos a serem alcançados por meio do material para não confundir as crianças. A autora também comenta que os materiais podem ser feitos com recursos que as próprias crianças possam trazer de casa (p. 17-18).

Um dos materiais didáticos sugeridos no livro *Ver, Sentir e Descobrir a Aritmética* é a caixa valor do lugar (Figura 12), que consiste em uma caixa com três compartimentos: um para a unidade, outro para dezena e um para centena. Este material era utilizado para o aluno visualizar o valor da posição dos algarismos nos números.

Figura 12 – Caixa Valor do Lugar



Fonte: Porto (1965).

Jussara recorda de utilizar, como professora, um material parecido com o proposto no livro:

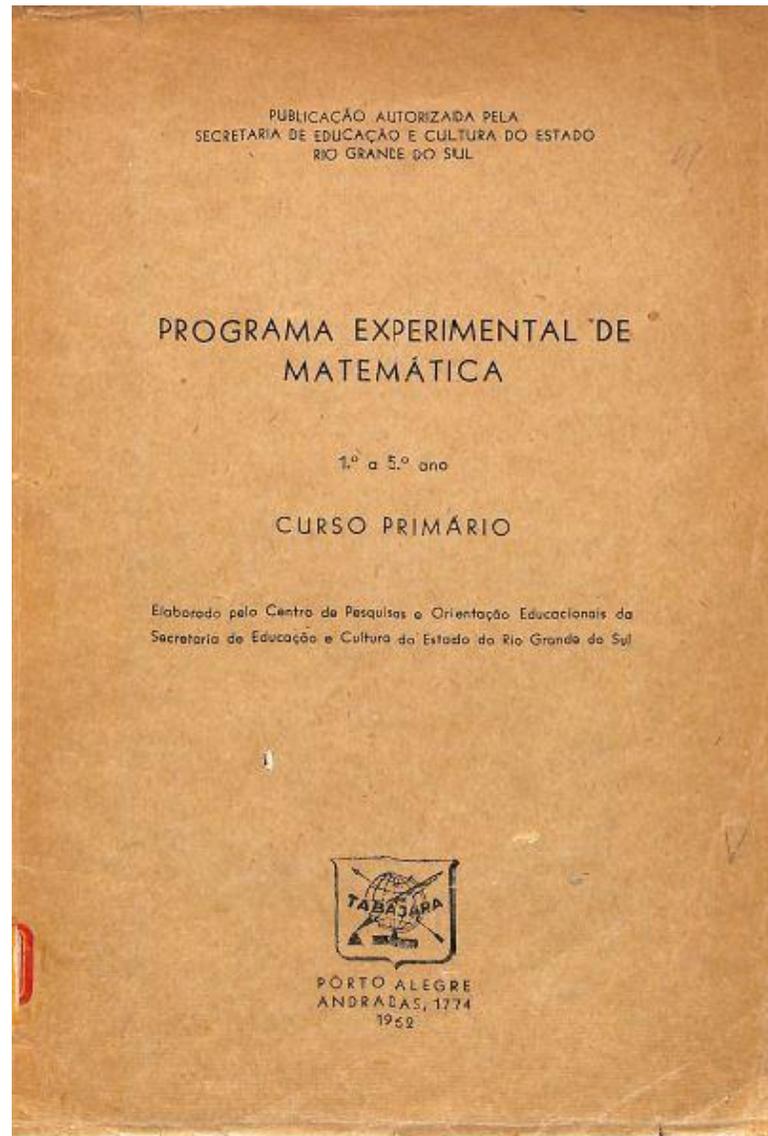
Eles tinham que sentir a quantidade dos números. Sentir o valor do número. Então nós fazíamos [...] uma casinha da unidade, da dezena e da centena. No máximo até cem para eles aprenderem bem. [...] Então a gente fazia palitinhos, esses palitinhos de sorvete, eles [os alunos] ajudavam, traziam tudo. Daí aqui assim da unidade, era de um até nove. Aí botava aqui a unidade. O cinco. Noventa e cinco. Então noventa, nós tínhamos assim, trouxinhas, nós fazíamos, de palitinho de dez em dez, então dava as dezenas. E aí nós colocávamos ali na dezena. E aí centena era só uma vez. Era dez vezes aquelas trouxinhas de dez. Daí a criança sentia o valor do número (SANDER, 2018).

Além da professora, as ex-alunas também se recordam de utilizar os palitinhos de picolé nas aulas de Matemática para aprender sobre o valor da posição dos números, e também como auxílio em contas de soma e subtração. Outros recursos utilizados como auxílio, de acordo com as ex-alunas, eram os palitos de fósforo, botões e grãos de feijão e milho.

Com estes indícios, podemos pensar que as orientações do livro *Ver, Sentir e Descobrir a Aritmética* também chegavam e eram seguidas pelas professoras da Escola Duque.

Outro documento importante que também estava em circulação na década de 1960 era o Programa Experimental da Matemática. O Ofício Circular nº 23 de 7 de maio, divulgado no Boletim de 1960, determina que todos os estabelecimentos de ensino primário adotem o Programa Experimental de Matemática. Este documento de 1959 também é uma produção do CPOE/RS e nele consta um programa de conteúdos matemáticos a serem estudados no ensino primário. Pelo Ofício Circular nº 67 de 19 de setembro de 1961, publicado no Boletim do ano seguinte, o CPOE/RS autoriza a publicação do Programa Experimental pela Editora Tabajara, devido à inúmera quantidade de solicitações do documento de orientação.

Figura 13 – Programa Experimental de Matemática



Fonte: Rio Grande do Sul (1962).

Fazendo uma comparação entre os conteúdos descritos no Plano de Curso do relatório de Ivonne e os conteúdos especificados para o segundo ano do Programa Experimental de Matemática, percebemos uma semelhança entre eles, inclusive no uso das palavras.

Quadro 3 – Conteúdos do 2º ano do ensino primário

<b>Plano de Curso (PETERS, 1967)</b>	<b>Programa Experimental</b>
Estudo da quantidade 100. Noção de centena. Escrita da quantidade 100.	Estudo da quantidade 100. Noção de centena. Escrita da quantidade 100.
Série numérica. Contagem por grupo em ordem crescente de 2 em 2, e de 5 em 5.	Séries numéricas. Contagem por grupos em ordem crescente (preparo para a multiplicação).
Numeração ordinal até vigésimo; conhecimento das horas e meias hora por números arábicos e romanos.	Numeração ordinal até vigésimo; Leitura de horas e meias horas (números arábicos)
Adição e subtração, com total e minuendo acima de 10.	Fatos fundamentais da adição e subtração, com total e minuendo acima de 10.
Domínio dos fatos fundamentais da adição e subtração.	Domínio dos fatos fundamentais da adição e subtração.
Prova da adição baseada na propriedade comutativa. Prova de subtração, obtendo-se o minuendo.	Prova da adição baseada na propriedade comutativa. Prova de subtração pela soma do resto ao subtraendo, obtendo-se o minuendo.
Significado da subtração como operação que resolve situação de "sobra", "falta" e "comparação".	Significado da subtração como operação que resolve situação de "sobra", "falta" e "comparação".
Adição com reserva e subtração como retorno, com total e minuendo até 100. Nomenclatura relativa.	Adição com reserva e subtração como retorno, com total e minuendo até 100. Nomenclatura relativa à adição e à subtração: parcelas, total, minuendo, subtraendo, resto.
Multiplicação como soma abreviada. Contagem por coleção. Significação e uso do sinal (x).	Compreensão objetiva da multiplicação como uma soma abreviada. Contagem por coleções. Significação e uso do sinal (x).
Fatos fundamentais fáceis da multiplicação e da divisão como fatores 1, 2, 5.	Fatos fundamentais fáceis da multiplicação e da divisão: 1) Fatos da multiplicação em que um dos fatores seja 1, 2, 5, 10; 2) Fatos da divisão relacionados com esses fatos da multiplicação.
Noção de meio. Meio de unidade.	Noção de meio. Meio de unidade.
Observação de objetos como forma de esfera, cubo e cilindro. Nomenclatura relativa.	Observação de objetos com a forma de esfera, cubo e cilindro. Uso apropriado às formas observadas: esfera, cubo e cilindro.
Identificação de cubo, esfera e cilindro em objetos usuais.	Identificação dessas formas em objetos usuais.
Ampliação da noção de medidas.	Ampliação da noção de medidas.
Avaliação de comprimento, largura e altura por meio de padrões pessoais: palmo, pé.	Avaliação de comprimento, largura e altura por meio de padrões pessoais: palmo, polegada, pé.
Uso do metro, do litro e do quilograma. Avaliação de comprimento, largura e altura. Medidas de líquidos. Avaliação de peso (massa).	Uso do metro, do litro e do quilograma, respectivamente em: a) avaliação de comprimentos, larguras e alturas; b) medição de líquidos; c) avaliação de pesos (massas).
Problemas – Indicados para o 2º ano, dentro dos limites numéricos até aqui estudados.	Problemas práticos, orais e escritos de adição e subtração com uma só operação: 1) problemas vividos pelos alunos, através de situações reais e dramatizações; 2) problemas – historietas; 3) problemas orais com respostas por escrito; 4) problemas com enunciado e resposta por escrito; 5) problemas redigidos pelos alunos. Problemas orais e escritos envolvendo os fatos fundamentais da multiplicação e da divisão, com uma só operação: 1) problemas práticos; 2) problemas – historietas; 3) problemas formulados pelos alunos; 4) problemas incompletos.

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de Peters (1967) e Rio Grande do Sul (1962)

Os problemas ou histórias de matemática estão presentes nas memórias das ex-alunas e da professora, no relatório de Ivonne e também no Programa Experimental de Matemática. Um dos objetivos do documento é “capacitar o aluno a usar a Matemática nas situações de vida que se lhe apresentam” (RIO GRANDE DO SUL, 1962, p. 5); sendo assim, os problemas que falam sobre situações reais vividas pelos alunos são recursos utilizados para alcançar este objetivo.

Em suas memórias, as ex-alunas recordam sobre os problemas de matemática:

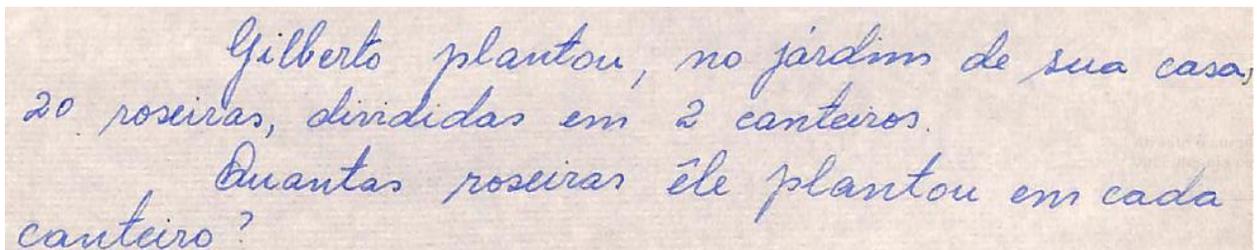
[Os problemas] eram [sobre as] coisas que nos interessavam naquela época. Das coisas que a gente... “fui no armazém e comprei tanto disso, tanto daquilo.” Porque naquela época existia armazém, não havia supermercado. Então eu acho que era assim, muito dentro dessas nossas histórias da nossa vida cotidiana (LOTH, 2019).

“Paulinho tinha quatro *bolitas*. Lucas tinha duas. Quem tinha mais?” Ou “somando os dois, quantas têm no total?”. Algo do tipo. Isso eu me lembro, as historinhas matemáticas. Eu acho que mais era em cima disso. [...] Mas eram coisas simples. Peixinhos, bonecas, algo assim. Referente às coisas que a gente mais tinha contato (LINDEMEYER, 2019).

Eram muitos [problemas]. Isso era uma coisa que ele passava muito, que foi o professor Lucio Fleck. Bastante história de matemática. Eu lembro acho porque eu gostava. A gente trabalhou bastante historinha de matemática. Tinha coisas bem difíceis. Tinha de quilometragem... Sobre dúzia... Soma, subtração, divisão... Mais de uma conta no mesmo problema. Eu lembro bem, porque eu ajudo bastante minha neta com as historinhas matemáticas hoje em dia, porque eu lembro bastante do que eu tinha naquela época. E elas falavam sobre as situações que a gente vivia na época, eles colocavam bastante (PAULA, 2019).

No relatório de Ivonne os problemas sempre aparecem relacionados a um assunto com o qual todas as matérias aparecem articuladas. As Unidades de Trabalho elaboradas pela professora tratam sobre assuntos considerados do cotidiano dos alunos e os conteúdos matemáticos estudados, principalmente os problemas, estão inseridos nesse contexto.

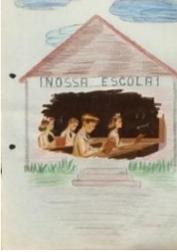
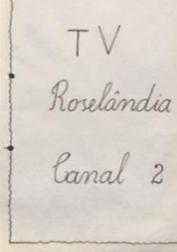
Figura 14 - Problema da Unidade de Trabalho A Cidade das Rosas: *Gilberto plantou, no jardim de sua casa, 20 roseiras, divididas em 2 canteiros. Quantas roseiras ele plantou em cada canteiro.*



Gilberto plantou, no jardim de sua casa,  
20 roseiras, divididas em 2 canteiros.  
Quantas roseiras ele plantou em cada  
canteiro?

Fonte: Peters (1967).

Quadro 4 – Unidades de Trabalho

	<p><b>UNIDADE DE TRABALHO:</b> Meu Doce Lar</p> <p><b>PERÍODO:</b> 06 de março a 28 de março de 1967.</p> <p><b>TEMA CENTRAL:</b> Páscoa.</p> <p><b>CONTEÚDOS DE MATEMÁTICA:</b> adição, números pares, adição com mais de duas parcelas, subtração, dúzia, visualização das horas, metade de unidade.</p>
	<p><b>UNIDADE DE TRABALHO:</b> Nossa Escola</p> <p><b>PERÍODO:</b> 29 de março a 29 de abril de 1967.</p> <p><b>TEMA CENTRAL:</b> História da Escola e da Comunidade.</p> <p><b>CONTEÚDOS DE MATEMÁTICA:</b> noção da centena, escrita do número 100, números até 200, contagem de 2 em 2 e de 5 em 5, números ordinais até vigésimo, leitura das horas e meias horas.</p>
	<p><b>UNIDADE DE TRABALHO:</b> A Cidade das Rosas</p> <p><b>PERÍODO:</b> 03 de maio a 31 de maio de 1967.</p> <p><b>TEMA CENTRAL:</b> História de Sapiranga.</p> <p><b>CONTEÚDOS DE MATEMÁTICA:</b> leitura das horas com números romanos, números até 400, multiplicação como soma abreviada, sinal de (<math>\times</math>), fatos fundamentais da multiplicação e da divisão.</p>
	<p><b>UNIDADE DE TRABALHO:</b> TV Roselândia Canal 2</p> <p><b>PERÍODO:</b> 01 de junho a 14 de junho de 1967.</p> <p><b>TEMA CENTRAL:</b> Meios de comunicação e transporte.</p> <p><b>CONTEÚDOS DE MATEMÁTICA:</b> números de 360 a 500, multiplicação e divisão por 5, sistema monetário novo até Cr\$ 5,00, soma, subtração, metro e litro.</p>
	<p><b>UNIDADE DE TRABALHO:</b> Nossa Tradição</p> <p><b>PERÍODO:</b> 15 de junho a 30 de junho de 1967.</p> <p><b>TEMA CENTRAL:</b> São João.</p> <p><b>CONTEÚDOS DE MATEMÁTICA:</b> prova da subtração, meio da unidade, cubo, cilindro, esfera, sistema monetário, problemas que envolvem duas dificuldades.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Peters (1967).

O Comunicado nº 6 de 17 de agosto, publicado no Boletim do CPOE/RS de 1961, apresenta diversos conceitos para o termo Unidade de Trabalho, dentre eles:

uma série de experiências relacionadas em torno de um significativo tópico ou problema da vida real, flexível, em duração e em conteúdo, envolvendo planejamento do professor e alunos e utilizando diversas áreas do currículo (RIO GRANDE DO SUL, 1961, p. 131).

Nesse sentido, temos mais uma evidência de que havia a preocupação de que as atividades realizadas em sala de aula fossem relacionadas à vida do aluno. Além disso, o estudo de duas ou mais matérias simultaneamente era possível devido aos conteúdos abordados estarem presentes dentro de uma mesma unidade de trabalho com o mesmo tema central.

Apesar de todas orientações, metodologias e recursos para o ensino de Matemática apresentados até aqui, nas memórias das ex-alunas o que mais aparece é a tabuada.

Então, tabuada, por exemplo, a gente tinha que saber na ponta da língua. A professora perguntava e se não soubesse, nossa, a gente ficava na hora do recreio e tinha que escrever trocentas vezes aquilo. Então tudo era muito... a gente tinha que decorar muito (LOTH, 2018).

A tabuada é uma coisa que sempre vai fazer parte da vida da gente. E isso é uma coisa que a gente decorou. De cor e salteado, sempre. Porque se ela [a professora] perguntava, fazia... Como se diz? Ela perguntava da tabuada, sabe? A gente tinha que estudar e daí ela tomava, ela perguntava e tinha que responder. E não tinha... a tabuada todo mundo tinha que saber (KLEIN, 2018).

A tabuada tinha que estar na ponta da língua. Ele chegava e dizia 'hoje eu vou perguntar a tabuada. Quanto é tanto vezes tanto... Fulana! Quanto é tanto vezes tanto?'. A gente tinha que saber na ponta da língua (LINDEMEYER, 2018).

Era uma caixinha e tinha uns quadradinhos, tipo os dadinhos, daí [a professora] passava e cada um tirava um número e ela perguntava da tabuada. Ela fazia prova oral, daí ela fazia do oito, por exemplo, o número que se tirava tinha que multiplicar por oito e dar o resultado (PAULA, 2019).

Decorar, resolver muitos exercícios, fazer provas orais e inclusive alguns jogos envolvendo a tabuada são as lembranças que as ex-alunas trazem consigo até hoje. Claudete acredita que o fato de ter decorado a tabuada no ensino primário foi importante e trouxe mais praticidade para seu dia-a-dia.

No Programa Experimental, “promover a habilidade de cálculo, levando o aluno à exatidão e rapidez na execução do trabalho matemático e encaminhando-o, gradualmente, à abstração” (RIO GRANDE DO SUL, 1962, p. 5), aparece como um dos

objetivos a serem alcançados nas aulas de Matemática. Nessa perspectiva, decorar a tabuada seria um meio para cumprir este objetivo.

As orientações e pesquisas presentes nos Boletins do CPOE/RS e na Revista do Ensino aparecem, mesmo que às vezes discretamente, tanto na fala das ex-alunas e professora, quanto no relatório de Ivonne e isso nos mostra como as orientações contidas nessas publicações oficiais do Estado circulavam naquele espaço escolar.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma escola que se constituiu a partir da vinda de imigrantes alemães para o Rio Grande do Sul, passou por diversas mudanças institucionais e manteve as portas abertas por mais de 150 anos, tem muita história para contar. A Escola Evangélica Duque de Caxias é se originou a partir da necessidade dos membros da comunidade alemã de Sapiranga de educar e instruir as crianças. Desde sua criação até os anos 1960, a instituição passou por diversas mudanças, tendo que se adaptar a novas legislações, mudando o nome e o endereço da escola, por exemplo.

As fontes utilizadas para este trabalho foram fundamentais para que eu pudesse responder minha questão inicial: como eram as aulas de Matemática nos anos 1960?

Para começar a responder esta questão, quero mencionar a preocupação que havia com que os alunos compreendessem o que estava sendo estudado. Na entrevista com a professora Jussara percebi que, desde o primeiro ano do ensino primário, as crianças deveriam ter noções sobre os números, quantidades e saber operar com eles. Da mesma maneira, pelos planos de aula do relatório fichário de Ivonne percebi que a professora cuidava para que seus alunos estivessem acompanhando a matéria e se não, mudava o planejamento para auxiliar os alunos em dificuldade.

Para isso, o uso de recursos didáticos fazia parte das aulas de Matemática. Cartazes, livros didáticos, materiais manipuláveis estavam presentes no dia-a-dia dos alunos. Nas memórias das ex-alunas, utilizar palitos, botões e tampinhas ajudavam nos momentos em que era necessário realizar contas matemáticas. Jussara também se recorda de confeccionar materiais didáticos para auxiliar seus alunos nas aulas de Matemática. Porém, as principais lembranças das ex-alunas são em relação à memorização da tabuada, que era exigida com frequência, pelas professoras. Para isso, muitos exercícios e ditados orais eram realizados.

Resumidamente, nas aulas de Matemática da Escola Evangélica Duque de Caxias nos anos 1960, ao mesmo tempo em que havia a preocupação com a aprendizagem do aluno por meio do uso de recursos e materiais didáticos, também havia a necessidade de que os mesmos memorizassem a tabuada.

Durante a pesquisa percebi uma forte conexão entre os documentos oficiais do Estado com a sala de aula. Todas as evidências encontradas nos mostram que esses

documentos faziam parte do dia-a-dia das professoras. Principalmente no relatório de estágio de Ivonne como normalista encontramos ressonâncias diretas do que diziam os programas. É provável que era nas aulas do curso normal que esses documentos eram mencionados.

O Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul foi um importante órgão do Estado, pois suas pesquisas e orientações chegavam até regiões afastadas da capital, orientando professores e professoras em seus planejamentos. Referências encontradas no Boletim dos anos de 1965 e 1966, mostram que os livros, tanto os didáticos quanto os teóricos, utilizados pelas professoras foram indicações do Centro. Além dos livros, o Programa Experimental da Matemática, publicação do CPOE/RS, guiava o planejamento de Ivonne em seu estágio como normalista.

As entrevistas realizadas para esta pesquisa me ajudaram a buscar caminhos que eu não havia percebido e a solucionar dúvidas ou verificar hipóteses que foram surgindo durante o trabalho. Além disso, ouvir as memórias de quem frequentou a escola no período estudado foi essencial para que eu pudesse ter essa perspectiva além dos documentos escritos e oficiais. Nesse sentido, considero que as entrevistas foram a essência desta pesquisa. Jussara, Claudete, Neiva, Elaine e Vera tornaram este trabalho único. As entrevistas transcritas ao final deste trabalho são um produto da pesquisa e poderão ser utilizadas em pesquisas futuras.

Considero também que Lucio Fleck, diretor da instituição na década de 1960, foi um personagem importante para a Escola Duque. Sempre lembrado com muito carinho nas memórias das ex-alunas e da professora Jussara, foi quem incentivou os corais, as danças e conjuntos instrumentais, atividades que até os dias atuais a escola oferece.

A narrativa criada neste trabalho somente foi possível devido ao cruzamento das diversas fontes utilizadas. Nesse sentido, utilizar diferentes perspectivas para contar uma história contribui para que a pesquisa seja uma reconstrução próxima da própria história.

Tratando-se de um estudo sobre a instituição da qual sou egresso pude voltar em minhas próprias memórias como aluno e relacionar com as informações encontradas ao longo da pesquisa. Como licenciando, este trabalho contribuiu para minha formação em duas perspectivas: histórica e da educação Matemática. Nas leituras realizadas para o trabalho percebi como as influências externas à escola afetam diretamente o cotidiano

escolar. A Campanha da Nacionalização, por exemplo, teve consequências diretas para a instituição. Além disso, os documentos e memórias analisados sobre as aulas de Matemática me fizeram, e ainda me fazem, pensar sobre minhas próprias práticas. De certa forma, algumas metodologias utilizadas já na década de 1960, o uso de material didáticos, por exemplo, consideradas inovadoras na época, ainda são consideradas inovadoras atualmente. Talvez foram esquecidas ao passar do tempo e agora retornam para as salas de aula.

Sendo uma pesquisa sobre as aulas de Matemática de uma instituição constituída a partir da chegada de imigrantes alemães e que fez parte do desenvolvimento de uma comunidade, acredito que este trabalho contribua para a História da Educação Matemática, bem como para a História Oral.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, A. M. M. **A Matemática Moderna no Ensino Primário Gaúcho (1960-1978):** uma análise das coleções de livros didáticos Estrada Iluminada e Nossa Terra Nossa Gente. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/189342?show=full>>. Acesso em: 16 abr. 2019.
- BARBOSA, F. Comunicado nº 6. **Boletim do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional – RS.** Porto Alegre, p. 130 – 135, 1961 – 1962. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135180>>. Acesso em: 20 maio 2019.
- BIEHL, J. G. A guerra dos imigrantes: o espírito alemão e o estranho Mucker no sul do Brasil. In: SOUSA, E. L. A. (Org) **Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. p. 148-168.
- BRASIL. **Decreto-Lei nº 8.529, de 2 de janeiro de 1946.** Lei Orgânica do Ensino Primário. Rio de Janeiro, 2 jan. 1946. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 7 mai. 2019.
- BÚRIGO, E. Z. Strong, intermediate and weak pupils: the teaching of mathematics in elementary schools in the state of Rio Grande do Sul. **International Journal for Research in Mathematics Education**, v. 5, p. 3-17, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/160956?show=full>>. Acesso em: 8 jun. 2019.
- BURKE, P. **A escrita da História: novas perspectivas.** São Paulo: UNESP, 1992.
- BURKE, P. **O que é História Cultural?.** Rio de Janeiro: ZAHAR, 2004.
- CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.
- CORRÊA, L. S. As políticas públicas de imigração europeia não-portuguesa para o Brasil – de Pombal à República. **Revista Geo-paisagem**, [S. l.], n. 8, 2005. Disponível em: <<http://www.feth.ggf.br/migra%C3%A7%C3%A3o.htm>>. Acesso em: 4 mar. 2019.
- DREHER, M. N. Os 180 Anos da Imigração Alemã. In: ARENDT, I. C.; WITT, M. A (Org). **História, cultura e memória: 180 anos da imigração alemã.** São Leopoldo: Oikos, 2005.
- DUQUE. **Centro Sinodal de Ensino Médio de Sapiranga**, 2018. Histórico e Infraestrutura. Disponível em: < <http://www.duque.g12.br/>>. Acesso em: 03 fev 2019.
- FARIA FILHO, L. M. A história da educação e os desafios das novas fontes: reflexões sobre uma trajetória de pesquisa. **História da Educação - ASPHE**, v 1. n. 2, p. 111-125, set. 1997.
- FISCHER, M. C. B.; RIOS, D. Comissão de Estudo do Livro e do Material Didático do CPOE/RS: os livros didáticos de matemática. In: XIV Seminário Temático Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970): Sobre o que tratam os

Manuais Escolares?, 2016, Natal: UFRN. **Anais do XIV Seminário Temático Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970): Sobre o que tratam os Manuais Escolares?**, 2016. Disponível em:

[http://xivseminariotematico.paginas.ufsc.br/files/2016/05/FISCHER\\_RIOS\\_T2\\_vf.pdf](http://xivseminariotematico.paginas.ufsc.br/files/2016/05/FISCHER_RIOS_T2_vf.pdf). Acesso em: 6 maio 2019.

FLECK, L. **Sereis minhas testemunhas**. Sapiiranga. 2001.

GRAZZIOTIN, L. S. S.; ALMEIDA, D. B. **Romagem do Tempo e Recantos da Memória** - reflexões metodológicas sobre História Oral. São Leopoldo: OIKOS, 2012.

JÚLIA, D. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 1. n. 1. 2001. Disponível em:

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749>. Acesso em: 5 mar. 2019.

KERTÉSZ, I. DURO, L. M. P. Comunicado nº 1. **Boletim do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional – RS**. Porto Alegre, p. 293 – 309, 1965 – 1966. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/134573>>. Acesso em: 20 maio 2019.

MAURO, S. **Uma História da Matemática Escolar desenvolvida por comunidades de origem alemã no Rio Grande do Sul no final do século XIX e início do século XX**. 2005. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005. Disponível em:

<<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/102130>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

PEREIRA, L. H. F. **Os Discursos sobre a Matemática Publicados na Revista do Ensino do Rio Grande do Sul – (1951 – 1978)**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2010. Disponível em:

<<http://meriva.pucrs.br/dspace/handle/10923/2792>>. Acesso em: 8 maio 2019.

PETERS, I. L. **Relatório de Estágio, 2º ano do Ensino Primário**. Sapiiranga – RS. 1967.

PORTO, R. A. **Ver, Sentir e Descobrir a Aritmética**. Rio de Janeiro: Editora Nacional de Direito, 1965. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/134151>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

QUADROS, C. **Reforma, ciência e profissionalização da educação: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais no Rio Grande do Sul**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2006. Disponível em:

<<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8911>>. Acesso em: 30 maio 2019.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação e Cultura – Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais. **Programa Experimental de Matemática**. Editora Tabajara. Porto Alegre. 1962.

RIOS, D. F. **Memórias de ex-alunos do Colégio de Aplicação da Universidade da Bahia sobre o ensino da Matemática Moderna: a construção de uma instituição modernizadora**. 2012. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/161748>>. Acesso em: 4 mar. 2019.

RIOS, D. F.; FISCHER, M. C. B. Estratégias de Renovação Pedagógica: a atuação da Comissão de Estudo do Livro e do Material Didático do CPOE/RS na escolha dos livros didáticos de matemática nos anos 1960. **Revista de Investigação e Divulgação em Educação Matemática**, Juiz de Fora, jan/jun 2018. Disponível em:

<http://www.ufjf.br/ridema/files/2017/09/3-Estrategias-de-Renovacao-Pedagogica.pdf>  
Acesso em: 8 maio 2019.

ROLLA, S. A. Ofício circular nº 23. **Boletim do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional – RS**. Porto Alegre, p. 77-78, 1960. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135457>>. Acesso em: 20 maio 2019.

ROLLA, S. A. Ofício circular nº 67. **Boletim do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional – RS**. Porto Alegre, p. 91, 1961 – 1962. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135180>>. Acesso em: 20 maio 2019.

ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J (Org). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p 93-102.

SIRANGELO, M. S.; SAGEBIN, N. **Nossos Exercícios de Matemática**. Porto Alegre: Editora Tabajara, 1960. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/157277>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

SOUZA, J. E. Memórias de uma trajetória formativa na Escola Normal de Sapiranga/RS – Brasil (1963-1975). In: XIII Encontro Nacional de História Oral – História Oral, Práticas Educacionais e Interdisciplinaridade, 2016, Porto Alegre: UFRGS. **Anais do XIII Encontro Nacional de História Oral – História Oral, Práticas Educacionais e Interdisciplinaridade**. Disponível em: <

<http://www.encontro2016.historiaoral.org.br/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

THOFEHRN, C. C.; CUNHA, N. **Estrada Iluminada: Exercícios de Gramática Funcional e Matemática Significativa**. São Paulo: Editora do Brasil, 1960. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/163857>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

THOMPSON, P. **A voz do passado** - História Oral. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VALENTE, W. R. Oito temas sobre História da Educação Matemática. **Revista de Matemática Ensino e Cultura**, n. 12. v. 1. 2013. p. 22-51. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/160384>. Acesso em: 5 mar. 2019.

WANDERER, F. **Escola e Matemática Escolar: mecanismos de regulação sobre sujeitos escolares de uma localidade rural de colonização alemã no Rio Grande do Sul**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007. Disponível em:

<<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2061>>. Acesso em: 9 mar. 2019.

WASCHINEWSKI, S. C.; RABELO, G. Biblioteca de orientação da Professôra Primária do Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar – PABAE (1956-1964). **Revista Linhas**, Florianópolis, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723819392018286>. Acesso em: 30 abr. 2019.

## 7. APÊNDICE

### 7.1. Entrevista com Claudete Loth

C: Claudete Loth

N: Nicolás Giovanni da Rosa

#### 7.1.1. Parte I – 15 de setembro de 2018

N: Qual o ano em que começou a estudar na escola?

C: Eu comecei em, deixa eu ver, 1964.

N: E frequentou até quando?

C: Aí eu saí de lá em 70. É, por que eu fiz jardim, naquela época não existia pré-escola. Era só jardim e depois se ia pra primeira série. Não tinha o pré, essa parte assim.

N: E ficou lá até...

C: Até a quinta. E depois, eu ainda sou da época do ginásio, a gente fazia o admissão ao ginásio e aí eram quatro anos de ginásio e depois a gente fazia o ensino médio.

N: E qual a primeira lembrança quando a gente fala da escola?

C: Duque?

N: É.

C: Minha casa. Minha segunda casa. Até porque, pra mim isso é mais marcante, porque eu fiquei todos esses anos como aluna e depois que eu saí de lá, sete anos, que foi o tempo de eu fazer o ginásio e o ensino médio, e aí como eu me formei professora eu voltei pro Duque, pra dar aula no Duque. E dei trinta anos de aula no Duque. Então é uma vida. Muitos anos da minha vida, grande parte da minha vida eu fiquei lá.

N: Quais as lembranças que têm da escola na época em que foi aluna?

C: Era uma outra escola. Porque era uma escola comunitária, não se tinha essa visão que se tem hoje em dia de ser uma escola particular, filhos de elite ou coisa assim. Naquela época era uma escola comunitária e tinha crianças de todas as classes sociais. E a característica principal que eu sempre me lembro da escola muito a questão da fé, da religião. Não se pregava uma religião, mas se fazia muito, se ia a culto, se rezava, se orava, fazia orações todos os dias antes de começar a aula, no final da aula. Uma

característica muito grande da escola também é a música, a dança, o teatro. Então isso sempre foi desenvolvido na gente desde pequenos. Então a gente cresceu muito nisso. E isso o seu Lucio foi responsável por grande parte, porque ele foi um grande incentivador disso. Ele ensaiava, ele tinha uma *orquestrazinha*, então ele ensaiava o coral, ele ensaiava as danças. Eu me lembro dele nos ensinando os passos de dança. E a gente tinha então grupos de dança, grupos de teatro... então essas coisas eu lembro muito. Eu lembro de brincadeiras no pátio, a gente brincava muito... não tinha celular, não tinha nada disso, então a gente realmente brincava muito. E era uma época muito boa. Se ia a pé para a escola. Não tinha que pai e mãe levar porque não tinha perigo nenhum. Então a gente ia com os amigos. Na volta sempre se passava na pracinha e brincava. Então, era uma época bem mais livre, mais leve. isso me lembra muito aquela época.

N: E quais eram as matérias que estudavam?

C: A gente estudava tudo. Português, matemática, geografia, história, ciências... Mas era tudo meio que misturado. Na quarta... não me lembro bem se na quarta já havia uma separação... sim, na quarta já havia uma separação e na quinta também. Então eu me lembro que o professor Lucio ele dava português pra gente, na quinta, digamos. E aí tinha a Manon que trabalhava com matemática e ciências... eu não lembro se ele também dava geografia e história... na quarta eu tinha a professora Jussara. Então era tudo meio que misturado assim. Mas eram todas essas matérias que se têm hoje em dia.

N: Até o terceiro ano era uma professora só e depois eram mais?

C: Sim. Eu acho que no quarto era uma só. Era na quinta série que a gente tinha mais, dois professores. Depois na época de vocês já foi diferente, né? Na quarta série já tinha mais...

N: Sim, sim.

C: Porque já tinha se separado essas matérias. Mas a princípio não. Era uma professora que trabalhava com tudo. Nós tínhamos um caderno, não tinha um caderno pra cada coisa. Então se colocava tudo naquele caderno.

N: E qual era a tua matéria preferida?

C: Sempre foi português e estudos sociais, que foi o que depois eu trabalhei. Eu sempre fui muito das humanas, assim, nunca fui da lógica, da matemática. E, mas depois, engraçado, mais tarde eu aprendi a gostar mais da matemática. Naquela época eu não

via muita, assim, algo que me chamasse atenção nisso. Até porque era tudo muito decorado. Muito, muito, muito, muito. E a gente era muito cobrado. Muito mais que hoje em dia. Então, tabuada, por exemplo, a gente tinha que saber na ponta da língua. A professora perguntava e se não soubesse, nossa, a gente ficava na hora do recreio e tinha que escrever trocentas vezes aquilo. Então tudo era muito... a gente tinha que decorar muito. Então eu sempre gostei mais das humanas, assim.

N: Como era o espaço da sala de aula?

C: Não era muito diferente do que é hoje em dia. Se a gente for lembrar é uma das poucas coisas que a gente comenta as vezes, que o mundo evolui tanto, tudo muda tanto, que se tu volta pra uma cidade que não visitou há 20 anos, muitos prédios estão diferentes, muitas coisas estão diferentes, mas se tu entra numa sala de aula, não mudou muito. Então as classes ali, só que o quadro era o quadro verde, o giz era branco, não é os quadros que tem hoje em dia, mas era muito parecido.

N: E as aulas da professora? Como era a dinâmica da aula?

C: Eu não sei te dizer bem a dinâmica, que isso a gente vai esquecendo com o tempo. Mas, isso é uma coisa que eu lembro, que a gente fazia uma oração no início da aula, e cantava alguma coisa. Quando eu fui dar aula lá, a gente tinha esse hábito lá no início. Se fazia uma oração, se cantava uma canção e depois começava a aula. Se escrevia muito, se copiava muito, se decorava muito, que nem eu falei. E tudo era muito cobrado. E a gente tinha testes e provas orais, também. Não tinha essa coisa que se tem hoje em dia de que tem que facilitar para o aluno ser aprovado, não. Tinha que realmente merecer passar de ano.

N: Como eram os alunos dentro da sala de aula?

C: Muito diferentes também, porque ai, ai, ai, se a gente ousasse dizer alguma coisa contra um professor. Se o professor dissesse “deu! chega!”, nossa, ficava quieto e a gente respeitava muito. A gente tinha uma coisa que se chamava respeito, que hoje em dia não se tem, infelizmente. Até eu li essa semana uma frase que fala ‘dizem que a escola é a segunda casa’ algo assim, não me lembro muito bem como que é, ‘mas a educação tem que começar em casa’. E realmente era naquela época. Os pais cobravam muito mais dos filhos e se o professor chamasse um pai na escola pra conversar, o pai realmente questionava o seu filho, via o que estava acontecendo. Hoje em dia não, um professor

chama um pai e o pai já vai com quatro pedras na mão pra defender o filho e é o professor que está errado. Isso não. Na nossa época isso era muito diferente. A gente se concentrava mais. Quando era hora de fazer as coisas a gente fazia. sempre tinha um ou outro, claro, que era mais malandro, mas era malandro. Não era mal-educado, não era grosseiro. Os meninos brigavam, eu me lembro que eles brigavam, mas na hora do recreio, por causa do futebol ou por causa de alguma coisa assim. Havia bullying? Havia. Mas de uma forma mais disfarçada. Porque eu me lembro, na quarta série, de terceira pra quarta série, eu engordei muito, de uma menina magra eu passei a ser uma menina bem *reforçadinha*, então chamavam de baleia, essas coisas. Mas, se eu fosse me queixar pra professora ou coisa assim, esse colega era repreendido, era chamado atenção e já era cortado por ali. Então isso era diferente também. Outra coisa que eu lembro, é que assim, se fala muito em criança hiperativa. Naquela época tinha muitos hiperativos também, mas eles eram controlados com um *xingão* ou um castigo ou uma coisa assim, e eles obedeciam. Porque se não obedecessem, em casa iriam ter uma repreensão. Então eu vejo isso muito assim.

N: E nas aulas de matemática, como vocês aprendiam matemática?

C: É como eu te falei, decorando. Eu lembro, agora buscando na memória, que na terceira série e dona Isaura ela tinha um ábaco, uns instrumentos assim que a gente ia contando bolinhas pra lá e pra cá, e algumas coisas assim, mas era pouco na prática. Eu acho que isso era uma das grandes questões nossas que eu acho que isso a educação avançou, onde se ensina primeiro a criança a compreensão daquilo que ela está fazendo. O que é  $4+4$ ? O que quer dizer 20 dividido por 5? Na nossa época não tinha isso. Tinha que decorar a tabuada e tinha que saber tudo muito decorado.

N: Acho que já cheguei a perguntar isso, a professora usava algum livro em sala de aula?

C: Eu lembro de livro na primeira série, que era uma cartilha que a gente tinha, mas depois eu não lembro de livro...

N: E como era essa cartilha?

C: “Ivo viu a uva”, “Eva viu a ave”, sabe? Aquelas coisas assim. Se aprendia primeiro as letras, depois juntar as letras, depois tudo foi mudando. A forma de ensinar a ler e escrever.

N: Para vocês decorarem a tabuada, eram feitos muitos exercícios?

C: Muitos, muitos, muitos. a gente tinha muitos exercícios e muito tema de casa. Eu lembro de, assim, tardes inteiras escrevendo tabuadas em casa, decorando a tabuada, fazendo continhas. Eu lembro que era umas vinte, trinta que a gente recebia de tema de casa e tinha que escrever a tabuada também, e no outro dia a professora tomava essa tabuada na escola. Isso eu lembro.

N: E além da tabuada, por exemplo, vocês faziam outros tipos de atividades?

C: Na matemática?

N: Isso.

C: Não. Não se fazia. Como na época de vocês eram feitos jogos e outras brincadeiras, assim, na nossa época não.

N: Então deve saber até hoje a tabuada?

C: Sim! Por incrível que pareça, até hoje eu faço muitas contas de cabeça, isso é muito prático pra gente. Onde eu vejo que 45 – 38,50 as meninas vão lá no mercado ou qualquer lugar e digitam na calculadora pra ver quanto tem que dar de troco. E a gente já calcula isso de cabeça, assim.

N: Então foi bastante útil? Pensando hoje...

C: Foi! Eu sempre digo assim, tem coisas que tu precisas decorar, tem coisas que tu precisas memorizar. Depois que tu compreendeste o que é o processo, como é o processo, aí sim eu acho que tem que decorar, não tem outro jeito. A não ser que tu vás ficar escravo de uma calculadora e não vai saber nada, daí. Como eu vejo que hoje em dia, eu não sei como estão as salas de aula, mas principalmente nas faculdades, ninguém mais escreve. A maioria tem seu note, tira foto, tem seu celular, se precisar digitar, digita alguma coisa. Digitar. Então se tu vais pedir pra escrever a punho... Então eu acho que essas coisas, sempre tem um lado que é bom e outro que não é. Então eu acho que a memorização é importante.

N: E como eram as provas?

C: A gente tinha, era sabatina que chamava, e Nossa Senhora, era muito exigente e tinha que ter um silêncio sepulcral na sala e era bem puxado assim, também. Isso eu lembro.

N: E esse caderno que vocês usavam, copiavam tudo do quadro?

C: Tudo, tudo. Não existia, na minha época de aluna, não existia nada nem mimeografado, muito menos xerocado. Então na época que eu fui professora a gente

usava de início muito o mimeógrafo. Vocês, acho que receberam muita folha mimeografada, para depois se evoluir para o xerox. Mas na minha época não tinha nada disso. Então tinha que realmente escrever.

N: Tem algum material da escola ainda?

C: Não. Hoje em dia não mais. Até tempos atrás eu tinha alguma coisa. Mas depois eu fui me mudando, daí quando eu vim pra cá eu não trouxe mais nada de lá. Infelizmente não. Lá na escola tu não chegou a ir pra ver se tinha alguma coisa?

N: Fui, mas eles não têm muita coisa...

C: Se perdeu, provavelmente, e é uma pena...

N: O que eu achei na escola, foram as notas de vocês...

C: Ah é?

N: Sim, o Sérgio me mostrou, a nota de final de ano, daí tirei xerox.

C: Olha isso! Da minha turma, deixa eu ver. Ah! Do quinto ano. Onde estou eu? Cinquenta e... não isso é a Engelke, não sou eu. Cadê eu? Aqui! 84, 71... isso era uma característica, não se arredondava, a nota que tu tiraste, tu tiraste. 84, 84, 99, 90. Oh, pode ver, matemática foi minha nota mais baixa, 71. Aí, o que é isso aqui?

N: Educação Moral e Cívica...

C: Nossa! Educação Moral e Cívica, 99, olha... Em religião, 90. O que é isso aqui? É desenho?

N: Acho que sim...

C: Desenho, artes aplicadas, música, educação física, deixa eu ver como eu estava aqui. Dois ótimos, 'MB' em educação física, e classificação geral, eu acho. O que é isso?

N: Acho que esse último é aprovação.

C: Sim, aprovado. 'S' e 'C'?

N: Suficiente ou insuficiente.

C: E o 'C' o que quer dizer?

N: A primeira palavra não consigo ler, mas o resto é "que irá frequentar".

C: Pois é, não sei. Mas pra tu ver, que a matemática era... interessante.

N: Chegaram a aprender sobre a história da escola?

C: Não, quando eu era aluna não.

N: Porque eu lembro quando eu era aluno a gente chegou a aprender alguma coisa. principalmente na terceira série.

C: Sim, sim. Porque era na segunda e terceira que vocês aprendiam. Daí na quarta era sobre o Rio Grande do Sul. E quinta série era Brasil e lá adiante...

N: Teve alguma aula em alemão na escola?

C: Não. Eu falo alemão porque foi a minha língua mãe. Até os três anos de idade eu só falava alemão. Daí quando eu comecei a ir pra escola é que eu comecei a falar em português também. E isso é o fato de que até hoje o alemão seja tão tranquilo pra mim. Porque depois eu falava com pai e mãe em casa, mas na escola não.

N: Falamos antes sobre a escola ser evangélica. Isso não tinha alguma influência sobre as aulas?

C: Não. O único fato era esse, que se começava com uma oração, se cantava uma canção e se encerrava a aula com uma oração também. Só isso. Mas não que quem fosse de outra religião não pudesse estudar lá. Não tinha essa separação assim. Mas sempre se ia muito a cultos, assim. Que nem na tua época também a gente fazia.

N: Tem mais alguma coisa que queira falar sobre a escola, sobre o ensino?

C: Eu acho que o Duque atravessou muitos períodos. Na época em que eu fui aluna, foi a época áurea da escola, assim. Depois eu saí dali. Depois quando eu voltei como professora ele estava num momento um pouco decadente, enquanto seu Lucio estava lá ainda. O seu Lucio estava cansado, ele não queria mais e a comunidade não queria que ele saísse e ele não queria inovações, porque ele queria era parar. Então até que eles encontraram um diretor que assumisse isso, então, eu me lembro que o Valdomiro entrou, não sei te dizer em que ano foi isso, Valdomiro Dockhorn e ele elevou a escola assim, ele fez com que a escola realmente desse aquele pulo que precisava dar, se modernizar. Introduziu até a oitava série, toda essa mudança. E mudou a mentalidade dos professores que trabalhavam lá dentro. Porque quando eu voltei como professora, ainda tinha muitas ex-professoras minhas dando aula e daquela mesma forma tradicional. E aí isso precisava mudar. Aí o Valdomiro conseguiu colocar isso. Então quem não se adaptou se afastou e foi trocando, e a escola teve um tempo muito bom. Aí depois por divergências entre ele e a diretoria da comunidade, aí ele saiu. Aí assumiu uma outra professora e daí de novo o Duque deu uma balançada. E até que entrou o Jadir. E o Jadir foi outra pessoa

que levou a escola pro alto de novo, aí introduziu o ensino médio. É um cara assim que se doou muito para a escola. O Duque é uma escola que resistiu a todos esses altos e baixos. Atualmente eu não tenho muita noção de como a escola está. Acho que ela está mais ou menos como todas as escolas particulares estão. Enfrentando crises, onde todo o país está passando por uma situação meio instável. Então eu acho que as escolas particulares também estão nisso. As escolas municipais começaram a se destacar mais. Por exemplo, na minha época de ensino médio não existia ensino médio particular. Fui estudar em uma escola estadual. E isso andou decaindo um pouco no decorrer dos anos, mas acho que atualmente isso está de novo diferente. Que nem vocês, a tua turma foi buscar algo diferente, no Liberato ou, não sei, porque não queria ficar no ensino básico tradicional. Mas eu acho que isso. O Duque atravessou essa época toda, mas é uma escola que se mantém fiel às suas origens. eu acho que isso é bem importante. Se tem uma história e se cultiva essa história. E a gente esse ano fez o nosso reencontro de colegas. E eu acho que isso foi a primeira vez que aconteceu lá na escola onde alunos de tanto tempo atrás se reuniram. E pra nós foi muito bom, nós viramos crianças lá dentro. Nós conseguimos passar pelas salas e conseguimos a presença de três professoras nossas, ainda daquela época. E foi muito divertido pra gente. Fomos na sala de informática, na sala de áudios visuais, no laboratório de química. Nada disso existia na nossa época. e hoje se vê o crescimento da escola.

N: O seu Lucio apareceu bastante na tua fala... se quiser falar um pouco mais dele, como ele foi para a escola?

C: Eu acho que o Lucio Fleck é uma pessoa que tem que ser lembrada sempre. Não só no Duque, mas como educador. Porque ele foi uma pessoa a frente do seu tempo. Porque na época, ele realmente era mais jovem, e tal. E ele fez muito pela escola. Ele era um diretor muito severo. Na nossa época isso era muito... tanto que quando eu voltei a dar aula eu tinha assim, um receio dele, até quando eu comecei a encarar ele de adulto pra adulto. Mas assim, ele foi uma pessoa que fez muito, muito pela escola. Essa parte principalmente da música, do coral, da dança, esse diferencial que a escola tinha em relação a outras escolas, isso se deve ao seu Lucio. Quando ele saiu ele foi escrever livros, ele foi fazer mais uma faculdade, então ele sempre foi uma pessoa muito... só que ele estava cansado de ser diretor. Então ele queria mudar isso. Mas ele foi uma pessoa

que, se eu lembro de Duque, eu lembro de Lucio Fleck. Porque ele foi muito dedicado a escola. Ele morava dentro do pátio, então a escola era a vida dele...

N: Era ali onde é a sala de informática agora?

C: Isso. Ali era a casa deles. Então isso sempre foi muito assim. E depois eu acho que depois a gente teve diretores muito importantes, como o Valdomiro, que eu te falo e o Jadir também. São duas pessoas que também, nossa, fizeram a escola se impulsionar muito. São pessoas que também vale a pena a gente lembrar. Mas o seu Lucio, tu falavas em Duque tu associava ele. Eu acho que ele tem que ser lembrado. E uma das coisas que me deixou muito chateada foi quando ele faleceu e, pra mim, a escola tinha que ter sido fechada naquele dia. E eles não fizeram isso. Aí eu briguei e consegui ir com duas ou três turmas, lá pro velório. Porque eu acho que seria um sinal de respeito a ele....

N: Em que ano foi isso, profe? Eu tenho uma lembrança disso, mas não sei que ano foi...

C: Ah, pois é. Em que ano foi isso? Porque era o Sérgio, o diretor, já. Eu saí da escola em 2008. O Sérgio entrou na escola em 2007. então eu acho que foi por ali que seu Lucio faleceu. Eu acho que o Jadir saiu em 2006, final de 2006. Seve ter sido em 2007 que seu Lucio faleceu. Sabe, o Sérgio era uma pessoa nova, então não tinha uma noção da importância dele pra escola, aquela coisa. Nossa, eu fiquei muito braba daquela vez. porque eu acho que era um sinal de respeito que poderia se dar. Isso eu acho que falta. Tu que está fazendo história, eu acho que no nosso país falta o respeito pra pessoas que fizeram alguma coisa. Respeito aos prédios. Tu viajas pra fora, qualquer pedra é histórica, eles te levam lá, contam a história da pedra, o que aconteceu e tatata... no nosso país tudo se perde. Se viu agora o museu. E assim como esse museu, vai olhar pra ver como outros museus estão abandonados por aí. Então, que nem eu sempre fui de levar vocês pros lugares, pra gente fazer viagens, pra gente conhecer as coisas. Eu acho que isso falta. Falta o respeito pela história do país. Que nem eu dizia pra vocês, se nós somos hoje, a gente tem que saber por que hoje a gente é assim. E é por que a gente vem de lá. Então o que nos levou a ser assim. Se a gente for olhar toda essa crise que o país está passando, essa crise de identidade. É por isso, porque não se respeita o passado, a história, os antepassados, os idosos. Se a gente vai pra esse lado, em países orientais onde as pessoas de mais idade, nossa, ela é venerada, ela é ouvida, a família se reúne em torno dela pra que ela decida alguma coisa. Hoje em dia os velhos são rechaçados,

abandonados, humilhados. Eu acho que essas coisas que vocês que estão estudando história e se importando com isso, eu acho que tem que passar pra gerações futuras. Tem que cultivar isso, tem que cuidar disso. Tem que respeitar as pessoas que, por serem mais velhas, ok, elas podem não ter toda vitalidade, jovialidade e todo o pique que se tem quando se é mais jovem, mas a sabedoria e todas coisas que elas aprenderam e ainda podem ensinar. então eu acho que isso falta bastante.

### **7.1.2. Parte II – 12 de abril de 2019**

C: A gente era cobrado muito da tabuada. Tinha que decorar e aquilo era tomado oralmente e se não soubesse tinha que escrever cinco, dez vezes a mesma tabuada. Eu sempre digo assim, que atualmente os alunos não sabem mais a tabuada, é tudo por calculadora. E coisa que a gente só pensa e vem a resposta. E vem dessa época.

N: Como eram os problemas de matemática?

C: Eram histórias que eles contavam e a gente tinha que tentar solucionar aquilo.

N: E quais eram os assuntos desses problemas?

C: Eu não lembro muito. Mas acho que eram coisas que nos interessavam naquela época. Das coisas que a gente... “fui no armazém e comprei tanto disso, tanto daquilo.” Porque naquela época existia armazém, não havia supermercado. Então eu acho que era assim muito dentro dessas nossas histórias da nossa vida cotidiana.

N: Vocês faziam esse tipo de operação? (Plano 07 de março)

C: Muito, muito, muito. As vezes ganhava... Aqui tem dez... A gente chegava a ganhar vinte, trinta para fazer de tema. Muito tema de casa. Se fazia muitos em aula e outros tantos pra fazer em casa.

N: Utilizavam algum material didático?

C: Utilizava, mas não tanto que eu me lembre. A gente usava aquele com as bolinhas....

N: O ábaco?

C: Isso. Palitinhos de picolé... Essas coisas que usávamos.

N: Lembra o que faziam com os palitinhos de picolé?

C: A gente fazia na dezena... Bolinhos e amarrava com borrachinha, pra depois entender aquilo que a gente estava fazendo.

N: Lembra de utilizar o flanelógrafo?

C: Muito. Usava muito o flanelógrafo, para várias coisas. Contavam histórias pra gente, colocavam os personagens. Os números também, as quantidades. Não se tinha outro material. Então ou ela copiava no quadro e a gente copiava, ou ela usava no flanelógrafo pra ser uma coisa mais colorida, mais atrativa.

N: E era só a professora que manipulava ou os alunos também usavam?

C: Não. Era basicamente ela.

N: Lembra de fazer esse tipo de atividade (Plano dia 13 de março)?

C: Esse de fazer o feixe com os palitinhos e atar com borrachinha eu lembro bem. Das caixinhas também. Elas se certificavam pra ver se a gente tinha compreendido o que era a soma, a subtração, a divisão, a multiplicação, pra depois então dar as “continhas” como era dito aqui.

N: Os conteúdos tentavam ser relacionados com as datas festivas, como por exemplo a páscoa?

C: Sim, sim. Se trabalhava muito. Com ovos, com... “o coelhinho fez isso, fez tantos ninhos, colocou tantos ovinhos dentro de cada ninho” era muito isso.

N: Lembra de alguma outra data festiva que era abordada?

C: É que assim, o Duque sempre comemorou muito todas as datas festivas. Era dada uma grande importância pra isso. Então Páscoa, São João, Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças... depois o Natal... Tudo era muito comemorado. A escola era enfeitada para isso. E todas as séries trabalhavam dentro disso. Como era uma coisa integrada, não tinha divisão de português, matemática... Então em tudo se trabalhava com isso.

N: Lembra de a professora recolher o trabalho de vocês?

C: Sabe que eu não lembrava disso, não lembrava que ela ficava com os nossos trabalhos.

N: Os cadernos eram verificados?

C: Tudo era corrigido. Era colocado alguma observação. A letra era muito cobrada, em todas as disciplinas. E gente era muito cobrado no capricho, no encapar o caderno.

N: Lembra desse livro? (Nossos Exercícios)

C: Oh, lápis a gente também fazia. Eu não lembro de a gente ter o livro. Isso eu não lembro. Na primeira série eu lembro que a gente tinha uma cartilha, mas na segunda eu não lembro. Assim olhando eu acho que lembro sim...

N: Tem um outro livro também, que é de português e matemática. (Estrada Iluminada)

C: Ah! Eu lembro. Desse livro eu lembro. Estrada Iluminada. Que engraçado, como a gente apaga da memória e quando a gente enxerga, que nem eu enxerguei a capa, eu reconheci. Sim esses eram os nossos temas de casa, a gente usava muito.

N: E vocês usavam no livro ou copiavam no caderno?

C: Pois é. Eu acho que nessa fase aqui tinha algumas coisas que a gente fazia no livro e outras fazia no caderno. Mas a gente não costumava fazer muita coisa no livro porque se trocava de livros de série em série e tinha irmãos que utilizavam.

N: Lembra se essa coleção era utilizada em outros anos?

C: Eu acredito que sim. Mas eu não lembro se a gente comprava esses livros ou se a gente ganhava, não lembro.

## **7.2. Entrevista com Elaine Silma Klein**

E: Elaine Silma Klein

N: Nicolás Giovanni da Rosa

### **7.2.1. Parte I - 05 de setembro de 2018.**

N: Em que ano começou a estudar na escola?

E: 1968.

N: 1968 até?

E: 1970.

N: Do primeiro até o...

E: Do terceiro ao quinto ano.

N: Qual a primeira lembrança que tens quando falamos da escola?

E: Muito boa. Muito boa mesmo. Assim, porque, aquilo foi uma conquista pro meu pai. Porque nós éramos em cinco filhos e ali era uma escola evangélica, que a gente é da protestante. E o pai conseguiu essa bolsa pra nós cinco. Então, o meu irmão mais velho só fez a quinta, o outro a quarta e quinta, eu a terceira quarta e quinta, e a outra, minha irmã, fez segunda, terceira, quarta e quinta e a mais nova desde o jardim daí. Mas as lembranças são, assim, muito boas. É que naquela época é diferente de hoje, tinha

respeito e tudo e uma professora que me marcou bastante também foi a Dona Isaura, do terceiro ano, por que naquela época a matemática era uma coisa que se tu não sabias a tabuada tu não passavas de ano. Isso, nossa, muito bom. E só lembranças boas. Do início, claro a gente sofreu, hoje seria bullying, na época porque, imagina o pai tinha cinco filhos daí tinha uns que só tinha um. O pai não tinha condições de nos vestir igual como outros. Mas eu também, sempre fazia parte do coral, das danças e nunca pude vestir igual as outras colegas, mas isso também não impediu de ser feliz.

N: E, da escola em si. Do prédio, das aulas, o que lembra?

E: Eu lembro tudo, tanto é que a gente reviu a pouco tempo. A escola era bem menor do que é hoje, mas lembro muito, tudo lá dentro, secretaria. Nossa, está tudo vivo na memória. O pátio, apesar de hoje ter quase o dobro do tamanho, ou mais. Tanto é que quando eu fui fazer meu título de eleitor, eu voto no Duque, eu podia ter mudado pro centenário que é o bairro que eu moro. Eu disse não, eu vou continuar ali, até hoje eu estou ali...

N: Eu também voto no Duque...

E: É? Até hoje eu voto na mesa 75. E vou ficar ali até quando eu puder, mas... Me lembro do jardim era aqui em baixo, numa casa tipo meio separada, ali bem na esquina ali...

N: Lá perto da avenida...

E: Isso, da Vinte [de Setembro]. É nossa, tudo... Não esqueci nada.

N: Qual a lembrança mais marcante da escola?

E: Eu lembro que eu fazia parte do coral e da dança e uma vez não fomos nos apresentar em Nova Hartz, e tinha um senhor que tocava rabeção, e ele tinha uma Kombi azul, toda fechada, não tinha uma janela, eu passei tão mal, tão mal, que tiveram que me trazer pra casa. Isso é uma das que eu lembro e nossa, é tanta coisa que tu não... Como eu disse tinha o caso do preconceito. Tinha uma lá, que ela ria da gente, porque, eu lembro que um dia eu fui com a sombrinha da mãe e ela debochou. Só que eu voltei e falei pro professor Lucio Fleck, e ela foi de castigo. Nossa, isso não se admitia.

N: O Lucio Fleck era diretor?

E: Diretor da escola, sim, sim.

N: E foi todo o tempo em que foi aluna?

E: Todo o tempo era ele. É que lá a disciplina era bem...

N: E como era o Lucio Fleck?

E: Eu gostava dele, porque as coisas com ele andavam. Ele sabia, eu acho, na minha opinião, ele sabia ser diretor. Ele sabia administrar. E sempre com ele foi bom, sempre. Nossa, eu estudei três, minha irmã seis anos, a mais nova.

N: E quais as matérias que estudava?

E: Era estudos sociais, matemática, português, ciências. Eu acho que era só essas quatro que tinha. Porque estudos sociais... Porque naquela época não tinha química, não tinha física... E estudos sociais era história e geografia, ciência é a química hoje... biologia, essas coisas, que na época não tinha.

N: E qual era tua matéria preferida?

E: Matemática, gostava bastante. Porque, até hoje eu ainda gosto, porque ela é uma matéria precisa. Ela não tem... Ou é ou não é. E não tem outros meios de... Eu acho que matemática é muito bom.

N: E os professores, por exemplo, durante um ano, era o mesmo professor ou tinha diferentes professores?

E: Era o mesmo professor durante o ano inteiro. Só mudou na quarta série, porque a nossa professora ganhou nenê. Daí mudou. Mas se não era o ano inteiro.

N: Lembra o nome dos professores da terceira, quarta e quinta série?

E: Lembro. Na terceira série foi a Dona Isaura. Na quarta série foi a Dona Jussara e na quinta foi a Manon e o professor Lucio.

N: E como era o espaço da sala de aula?

E: Era bom, era bom. Por que eu acho que naquela época não tinha tanto aluno como tem hoje numa sala de aula.

N: E, por exemplo, o que tinha na sala de aula?

E: Tinha aquelas mesinhas de madeira, sabe? Sentava um aluno em cada classe. Daí o quadro que tinha nas salas.

N: Como eram as aulas?

E: Eram boas, mas a gente tinha que prestar atenção. E eu lembro uma vez que a Dona Isaura bateu nos meus dedos de régua. Tinha que ser... Respeito em primeiro lugar. A gente respeitava muito os professores.

N: Como começava a aula? A primeira coisa que vocês chegavam na sala de aula e vocês tinham que fazer?

E: Primeiro a gente fazia fila na sala, entrava cada um e sentava no seu lugar, tirava o material e logo depois a professora, não, a gente fazia uma oração. Fazia uma oração. Mas era feito uma oração sim. E depois iniciavam as aulas. E daí nós tínhamos um professor que dava todas as matérias.

N: E a professora utilizava o quadro?

E: Era o que tinha.

N: E vocês tinham caderno?

E: Sim.

N: E esse caderno a professora olhava?

E: Olhava, olhava sempre. Porque a gente tinha tema de aula. Tema de casa. E daí ela sempre olhava.

N: O que os alunos faziam durante a aula?

E: Não tinha bagunça na sala. Não. As vezes a gente conversava um pouco, mas não era bagunça. Porque isso eu posso comparar aquela época, com a época que eu voltei a estudar depois. Nossa, é como eu digo, os alunos respeitavam o professor. E eles também, eu acho que nem precisavam ser muito, por que todo munda já sabia. E o diretor, seu Lucio, era... bem enérgico... É... E qualquer coisa que fazia já ia pra secretaria... Mas era bom.

N: E as aulas de matemática? O que lembra das aulas de matemática?

E: Naquela época não tinha assim, como tem hoje essas coisas de muita regra. Isso, não sei se me fugiu da cabeça, até o quinto ano que a gente fez lá. Porque depois eu fui fazer a sexta sétima e oitava em 2003. Então mudou muito do ensino. Só que pra mim, que voltei a estudar naquela época, foi muito mais fácil do que os alunos que estavam vindo normal. Sabe? Porque eu tinha colegas, eu estudava no noturno, mas eu tinha colegas que, tinha meninas de 14, 15 anos e eu tinha meus 43, nossa, muito... Então o ensino naquela época, a matemática era muito boa. Porque a gente aprendia. O que eles passavam, a gente aprendia. Nossa, pra mim foi bem mais fácil do que todos os meus colegas que fizeram comigo. Porque eu fiz, eu não fiz supletivo, eu fiz tudo ano normal. Sexta, sétima, oitava, depois fiz ensino médio também. E eu acredito que naquela época,

até a quinta série ali, eu acho que eu tinha muita coisa, que eu acho que entra no segundo grau. Era muito bom.

N: A professora chegava a usar algum livro?

E: Usava. Tinha livros na escola.

N: E tem alguma lembrança de qual era o livro?

E: Não. Mas eu quero ir até lá na minha mãe olhar vê se a mãe não guardou algum livro, caderno, alguma coisa nossa. Porque boletim deve ter.

N: Qualquer material seria de muita ajuda.

E: Pois é. Mas tem uma coisa que eu consigo pra ti que é da época, que é o distintivo do Duque. Eu consigo com a Marlisa, uma colega. Ela levou junto no dia... Não sei, na tua época não tinha mais o distintivo?

N: Não, pra mim era o logo da escola, só.

E: Não, pra nós era um distintivo. Que nós tínhamos dois uniformes. O da semana, e daí nós tínhamos o de 7 de setembro. O da semana era um xadrezinho, com guarda-pó. E daí o de 7 de setembro era saia azul marinho com camisa branca e o colete vermelho, muito show.

N: As cores continuam as mesmas.

E: Sim.

N: Lembra como vocês aprendiam a matemática? Como a professora começava os conteúdos, se era no quadro...

E: Era no quadro.

N: Se ela passava bastante exercício...

E: Passava, passava.

N: Era difícil?

E: Era. Porque a gente estava aprendendo.

N: E o que vocês aprendiam na aula de matemática vocês usavam no dia a dia?

E: Algumas sim, algumas não. Que nem, a tabuada é uma coisa que sempre vai fazer parte da vida da gente. E isso é uma coisa que a gente decorou. De cor e salteado, sempre. Porque se ela perguntava, fazia... Como se diz? Ela perguntava da tabuada, sabe? A gente tinha que estudar e daí ela tomava, ela perguntava e tinha que responder. E não tinha, a tabuada todo mundo tinha que saber.

N: Era tipo uma prova oral?

E: Isso.

N: E então, como eram as provas? Tinham provas?

E: Ô se tinham. Muitas. Eu não sei, acho que no quinto ano eu peguei segunda época. Na época era segunda época, sabe? Peguei recuperação...

N: Segunda época é recuperação?

E: Sim. Eu peguei recuperação. Esses dias nós estávamos lá e olhamos as notas. E no quinto ano eu peguei recuperação em duas matérias, sabe? Mas isso está tudo na escola.

N: As notas? Eu fui lá ver e o Sérgio me mostrou. Eu tenho as notas do quinto ano.

E: Olha ali pra ver se eu não peguei segunda época...

N: Elaine...

E: Silma Klein...

N: Não... 64, não era a média?

E: Não, era 50.

N: É, aqui não.

E: Ué?

N: Mas esse é do quinto ano. Do final do ano...

E: Ah, então tá...

N: Esse aqui é do encerramento do ano. É o boletim final. Aqui, Elaine Silma Klein, matemática, 64...

E: no que eu tirei 74, ali? Ou 94?

N: Não consigo ler muito bem, geografia... Ou ciências da natureza. É, ciências da natureza.

E: Na verdade assim, eu era um pouco relapsa na aula. Mas nunca rodei. Sempre passei, tudo. Sei lá, eu era muito brincalhona. Meus cadernos na escola era quase sempre minha irmã que levava...

N: Tua irmã levava teus cadernos para a escola?

E: Aham, porque eu ia brincando na estrada.

N: Chegaram a aprender sobre a história da escola?

E: Não. Eu não me lembro. Hoje eles ensinam?

N: É, eu cheguei a aprender um pouco. Quando teve a comemoração dos 160 anos a gente estudou bastante.

E: Quantos fazem hoje?

N: Não tenho certeza, mais de 170... Teve alguma aula em alemão?

E: Não, não tinha.

N: Queria saber como era Sapiranga na época em que estudava no Duque.

E: Muito bom. Nossa, a gente podia sair. Não como hoje. Tu vê que em 70 eu tinha 12 anos. Completei no final do ano. Nossa, era ... Maravilhoso. Eram menos pessoas. A gente conhecia praticamente todo mundo. E, imagina. Como hoje não dá pra mandar um filho, as minhas já tão grandes, mas naquela época era bom. Tu conhecia todos. A João Corrêa era só de lojas e coisas assim. Tinha a livraria ali, onde é aquela farmácia ali, ali tinha a livraria do Nene Santos. Sapiranga era uma cidade calma. Não tinha o que tem hoje. E nós sempre moramos na São Luiz [bairro]. Desde que a gente veio de muda do interior a gente veio morar ali na São Luiz. E na época a gente ia a pé pra escola. Eu tinha nove, dez, onze anos e a gente ia só a pé pra escola, sozinha da São Luiz e nunca teve problema, nunca aconteceu nada. A segurança era melhor, acho que tudo era melhor.

N: O trem ainda passava em Sapiranga?

E: Não, não, já tinha terminado. Não tinha mais. Até assim, se tu quisesse uma pessoa que estudou no Duque a bem mais tempo, antes ainda. O meu marido estudou lá. E ele tem 83 anos. Quarenta e poucos ele estudou lá. Porque na época não tinha muitas escolas. E na época que ele estudou o Duque não era ali onde é hoje. O Duque era na frente ali, onde era o Transporte Sapiranga, onde é o Itaú ali agora. Ali era o Duque.

N: Sim, lembro de ir visitar na pré-escola. Não era o Itaú ainda. Mas a gente passou ali na frente.

E: A fachada da escola continua a mesma que era na nossa época. Até a gente tirou a foto...

N: Lá na secretaria...

E: Só que a secretaria não era ali onde é hoje.

N: Onde era?

E: Era numa sala a direita. Depois que se formou sala, ali. Fica dentro da escola, ali, sabe? Depois eles foram aumentando ali, construindo salas. Mas assim. É a mesma escola. A gente só tem lembranças boas dessa escola. Meu Deus.

N: Vamos falar um pouco mais da matemática... Além da tabuada, lembra de outras Coisas que aprendia?

E: Ela fazia, claro, bastante exercícios, uns questionários que tinha “fulano de tal comprou tantas coisas” ...

N: Problemas...

E: Isso! Ela dava bastante. Daí tinha que resolver aqueles probleminhas. Mas era bem... Que coisa mais engraçada. Sabe, eu não sei por que, eu até disse pra Marlisa, minha colega, o que eu menos me lembro é do quinto ano. É da quinta série. Por quê? Eu não sei. Tanto é que eu nem me lembrava quem tinha sido a professora. Daí ela falou.

N: E depois que terminou a escola, o que foi fazer?

E: Fiquei em casa, porque eu tinha só doze anos. Eu terminei a quinta série e fiz doze anos em dezembro, daí eu não podia trabalhar ainda, daí no ano seguinte eu fiquei até setembro, agosto. Daí o meu pai foi junto e eu fui fazer minha carteira de trabalho e em quinze de setembro eu já comecei a trabalhar com carteira assinada. Quinze de setembro de 71.

N: Não continuou estudando porque não tinha mais escola perto?

E: Não é que não tinha escola, é que na verdade não tinha condições. Na época, para estudar, na nossa época não tinha ônibus como tem hoje. Então para nós vir a pé, que morava na São Luiz, ficava ruim para ir de noite. E para ir durante o dia o pai não tinha condições. E de noite eu acho que nem tinha na época. A gente saía do quinto ano e ia pro ginásio. E daí uma grande maioria foi pro ginásio. E a gente não foi porque o pai não tinha condições. Daí ficava difícil, daí depois o meu irmão mais velho voltou a estudar no genuíno, daí de noite. E daí eu voltei a estudar em 2003. Fiquei de 70 até 2003 parada sem estudar, daí me formei no ensino médio com 50 anos. Eu fiz 50 anos no mesmo mês que me formei. Dezembro de 2008, me formei no ensino médio. Porque em 2009 eu fiz um semestre na faculdade.

N: Fez onde?

E: Na Faccat. Eu fazia em sábados o dia inteiro. Porque na época no ginásio não tinha bolsa. Como nós tinha no Duque.

N: O ginásio era no Duque também?

E: Não, não. Era ali na [rua] Carlos Bihel.

N: O ginásio era... lembra o nome da escola?

E: Eu não lembro ao certo. Sabe ali onde é a Nona Romana? Do outro lado da rua, por ali, era o ginásio.

N: E o Duque não tinha ginásio?

E: Não, não. O Duque tinha até o quinto ano. Daí até minha irmã fez até o quinto ano no Duque, daí ela saiu e foi pro genuíno, porque na época dela já tinha até a oitava série. Na nossa não.

N: Bom, o Duque era uma escola evangélica. E tinha muito reflexo disso nas aulas?

E: Não, não, não. Nossa, por que a gente tinha colegas de outras religiões. Isso não.

### **7.2.2. Parte II – 05 de abril de 2019**

N: Como eram os problemas de matemática?

E: Era tipo historinha de matemática...

N: E quais eram os assuntos desses problemas?

E: Sempre era usado nomes de pessoas... “Comrou tanto, gastou tanto”. As vezes tinha que somar, as vezes tinha que dividir, as vezes tinha que multiplicar...

N: Lembra de fazer este tipo de operações? (Plano 7 março)

E: Sim...

N: Com que frequência vocês faziam?

E: Não era tanto assim. Mas só no início do ano. A frequência assim eu não lembro.

N: Lembra de utilizar algum material didático? Por exemplo, palitinhos de picolé para aprender unidade, dezena e centena.

E: Sim. Palitinhos... tinha tantos e pegava mais tantos.

N: Além dos palitos, lembra de mais algum?

E: ... Não sei... Porque até em casa tu podia usar... Usava botão... Até pra comprar tinha uns palitos maiores de cores diferentes... Palitos de fósforo a gente usava muito.

N: A próxima pergunta é sobre uma atividade com palitos de fósforos... Está no plano da Dona Ivonne. (Plano 13 de março).

E: Lembro de fazer esse tipo de atividade... Por que era fazendo isso que se aprendia dezena, dúzia, essas coisas...

N: Lembra de utilizar o flanelógrafo?

E: O que é isso?

N: É um quadro, revestido com flanela... Servia para colocar figuras...

E: Eu não lembro...

N: Vou te mostrar uma foto do que é um flanelógrafo... (mostrando no livro do PABAE)

E: Sim, eu lembro... Era de um tecido... A gente usava pra colocar figuras.

N: Durante as datas festivas as atividades em aula eram relacionadas com a comemoração?

E: Sim.

N: Como?

E: Tipo São João, daí o Duque sempre teve muitas coisas de apresentações e danças. Sete de Setembro, São João, Dia das Mães, Dia dos Pais...

N: E nas atividades das aulas, por exemplo, nos problemas de matemática, isso aparecia?

E: Na matemática eu não lembro.

N: Por exemplo, esse era o plano perto da Páscoa.... (mostrando o plano 27 de março).

E: Ah sim! Isso eu lembro.

N: Lembra de a professora recolher as tarefas do dia?

E: Sim, ela recolhia. Recolhia de todos os alunos, porque ela levava pra casa pra corrigir.

N: E devolviam pra vocês?

E: Sim, devolviam.

N: O caderno era verificado pela professora?

E: Sim, quase sempre. Porque era muito cobrado o tema de casa... Pra ver se o conteúdo estava copiado.

N: Lembra de utilizar livro didático?

E: Sim, usávamos... Sabe que uma coisa que me marcou bastante... Eu sou a terceira filha... Daí os livros iam ficando de uma pra outra.

N: Eu achei esse livro, lembra dele (Nossos Exercícios)

E: A gente tinha que copiar essas coisas para o caderno... Olha as historinhas... Tem o outro?

N: Sim, esse é de gramática e matemática (Estrada Iluminada).

E: Esse aqui eu me lembro. Olha como era diferente... Gramática funcional e matemática significativa... Isso eu lembro... Olha uma dezena de pintinhos... O dobro de quatro... Nossa, acho que era Cruzados Novos na época... Olha: “Olga foi ao cinema, deu uma cédula de cinquenta...” ....

N: E vocês escreviam no livro ou copiavam para o caderno?

E: Copiava tudo no caderno. Pra não estragar o livro. Desse livro eu lembro, do outro não. Naquela época a gente aprendia essas coisas lá no primário. Hoje em dia não é mais assim. Porque quando eu voltei a estudar em 2003 eu tinha muita facilidade na matemática. Eu tinha mais facilidade, apesar da minha idade, do que colegas de 16, 17 anos. Não sei se era por que eles não prestavam atenção, porque a gente era muito cobrado de prestar atenção na aula. Olha essa aqui, é bem complexa “Francisco foi com seu irmãozinho ao circo. A entrada inteira pra geral era 50 e a meia 25. E ele comprou duas meia entradas. Ele deu 100. Quanto ele recebeu de troco?” Tinha que fazer as contas.... E se errar aqui, erra tudo... Olha “com o troco, Francisco comprou dois pacotes de pipoca de 10 cada um”.

### **7.3 Entrevista com Jussara Sander**

J: Jussara Sander

N: Nicolás Giovani da Rosa

#### **03 de dezembro de 2018**

N: Antes de ser professora, fez o primário?

J: Fiz o primário no Duque. Professor Lucio Fleck foi meu primeiro professor. E daí quando foi pra fazer o estágio, eu estudei depois na Escola Estadual.

N: Onde fez o magistério?

J: Isso, que agora foi lá pra cima do morro. Não! Magistério eu fiz lá na Fundação, em Novo Hamburgo.

N: Era Escola Normal?

J: É. Escola Normal era o Magistério. Daí estudei lá.

N: Em que ano foi que fez a Escola Normal?

J: Eu me formei, comecei meu estágio em 1965. Em 65 foi o estágio.

N: Estágio fez no Duque também?

J: No Duque. Eu pedi. “Mas que ótimo” diz o professor Lucio. Aí lá “não, é tudo feito aqui em Novo Hamburgo. No máximo Novo Hamburgo, Hamburgo Velho. Tudo ali, nós não vamos viajar pra lá”. E eu gostei tanto que veio até o diretor, que para as minhas colegas ele não foi. E o diretor lá de Novo Hamburgo, ele era arquiteto, ele era o diretor lá da fundação, ele veio até Sapiranga, também veio me visitar, porque de tão bem que eles falaram que tinha sido meu estágio. Ai, eu adorei a primeira série. Eu dei aula na primeira série. Eu fiz bem como uma professora que dava a didática, ela que nos instruiu, ela é de Campo Bom. Ela veio umas quantas vezes, “Jussara tu estás com estágio”. E a minha felicidade é que meus pais tinham bazar, eu tinha as cartolinas ali, eu tinha... estava tudo cheio... então eu fazia tudo com cartolina... mas era assim, a parede cheia, cheia, cheia de cartolina.

N: Tem algum material guardado ainda?

J: Nada. E que pena. Esses dias eu ainda dei a minha pasta onde tinha tudo lá dos alunos... Hoje em dia eu não tenho mais nada, nada, nada. Depois eu fiz Filosofia, em São Leopoldo. Aí eu me formei e fui pro segundo grau. Mas o que eu mais gostei foi da primeira série. Como eu gostei.

N: Quando começou a ser professora no Duque?

J: Depois do estágio. Aí o professor Lucio conseguiu a minha... Como se diz? O estado me cedeu... Porque eu logo fiz o exame, aquele que a gente faz pra ser nomeada. Aí a minha nomeação veio pra uma escola estadual, aí eu fiquei na estadual e fiquei no Duque. Era demais, e eu estava terminando a faculdade. Era muito, muito agitado. Eu emendei. Porque logo que terminou eu já comecei a faculdade.

N: E a faculdade fez onde?

J: Eu fiz em São Leopoldo, na Unisinos. E daí... E daí ele pediu pro estado a minha cedência. Aí eu saí do estadual e fiquei só no Duque. E era um turno só.

N: E dava aula pra quais turmas?

J: Primeira série. Aí gente tinha assim, oh. A Fundação era a melhor escola de magistério que tinha na região. De lá a gente saía preparada mesmo pra ensinar. Imagina, os alunos entram só fazendo risquinho e bolinha, a única coisa. E no fim do ano sabiam tudo. Ai, a gente ficava... Sabiam ler, sabiam fazer continhas. E era tudo na base de muito material didático. Eles tinham que sentir a quantidade dos números. Sentir o valor do número. Então nós fazíamos aquela casinha da unidade, uma casinha da unidade, da dezena e da centena. No máximo até cem pra eles aprender bem. Depois na segunda série em diante aumentava. Então a gente fazia palitinhos, esses palitinhos de sorvete eles ajudavam, logo traziam tudo. Daí aqui assim da unidade, era de um até nove. Aí botava aqui a unidade. O cinco. Noventa e cinco. Então noventa, nós tínhamos assim, trouxinhas, nós fazíamos, de palitinho de dez em dez, então dava as dezenas. E aí nós colocávamos ali na dezena. E aí centena era só uma vez. Era dez vezes aquelas trouxinhas de dez. Daí a criança sentia o valor do número.

N: E isso fazia já no Duque?

J: Isso.

N: E esses materiais que fazia no Duque, no que se baseava para fazer?

J: Aprendi tudo no magistério.

N: Esse material tem algum nome? Qual era a didática que utilizava nas aulas?

J: Tinha que ser tudo... A criança tinha que saber, por exemplo, tinha a fotografia do número. Já ouviu falar da fotografia do número?

N: Não.

J: A fotografia do número era assim, uma cartolina... Eu não sei mais o tamanho, acho que era assim... Que nem uma foto normal... O tamanho de uma foto normal. Então, por exemplo, o número um era isso aqui. Bem no meio. Uma bolinha, um círculo. Era cortado um círculo, por exemplo uma cartolina, a cartolina era branca, e daí não era cartolina, esse círculo era em cima de um papel... Sabe que tem aqueles papéis colorido, verde, amarelo, bem colorido... Aí a gente cortava um círculo e cada um tinha que passar cola, cortar... Isso era a fotografia do número um. Tá, daí eles sentiam o que é a quantidade um. Quando era dois, daí essa era a fotografia do dois, era maior, um pouquinho maior o círculo, assim, bem redondinho, daí eles colavam e essa era foto do dois. O cinco já era, o cinco era isso, aqui, aqui, aqui, aqui e aqui. O cinco era isso...

N: Que nem um dado?

J: Isso! Isso daí! Essa era a disposição. Era o cinco. E daí era até o cinco. Se era sete, era a foto do cinco, mais a foto do dois. Entendeu? Isso eram as fotos. E daí nós trabalhávamos com isso. E os números, depois de saber os números até dez, então a gente tinha uma faixinha em cima do quadro e também tinha do alfabeto. E também em cima do alfabeto tinha os números de um a dez. Então tinha um, dois, três... E daí tinha a quantidade ou de passarinhos... Se era um, era o número um direitinho assim, daí aqui assim tinha um passarinho, daí aqui assim tinha dois passarinhos ou dois ursinhos... Eu botava tudo outras coisas... Daí eu gostava de fazer desenho... Daí eu logo fazia desenho, tirava assim, copiava. No bazar tinha os livrinhos de história, eu pegava, o Pato Donald, todos eles gostavam, e eu desenhava. Tudo copiado. Aí eles tinham que sentir. Aí as continhas, operações era só de subtração e adição. Eram as duas que a gente usava, na primeira série. Só, mais nada. Depois eles sabiam contar até cem. Mas era mais devagar. Geralmente a gente começava pelo número cinco, não começava pelo um. Começava pelo cinco. Porque a gente fazia assim: “levantem a mão, abram os dedos da mão. Estão vendo esse número de dedos que vocês têm?” Então gente faz isso ó [contando os dedos] um, dois, três... Eles ainda não conheciam os números, mas a gente como professora já... Um, dois três, quatro, cinco. “Quantos dedos a professora disse que vocês têm?” “Cinco, professora” aí eles já ficavam olhando... Deixa eles olharem, deixa eles meditem... “Hm, então isso é cinco”. Então quando chegavam em casa, sempre tinham novidade pra contar. E cada ensinamento era dado, assim, por uma semana inteira. Só o cinco. Só o cinco, não se falava em outra coisa. Mas era cinco de tudo que é maneira. As historinhas tinham cinco porquinhos, tinham cinco pintinhos, tudo era cinco. E daí pra fixar bem.

N: Quais as primeiras lembranças que tem do Duque como professora?

J: Ai, fiquei muito feliz com a sala... A sala era nova e eu ganhei uma das salas novas. O Duque tinha feito um aumento lá e tinha duas salas novas e uma das salas eu ganhei. Eu fiquei feliz da vida, tão feliz, tão feliz, tão feliz. E o professor Lucio tudo o que eu pedia ele dava um jeito e colocava na minha sala.

N: Então dava aula só para o primeiro ano, e além da matemática, quais outras matérias ensinava para os alunos?

J: Todas... Primeiro, segundo, terceiro e quarto ano a gente dava tudo. Não, até o terceiro, daí depois o quarto ano, cada disciplina tinha um professor. Tinha matemática um, português outro, história outro, ciências outro....

N: E o professor Lucio era professor de que?

J: De matemática. Pena que ele faleceu. Ele que tinha que entrevistar. Aí ia pegar tudo.

N: Qual era a recomendação da escola sobre a escolha dos conteúdos? Usava algum livro?

J: Nós tínhamos... Já saía formado já com aqueles conteúdos. Nós fazíamos unidades. Unidades de ensino. Por exemplo, quando chegava na época da Páscoa, então tudo sobre a Páscoa. Então tudo envolvia a Páscoa. Depois quando era Natal, lá no fim do ano... A mesma coisa, tudo era Natal. Tudo envolvia Natal. Daí era matemática, português, ciências, tudo dentro daquele contexto... Aí era o método global. Tinha começado o método global. Isso não era muito conhecido. Que envolvia assim, tem que vir do todo, para as partes. Um ensino bem moderno que lá nos Estados Unidos eles começaram. Daí foi adotado aqui e a Fundação já tinha pego.

N: E como chegou esse método aqui, sabe dizer?

J: Através dos professores. Eles tinham curso. Iam pra Porto Alegre. Recebiam tudo e começou a ser passado. Tudo vinha dos Estados Unidos. Até hoje.

N: E na escola usava algum livro com teus alunos?

J: Mas era de português. Só de português.

N: De matemática não usavam?

J: Não, não tinha nada da matemática. Era, a gente tinha um programa de conteúdos que tinha que passar. O que tem que passar na primeira série, na segunda série, na terceira série, na quarta série... Isso vinha de São Leopoldo da DE [Delegacia de Educação], a DE dava o programa. Que tinha que ser passado. Até aquele ano todos os alunos tinham que aprender...

N: A escola também cobrava esse mesmo programa?

J: Mesma coisa. Todas as escolas eram iguais. Não tinha problema se era transferido pra outra escola, porque o programa era sempre o mesmo. Hoje em dia, meu pai do céu, eles riscaram tudo que era certo, pra só ensinar uma bagunça total. Uma bagunça. É pro

aluno não saber nada. Só saber prática, mas não tem conteúdo. Porque tem gente se formando hoje em dia na faculdade que não sabe nem escrever.

N: Como era tua relação com os alunos?

J: Eu era a choca, e eles eram os pintinhos. Quando eu vinha vindo, lá longe, não é que eles saiam na disparada no meio da rua pra vim ao meu encontro? E uma vez uma bicicleta, aqui não tinha muito carro, e daí, agora sim, agora é uma coisa, não dá nem pra atravessar, aí uma bicicleta pegou uma das minhas alunas. Ela caiu e eu tive que ligeiro levar ela pra... Atacar a primeira viatura, não sei o que era... Era a fase que todo mundo se conhecia... “Ai, por favor, me ajuda aqui a levar minha aluna lá pro hospital”. Porque sangrou bastante, saiu do ouvido assim. Eu fiquei assustada, caiu. Caiu pra trás, e a bicicleta caiu assim... “agora vão lá pra escola, e ligeiro! E avisa a...” Aí eu peguei a que era a mais falante, que era a líder da turma, sempre tem um líder. E daí eu peguei a líder e disse “vai lá, fala pro Seu Lucio que eu já venho, que eu vou levar essa coleguinha de vocês pro hospital e daí eu já venho”. Aí eu deixei ela lá, avisei o pai e a mãe. Aí tinha que ir num terminal de telefone, pra... Porque não tinha assim, isso não existia... Era tudo difícil... Aí tinha que ligar lá pro pai e pra mãe, daí eles vieram do serviço, assustados, mas no fim não era nada, graças a Deus.

N: Como eram tuas aulas?

J: Começava com a oração do Pai Nosso. Daí nós orávamos, daí começava a aula. Porque era uma escola evangélica. E eu peguei essa mania sempre. Depois eu dava nas estaduais, porque meu marido era gerente da Caixa e ele ganhava transferência de quatro em quatro anos pra outro lugar. E daí nós íamos pra lá, pra esse lugar que ele era transferido e eu só pedia a minha transferência pra acompanhar o marido, só no fim do ano, pros alunos não ficarem mal. Porque na primeira série, quando eles pegam o jeito da professora, aí é melhor ficar até o fim do ano pra coisa... Pro programa ser sucesso. Aí eu ficava até o fim do ano e depois eu ia de muda. E daí também os nossos filhos depois que nasceram, eu tive dois, eles ficavam na mesma escola. Aí eu ficava no lugar e o meu marido ia lá pro lugar novo e no fim do ano eu ia de novo. Daí ele vinha todo fim de semana me visitar. Nós tínhamos um período diferente. E ele era muito competente. Minha rival mesmo era a Caixa. Ele se dedicava mesmo à Caixa. E ele também era um paizão pra todos os funcionários. Todos eles gostavam. “Ai seu Mário, o senhor me

quebra um galho, eu hoje"... Na Caixa, "o senhor me quebra um galho que eu hoje eu estou com minha filha doente, com febre..." "Não, pode deixar, eu vou dar o teu trabalho pra um outro colega que vai lá te substituir, aí outra hora tu paga essas horas pro colega". Porque ele além de fazer o serviço dele... Não tinha muito funcionário aquela época. Daí era assim. Que nem na escola também. Alguém ficava doente... Eu peguei a turma de uma colega logo no início aí eu tinha que dar aula de tarde, no lugar dela.

N: E como era ser professora naquela época?

J: Era muito respeito. Os alunos gostavam tanto da professora ou do professor que chegavam em casa e diziam assim "Pai, não é assim" pro pai,... "Por que não é assim?" "Porque a minha professora disse que era assim, assim e assim". E era amém. Voz da professora e do professor era a palavra mais sábia que tinha. E era muito bom, muito gostoso. E a gente não ganhava muito, nunca ganhamos muito como professor, mas era uma alegria tão grande, tão grande... Nossa, era no coração que a gente sentia. Era muito bom. Eu nasci pra ser professora. Se eu fizesse tudo de novo, eu de novo seria professora, eu não queria ser outra coisa. E eles vêm com uma laranja, uma bergamota. Eles vêm com tudo, pra ti e vão dando.

N: E como era o professor Lucio Fleck como professor da escola?

J: Era muito enérgico. Os guris, principalmente, as gurias nem tanto. Os guris iam direto pro milho, de joelhos, era assim. E ninguém achava ruim. Hoje em dia alguém faz um negócio desses, meu Deus do céu. Quando eu fui na aula e depois quando eu era professora, no máximo a gente fazia... Eu tinha uma régua e fazia assim "bota as mãos aqui, não estudou a tabuada?", porque eu dei aula também na quarta série, "bota as mãos assim, que eu vou dar na tua mão pra tu aprender" aí eu fazia assim, mas não era muito forte. E isso eu fazia, pra exigir. Aí eles vinham assim com tudo na ponta da língua. Por exemplo, a tabuada do sete, que é a mais difícil de guardar pro aluno, e daí ele vinha com tudo sabidinho.

N: E na quarta série deu aula...

J: No Duque também. Daí logo depois dessa quarta série, eu fui transferida com meu marido, no fim do ano. Eu só peguei um ano de quarta série.

N: E depois não voltou mais pro Duque?

J: Pro Duque não. Aí eu comecei a lecionar aonde eu estava. Nós fomos pra Bento Gonçalves, ficamos quatro anos lá, nós fomos pra canela, lá eu fique oito anos, porque lá nós construímos casa. Quatro anos depois de outro lugar, nós viemos de volta, porque ele ganhou pra Gramado... Nunca era o mesmo lugar... Daí ele ganhou pra Gramado, daí lá nós tínhamos casa. Nós tínhamos alugado a casa, daí nós voltamos pra nossa casa.

N: Falou que como aluna não tem nenhum material guardado. E como professora?

J: Pois é, isso tudo eu dei. Eu acho que no meu último ano que eu lecionei na primeira série, eu lecionei em São Francisco de Paula, e eles pediram. E eu dei... E a gente fazia muitos desenhos também e nos desenhos entravam as quantidades. Já via problemas na primeira série. Falava do problema, por exemplo, na árvore tinha cinco passarinhos, aí dois voaram, quantos ficaram? Então tinha que fazer cinco menos dois e daí o resultado. E isso a gente também ensina, na primeira série.

N: E também fazia prova?

J: Sim, a prova. A prova vinha lá... A prova era de leitura, o principal era prova de leitura e português, porque tinha que aprender a ler. Mas fluentemente. Não era como hoje em dia que eles tão lendo *super* mal lá na quinta série. Bem mal, gaguejando, não sai do lugar... Não. Na primeira série, tinha uma prova de leitura que a prova vinha lá da Delegacia de Educação. Fechada, lacrada. Era aberta na frente da professora e entregue para os alunos. A gente tremia, porque não sabia o que ia... Quais as palavras. Podia ser muito LH ou coisa que ia atrapalhar a criança. Tinha que saber tudo.

N: Então vinham essas provas para os alunos?

J: Isso, para a professora também. Daí a professora do segundo ano que ficava assistindo a leitura. Eles podiam ler, conosco. A gente dava a leitura, aí o aluninho ficava lendo e a gente ficava assim escutando e acompanhando. "Ai que emoção, a primeira linha deu... A segunda linha deu.. A terceira...". Daí eu pegava e quase amassava a criança, enchia de beijo.

N: E essas provas serviam, além de avaliar o aluno, avaliar a escola ou a professora, por exemplo?

J: Sim, aí avaliava a escola também. Porque o resultado final depois, tantos por cento de alunos que passavam... Eu chorava. Comigo rodava assim, dois... No máximo três. Porque eles não tinham maturidade, porque eles entravam com seis aninhos. Então tinha

uns que não estavam prontos. Tinha uns que tinham capacidade de raciocínio e tudo, mas outros não, eles ficavam fechadinhos, fechadinhos. E a pessoa é a pessoa. Deus não fez as pessoas todas iguais. Umas dá o estalo já em junho, o estalo pra leitura e matemática, pra tudo. Dá um click. Daí “ahhhh”. Daí tu sente a rapidez com que o aluno aprende. E antes disso é demorado, até dar aquele click. E outros não dá, até o fim do ano não dá. Tu ajuda, tu pede pros próprios coleguinhas ajudarem... Um que já sabe. “Vai ali e ajuda teu coleguinha. Mostra pra ele como que é”. Daí vai lá ele mostra e as vezes o aluno aprende mais com o coleguinha do que com o professor. Porque daí é de igual pra igual. Isso a gente usava.

N: Quer contar mais alguma coisa da experiência como professora?

J: foi muito, muito, muito bom. É tão bom que hoje em dia a gente vai caminhando na rua de repente um aluno do teu tamanho, que agora uns já são pais, outros já são avós. Eu estou com 72. Uns até avós já são. Daí naquela época tinha diferença de 12 anos quando eu me formei. E daí eles vem assim no centro, aquela mania de fechar os olhos, “Adivinha quem é”, aquela voz grossa assim, “adivinha quem é”, e daí eu vou e agarro aqui na mão, aí eu sinto que é cabeludo... Opa... É um homem. “adivinha quem é” “ah, mas eu não sei” “ai professora, por favor” daí eles chegam a chorar e eu choro junto, os meus aluninhos da primeira série. Mas os olhinhos iguais, a gente não esquece os olhinhos dos alunos.

N: Qual período que foi professora ali na escola mesmo?

J: 65 a 72.

#### **7.4. Entrevista com Neiva Eslávia Lindemeyer**

NE: Neiva Lindemeyer

NI: Nicolás Giovani da Rosa

##### **7.4.1. Parte I – 15 de setembro de 2018**

NI: Quando começou a estudar na escola?

NE: Eu comecei desde o jardim. Agora, que ano que foi isso então? Eu estou com... O jardim aquela época eu acho que a gente tinha cinco anos... Eu estou com 59, há 54 anos atrás... 2018... 1964, porque eu nasci em 59... É, não sei se foi em 64 ou 65... Por aí.

NI: E frequentou até quando?

NE: Até o quinto ano. Porque naquele tempo a gente tinha que fazer o exame admissional, para entrar no ginásio.

NI: Qual é a primeira lembrança quando falamos da escola?

NE: A primeira lembrança que tenho é justamente da Profe Nesi, que ela era nossa professora no jardim. E eu me lembro da forma como era a sala de aula. Isso foi uma coisa muito legal de quando a gente foi lá, porque a gente relembrou tão bem. E eu lembro que uma vez, eles saindo depois da hora do recreio, no caso da hora do lanche, a gente ia dar uma voltinha na quadra, dar um passeio, todos os dias. Mas a gente tinha que primeiro tirar um cochilo, assim, deitado em cima dos braços. E isso é uma coisa que me vem muito nítido à memória. E um dia todo mundo saiu e quando a última criança bateu a porta eu acordei. Ela ia me deixar deitada ali, porque eu cochilei, eu peguei no sono mesmo. E quando a última criança saiu, que bateu a porta, eu acordei, daí desesperada, assustada que não tinha mais ninguém, mas aí ela ainda me levou junto. É uma coisa bem legal, que eu me lembro bem dessa situação.

NI: Além disso, o que mais lembra do espaço da escola?

NE: A escola em si, naquele tempo, era bem menor do que hoje, né. Mas o espaço, a gente lembra do pátio, assim, do gramado... Lá onde é aquela parte nova, onde a gente entra, à esquerda na parte nova, ali era um campinho, que a gente jogava vôlei. Até nos sábados de tarde, as vezes a gente se reunia e jogava vôlei. E do lado, onde era o jardim, que saía do lado de lá do prédio, onde hoje a gente entrando na frente, a direita tem uma pracinha e do ladinho era a sala do jardim. Daí ali a gente saía. Ali continuava um pátio aberto...

NI: Ali onde é a sala dos computadores?

NE: Isso, ali onde são os computadores, pra fora ali. Ali também era onde a gente podia brincar, tinha os balanços. Isso são coisas que eu me lembro também do espaço. Me lembro da secretaria, isso tudo assim, por que era tudo tão menor. Porque eu fiquei impressionada quando a gente foi, porque já é bem maior de quando meus filhos estudaram lá.

NI: É, de quando eu estudei, eu fui lá esses dias, e já tá bem diferente.

NE: Bem diferente, né. Muito legal. Foi maravilhoso aquele dia que a gente foi lá visitar.

NI: E quais as matérias que vocês estudavam?

NE: Olha, eu acho que era... Era linguagem naquele tempo... Pena eu não tenho mais nenhum boletim, nada. Era linguagem, educação artística, naquele tempo não diziam... Não sei, era artes, alguma coisa assim. Eu não sei como era denominado, mas me lembro de ciências, estudos sociais, matemática... Naquele tempo não tinha tanto quanto hoje. Era diferente. Até... Naquele tempo ainda a gente estudava estudos sociais... Humm... depois aquilo lá já foi do Genuíno, eu acho.... É, mas era assim, linguagem, matemática, estudos sociais, ciências, eu acho que é por aí. Daí tinha educação física. É acho que é mais ou menos isso.

NI: E qual era a tua matéria preferida?

NE: Matéria preferida? Meu anjo, não sei, não sei mesmo. Não sei te dizer. Mas eu acho que a linguagem, que no primeiro ano era a professora Jussara. Inclusive em um ditado que ela fez depois de umas férias, eu fui fazer, escrever o que aconteceu nas férias, eu fui botar o nome do meu primo e o nome do meu primo era, eu escrevi certo e ela achava que tinha que ter um 's' no fim e ela me deu errado, fez uma correção, porque era Marco, o nome do meu primo era Marco Aurélio, e eu só escrevi Marco e ela botou um 's' pra mim, sublinhou como estava errado, mas estava certo. A gente até comentou isso no encontro. Eu me lembro mais assim até por causa da professora, assim. Porque era um professor pra todas as matérias naquele tempo. E aí, era bastante lúdico assim, que ela trazia as coisinhas pra gente montar as palavras. Nesse sentido. Eu acho que era o que me atraía mais. Porque matemática nunca foi meu forte.

NI: Como disse, não era mais de um professor durante o ano?

NE: Sim. Mas depois na quinta série já foi mais de um. Nós tínhamos a professora Manon, o professor Lucio, que era o professor de matemática. Hm... A tabuada tinha que estar na ponta da língua. Ele chegava e dizia 'hoje eu vou perguntar a tabuada. Quanto é tanto vezes tanto... Fulana! Quanto é tanto vezes tanto'. A gente tinha que saber na ponta da língua. Daí, lá pelo quarto, quinto ano, lá pelo quinto ano, porque até o quarto era... Primeiro foi a Dona Nesi, depois a Dona Jussara, depois a Dona Isaura, e novamente a Dona Jussara, no quinto era Manon, o professor Lucio que eu lembro assim, que vem na memória.

NI: E como era o espaço na sala de aula?

NE: O espaço... Porque não era tantos alunos como hoje em dia na sala de aula, acho que uns vinte e poucos. Era um espaço legal, um dia a gente até sentou com mais turmas, mas era um espaço legal a sala de aula, por que era bem melhor que hoje em dia que entopem de alunos as salas de aula. Os colégios particulares nem tanto, mas naquela época não tinha, naquele tempo era o Duque e as Irmãs... Hoje eu vejo, a gente tem um grupo da história da cidade de Sapiranga e o Genuíno já é bem antigo, mas eu acho que eu nem sei se já sabia que o Genuíno existia, até uma certa idade. Eu só conhecia o Duque e o Colégio das Irmãs. E a gente por que era da [Igreja] Evangélica ia no Duque. Mas os espaços eram legais.

NI: E o que tinha nas salas de aula?

NE: O quadro, giz normal né, as cadeiras, as classes, naquele tempo eram muitas classes de madeira mesmo. Não consigo me lembrar se tinha coisas na parede como hoje, eu realmente não lembro.

NI: E as aulas como eram?

NE: As aulas... Deixa-me lembrar... Me lembrando lá do primeiro ano, daquele bendito ditado né... Eu sei que a gente gostava muito, eu gostava. Eram aulas agradáveis. Não existia essa história de bullying, hoje em dia qualquer coisa é bullying. Então assim, a gente brincava, brigava, mas as aulas em si não consigo me lembrar, eu lembro da professora lá na frente e a gente gostava das professoras. Era um respeito tão grande, era uma coisa tão bonita o relacionamento muito gostoso entre professor e aluno. Não sei se era porque tinha menos alunos, ou outra época. Mas as aulas em si a gente tinha os temas de casa, os compromissos, mas a gente fazia, era legal. Tinha o castigo é claro se não fazia, eu não lembro de ter levado um castigo, mas era tudo mais rígido. Qualquer coisa se ia lá na diretoria, tinha que se explicar lá, não era resolvido com o professor, era com o diretor, que na época era o professor Lucio. Eu não consigo te dizer muito do que eu me lembro, querido... Só que eu me lembro que eram aulas gostosas, assim.

NI: E as aulas de matemática, como vocês aprendiam matemática, ou como tu lembra dessas aulas?

NE: As aulas de matemática eu lembro mais assim, do terceiro ano em diante. O terceiro ano acabou com a Isaura, dessa professora eu tinha medo porque ela era muito braba. Eu a achava assim braba, e não era só eu, a gente tinha mais medo que respeito. E a

gente tinha que assim, como eu te disse, tinha que saber aquilo que ela te pedia. E a aula de matemática, naquele tempo era tudo tão mais simples, mais, menos. Na quinta série que eu lembro mais da divisão, de multiplicação. Essa é a lembrança que eu tenho, antes era mais simples. Fazia os risquinhos, eram tantas bolinhas menos tantas ou risquinhos. Essas coisinhas assim, que me vem na mente.

NI: E eram difíceis as aulas de matemática?

NE: Ah, era difícil. Eu achava difícil pra saber, porque a gente tinha que saber tudo na ponta da língua, quando eles perguntavam a gente tinha que saber, né. Então eu achava difícil porque eu nunca fui boa em matemática. Mas eu aprendia, mas eu era assim, mais lenta. No Duque eu nunca tirei nota vermelha, sempre tive boas notas, né. Não era a melhor da turma, mas sempre tive boas notas. Aquele dia até a gente estava olhando as notas, bem legal...

NI: O Sérgio me mostrou até as notas, eu tenho aqui as notas do final do ano...

NE: Ah! Sim, viu? Ela até ficou de mandar foto, mas não mandou... Olha só...

NI: Do quinto ano de 70...

NE: Eu não me lembro se era da B ou da A...

NI: Eu tenho das duas...

NE: Ah, aqui... Elaine... É oh, viu... Ah, aqui oh, linguagem, matemática, estudos sociais, ciências, educação moral e cívica, religião, aham... É verdade... Minhas notas não eram das piores. Não eram das melhores, mas também não eram das piores. É eu me lembro que não tirava notas vermelhas... Educação moral e cívica eu fui bem... É, era uma educação que a gente tinha mais aquela coisa de cantar o hino nacional, era um respeito, era muito legal.

NI: A professora usava algum livro durante as aulas?

NE: Pois é, de livros eu não me lembro de livros... Eu não me lembro de livros, querido. Não lembro nada de ter livros. Eu acho que eles tinham os livros que eles seguiam e a gente tinha que escrever tudo. Eu realmente não lembro de livros até a quinta série.

NI: Então usavam bastante o caderno para copiar?

NE: Isso. Muito copiar tudo quadro. Me lembro que a... Viu, agora falando vem na memória... A dona Isaura, se não copiasse rapidinho, ela apagava pra continuar e a gente tinha que copiar pra dar conta.

NI: Então ela usava muito o quadro?

NE: Sim. Era tudo no quadro e a gente tinha que copiar e depois fazer as respostas. Tema de casa também, tudo a gente tinha que copiar, levar pra casa e fazer.

NI: E o que aprendeu em matemática chegou a usar bastante nos dias de hoje?

NE: Ah, eu uso, sim. A matemática eu usei muito no meu trabalho, eu tinha malharia, eu comecei a trabalhar bem cedo em malharia, máquina de tricô. Depois a patroa se aposentou e eu continuei. E ali eu utilizava bastante os cálculos, né, pra fazer os custos das coisas. Então ali que eu usei bastante. E eu sou boa de memória pra fazer conta, porque não tinha o hábito de calculadora, tanto que eu fui aprender a usar a calculadora, quando eu comecei... Também, faz quantos que já... Eu trabalhei 32 anos naquela malharia, eu comecei com 12 anos lá... É, e agora já fazem 15, 16 anos que eu não estou mais na malharia... Mas na época eu me lembro que a gente não tinha calculadora naquele tempo, nem pensar calculadora, nem no ginásio. Pra fazer as provas não podia ter aquele lápis que tinha a tabuada, não, não podia. Tinha que ser o lápis preto, sem nada escrito.

NI: Então depois do Duque foi para o ginásio?

NE: Sim, para o Ginásio Estadual, aí eu estudei o primeiro ano, fiz o primeiro ano do ginásio. Aí no segundo ano eu já comecei a trabalhar, e aí eu comecei a estudar de noite no Genuíno. Daí na verdade eu só fiz o fundamental. Eu comecei a fazer o segundo grau, mas daí eu na época eu conheci meu marido, a gente estudava juntos, já no Genuíno, daí no ginásio. No primeiro ano a gente resolveu a começar a trabalhar, a gente era pobre, humilde, somos até hoje, mas enfim, naquele tempo a coisa era difícil, meu pai faleceu muito cedo e tinha que ajudar a minha mãe, então comecei a trabalhar muito cedo. E aí, quando eu fiz 18 anos, eu pagava pensão e eu podia ficar com meu dinheiro e aí a gente começou a trabalhar de noite. A gente trabalhava de dia fora e de noite a gente furrava salto em casa, na época eu e meu noivo, pra gente poder comprar as coisas pra casar. Então eu.... Ai desculpa, qual era mesmo a pergunta? Eu acho que saí meio do contexto...

NI: Se tinha feito o ginásio...

NE: Ah, sim. Isso. Eu comecei o ginásio, fiz dois anos e depois fui pro genuíno. Porque foi bem na época que mudou. Porque terminou o ginásio e foi aquela sequência da primeira a oitava série. Peguei aquele período ali.

NI: E como eram as provas?

NE: Como eram as provas... Tudo escrito a lápis né. Claro, elas tinham o mimeógrafo na época, mas elas tinham que escrever tudo. Eu não sei se já tinha máquina de xerox... Não, não tinha não. Era o mimeógrafo e era tudo escrito... E daí as provas, claro, se a gente não tinha estudado tanto era difícil, né. Que nem eu te disse, eu não era melhor aluna, mas não era tão... Ali eu sempre fui bem. O negócio era estudar, né.

NI: Tem fotos da escola?

NE: Não, uma pena. Minha mãe tinha. Mas faz uns anos que minha mãe está no lar, então foi tirado as coisas da casa dela pra alugar... Me lembro bem que ainda tinha um coletinho vermelho da minha irmã, tinha um distintivo, mas eu acho que tudo isso foi fora naquela época.

NI: Vocês chegavam a aprender sobre a história da escola?

NE: Sobre a história da escola... Eu acho que não, eu não lembro. Assim, a história da escola não. Hoje eu vejo como é importante isso, como é legal. Naquele tempo eu não sei se foi e a gente não dava tanta importância pra isso. Mas eu acho que não. Até por que, naquela época o Duque não era tão... A minha mãe estudou no Duque, mas a minha mãe estudou ainda era no outro lado...

NI: Ali onde é o Itaú agora...

NE: Isso é... Me lembro que ela contava.

NI: Vocês tinham aula em alemão?

NE: Não. Só tinha aula em alemão no ginásio. Daí tinha o professor Rossi. Isso eu me lembro bem. No primeiro ano dia do ginásio, que a gente podia optar por inglês, francês... Não, inglês era junto. Era francês ou alemão, daí as turmas eram separadas, no período dessas aulas.

NI: E o ginásio era onde?

NE: O ginásio é onde é... Na frente da [loja] Ouro Preto ali. O ginásio... A Escola Normal naquele tempo... Ali pra baixo do Santander, à esquerda... Tem ali acho que uma loja...

NI: Uma outra pergunta sobre o ginásio... falou sobre a escola normal... fez a escola normal?

NE: Não, não fiz a normal. Naquela época, como deu a mudança do estudo, daí era do primeiro ano até a oitava série e ali saiu o normal e entrou o estadual lá em cima, foi alguma coisa assim.

NI: O fato de ser uma escola evangélica tinha algum reflexo nas aulas?

NE: Eu acho que sim... Porque a gente tinha o ensino religioso, eu acho muito importante. Uma pena que hoje em dia não exista mais isso. As escolas particulares eu acho que ainda, o Duque, as Irmãs e o São Matheus, que são as particulares, ainda... Mas as escolas públicas e municipais eu acho que infelizmente não tem mais isso. E eu acho que é muito importante. Porque a gente respeitava. Apesar de que naquela época eu não entendia muito bem o que era, o significado das coisas. Porque depois a gente fazia doutrina, pra fazer a comunhão depois, e no caso como eu era evangélica, eu me lembro assim a gente estudava, tinha que decorar coisas, mas não era uma coisa que entrava no coração. Aquilo era uma coisa que tinha que fazer, né, mas eu acho que apesar de tudo, como tinham essas aulas, era uma maneira de também, da gente, eu acho que na educação da gente, no caráter da gente isso fazia a diferença. Talvez na época a gente nem percebia tanto isso, né.

NI: E vocês só aprendiam sobre a religião da escola?

NE: Só a evangélica.

NI: E tinha pessoas que não eram da religião evangélica estudando no Duque ou eram só os evangélicos?

NE: Eu não lembro das religiões das pessoas... Mas hoje eu sei que muitos não são mais evangélicos. Mas naquele tempo eu acho que a maioria era evangélico. Naquele tempo era assim, os católicos nas Irmãs e os evangélicos no Duque, na minha concepção. O que eu me lembro. Não vou te dizer que não tinha porque eu não me lembro. E era uma coisa que a gente não questionava. Ali no Duque eu acho que a maioria era evangélico.

NI: E como era Sapiranga naquela época?

NE: Nossa... Hoje, de alguns anos pra cá eu já vejo tanta diferença, está tudo muito diferente. Gente... Naquele tempo Sapiranga não tinha ruas calçadas, eram muito poucas... O centro ali... Que nem a rua onde eu morava, que é no centro, eu morava no

centro, e não tinha calçamento. Não tinha cercas, não tinha muros. Pra ir pra casa do vizinho era uns trilhozinhos entre os pátios. Não tinha muro, não tinha nada que separava, era tudo tão familiar, não existia... Era tudo tão... Eu acho assim... Eu me lembro um pouco assim da cidade, onde depois construíram o Fórum, o INSS... É que é tanto tempo... Realmente tanto tempo...

NI: Como era a vida em Sapiiranga?

NE: a vida era muito tranquila. Pra mim ela era, ela foi bem difícil assim, eu acho que pra muitas pessoas na época, a gente não teve uma infância fácil, mas eu acho que... Assim, a gente brincava até tarde na rua, a gente tinha as casas, os pátios todos emendados, então a gente se reunia, brincava até tarde na rua, na frente de casa... A gente não tinha esse medo que tem hoje... Nossa, a gente se reunia... Eu ia muito na casa da Claudete, a gente dormia muito uma na casa da outra. Essa era a nossa diversão. Em finais de semana ia pra casa dos coleguinhas, ou em sábados de tarde, a gente tinha aquelas pessoas que mais eu, a Claudete e minha prima, a gente tinha uma ligação bem legal assim, a gente brincava muito juntas. Então assim, eu me lembro de onde a Claudete morava, lá do lado do arroio, nossa, me lembro bem disso. E ela vinha lá em casa, o pai dela tinha o fusquinha azul. Eu lembro que não precisava ter medo de andar na rua. A gente ia sozinha pra escola. A gente passava no meio do cemitério, porque eu morava pertinho do cemitério do centro, a gente passava pelo meio do cemitério do centro pra ir pra escola. Eu me lembro que uns anos depois já não podia mais porque os vândalos já estavam ali... Mas o meu tempo eu me lembro bem. Chegava março que começavam as aulas já era frio, era aquele geado nas gramas, minha tia morava na esquina, e nós íamos juntas, eu e minha prima, eu passava ali, ficava roupa durante a noite no chão ali e não tinha perigo, e a gente pisava em cima porque a roupa estava congelada... São coisas simples, mas quando a gente estava conversando eu me lembro disso.

NI: Mencionou o professor Lucio Fleck, como ele era?

NE: Nossa, o professor Lucio era uma pessoa muito sábia... De saber lidar com tudo. Me lembro assim, ele era rígido, mas ele era um bom professor, ele sabia ensinar, ele educava, mas com amor. Eu sei que ele era, sempre tinha algumas exceções né, tinha alguns colegas que era castigo e tinha que ficar de joelho lá, as pessoas viam, os colegas viam, por isso que eu acho que existia mais respeito. Hoje em dia não existe mais respeito

entre aluno e professor, muita coisa que a gente escuta hoje em dia. Mas, ele era... Nossa, professor Lucio muito querido. As aulas de violino, de dança, o coral, era muito legal. Eu acho que por isso, como ele participava... Ele era o diretor, mas ao mesmo tempo ele na quinta série foi professor e era professor de matemática. Porque ali tinha que saber a tabuada e os verbos. Ele era professor de matemática e de português. Porque a gente tinha que saber os verbos... Futuro do pretérito... Ai... Agora me veio isso... Tinha que saber tudo certinho... “amanhã eu vou perguntar os verbos, tu vais dizer esse verbo e tu esse verbo em tal tempo” ... E tinha que saber. E ele era rígido, se não sabia, tinha que ficar na hora do recreio e estudar. E isso eram coisas que eu me lembro dele, assim. Mas ele era uma pessoa legal e ele sabia lidar com as situações, assim. Porque ele se impunha, mas aquele que não queria ele. Vai ficar ali e vai estudar, né. Que é o que eu me lembro assim dele.

NI: Tem mais alguma coisa que quer falar sobre a escola/lembranças/aulas/professores?

NE: Eu sempre gostava de todos professores, assim. Só a Dona Isaura que eu achava assim... A professora Manon, nossa, era um doce de pessoa. A professora Jussara todo mundo gostava delas. Quem podia levava florezinhas. Essas são coisinhas que eu lembro. Eu lembro que tinha alguns colegas que a gente saía da escola, quando terminava a aula e tinha um, onde era a Metalúrgica Bohrer, era um pouquinho antes do Duque, onde hoje é aquela escola profissionalizante a esquerda, quando vai ali pro Rissul, do centro. Acho que é uma escola de inglês ali... E ali eles moravam em cima, e tinha uma campainha, e a gurizada apertava a campainha e saía correndo, aquela coisa de gurizada. E eles foram lá na escola reclamar. Aí o professor Lucio passou nas salas de aula, foi falar que se acontecesse de novo, eles iam avisar, que ele estava sabendo o que estava acontecendo. Então aquilo era uma forma de respeito, a gente tinha medo, então a gente respeitava. Eu me lembro que eu nunca fiz isso, mas era a gurizada, eu lembro que a gente sempre saía junto. Era muito legal. Realmente é muito longe tudo, mas que era bom de estudar. Tanto é que eu sempre quis que meus filhos estudassem no Duque. Aí minha filha sempre estudou lá e no segundo grau foi pra Feevale... E meu filho, em circunstâncias, me separei, eu o trouxe pro colégio aqui perto, daí ele veio estudar aqui no Matilde, foi uma das piores coisas que eu tive que fazer. Mas na época

eu não tive condições de manter na época. Mas eu sempre gostei do Duque. É uma escola muito família. É o que eu posso te dizer.

#### **7.4.2. Parte II - 05 de abril de 2019**

NI: Como eram os problemas?

NE: “Paulinho tinha quatro *bolitas*. Lucas tinha duas. Quem tinha mais?” Ou “somando os dois, quantas têm no total?”. Algo do tipo. Isso eu me lembro, as historinhas matemáticas.

NI: E essas historinhas eram geralmente sobre o cotidiano de vocês?

NE: Eu acho que mais era em cima disso. Mas eu não tenho muita lembrança. Mas eram coisas simples. Peixinhos, bonecas, algo assim. Referente às coisas que a gente mais tinha contato.

NI: Vocês faziam esse tipo de cálculo? (Plano 7 de março)

NE: Sim, nós fazíamos isso aqui.

NI: Com que frequência?

NE: Quase todos os dias.

NI: Lembra de utilizar algum material didático?

NE: Pois é. Eu não lembro se a gente tinha livro no primeiro e segundo ano. Mas depois sim.

NE: Mas material didático quero dizer, por exemplo, palitinhos de picolé pra contar unidade, dezena e centena.

NE: Ah, esse tipo de coisa. Sim, eu acho que tinha os palitinhos.

NE: além dos palitinhos, lembra de mais alguma coisa?

NE: Milho, feijãozinho... Pelo menos se a gente não tinha na sala de aula, era lúdico em casa. Ou também a gente fazia os risquinhos. Nossa, faz tanto tempo.

NI: Lembra de utilizar o flanelógrafo em aula?

NE: Não. O que é?

NI: Um quadrinho revestido de flanela, que era usado para colar figuras.

NE: Ah sim! Tinha na sala de aula, a professora usava. Eu só não sei te dizer em qual série. Mas eu lembro que a gente colava as coisinhas lá.

NI: E usavam nas aulas de matemática?

NE: Sim. Colocava as figurinhas... Isso eu lembro, acho que era verde, inclusive. Uma flanelinha verde, pra mim era interessante porque a gente era humilde, eu achava muito incrível. A gente podia ir lá colar as figurinhas. Não se tinha isso em casa. Pra gente era novidade, era bonito.

NI: Lembra como ele era utilizado?

NE: Acho que assim, separação de sílabas, na aula de linguagem. Na aula de matemática, acho que eram colados, tipo “um + um = tanto”.

NI: Lembra de atividades desse tipo? (Plano 13 de março)

NE: É... Caixinhas de fósforo. Coisinhas que a gente levava... Que nem eu disse antes... Milho, feijão... Em casa a gente usava isso. E eu acho que realmente caixinha de fósforo, porque agora me veio outra coisa em mente. Naquela época o que eu comecei a fazer com caixinha de fósforo porque eu achei muito lindo, comecei a fazer casinha de boneca. Comecei a fazer as TV's as cômodas. Forrava tudo de papel, daí eu fazia as cômodas, as caminhas, o sofá, colava as caixinhas... Naquele tempo se usava muito fósforo, fogão a lenha, usava muito fósforo... Aí eu lembro que eu fazia... Pegava uma caixa grande de sapato, forrei ela, cortei a parte da frente e ali era casinha da boneca. Acho que foi nessa época. A gente usando as caixinhas de fósforo lá na escola, depois eu inventei de fazer isso com elas. Agora isso me veio na mente. Que legal.

NI: Nas datas festivas, por exemplo na páscoa, as atividades em sala de aula eram relacionadas?

NE: Sim, sim. Daí eram os ovinhos de páscoa. Tantos ovinhos... Ovos grandes, ovos pequenos.

NI: A professora recolhia as tarefas que vocês faziam?

NE: A gente tinha que levar o tema e elas olhavam todos os dias. Elas olhavam e corrigiam. Era no caderno. Todos os dias era corrigido.

NI: Lembra de usar algum livro?

NE: Não lembro mesmo. Não tenho lembrança assim.

NI: Lembra deste livro? (Nossos Exercícios)

NE: Ah é! Contar os lápis... Os números romanos... Dez cruzeiros... Ovinhos de páscoa... Se ela usava ela fazia no mimeógrafo pra gente, eu não lembro do livro... As metades...

Mas aqui já tinha a respeito de dinheiro, mas eu não lembro disso. Isso eu lembro, das bolinhas (pág. 37), das maçãs (pág. 39) ... Essas coisas assim eu lembro.

NI: Mas do livro em si?

NE: Não, do livro eu não lembro. O conteúdo sim.

NI: O outro livro é esse aqui. Ele é de português e matemática. (Estrada Iluminada).

NE: Ah... Essa foto não é estranha. Exercícios de gramática... Estrada Iluminada... Isso eu me lembro! De ter que preencher... Eu tinha muita dificuldade por causa da interpretação. A gente tinha o texto e depois tinha que completar ou fazer uma composição. “Faça variações com as sentenças da seguinte história”... É, daí tinha que trocar as palavras e os sinônimos e os antônimos. Dessas coisas eu lembro. E eu me lembro que tinha os pontinhos... Tinha os pontilhados que a gente tinha que escrever... Será que a gente tinha esse livro? Então cada um deveria ter seu livro... “Matemática significativa”. “O número que representa duas dezenas”. “O número que representa meia dezena”. Pois é, aqui a gente já tinha relação com o dinheiro e eu não lembrava disso. Essas historinhas matemáticas eu lembro... Das diferenças de idade, dos ovinhos, maçãs, as bolinhas de gude... “ela comprou um sorvete por sete e gastou quatro em condução. Quanto sobrou?”. É, essas eram as contas mais difíceis pra Neiva. Cubo, esfera cilindro, aqui já aparecia, mas eu não lembrava disso no Duque. Mas será que isso a gente já tinha isso no segundo ano? Ah, as tabuadas! Escrever os números romanos, que dificuldade de decorar. Eu lembro. Dessas coisas eu lembro. Que legal. É engraçado que essa história do dinheiro eu não lembrava, e dos círculos. Eu não lembrava. Mas as outras coisas sim.

### **7.5. Entrevista Com Vera Lucia De Paula**

V: Vera Lucia de Paula

N: Nicolás Giovanni da Rosa

### 7.5.1. Parte I – 30 de setembro de 2018

N: Em que ano começou a estudar no Duque?

V: O ano? Primeira série. Não, segunda série. A primeira série eu fiz aqui na Escola Estadual. Comecei a estudar no segundo ano. Mas o ano? A gente está em 2018... Eu tinha 8 anos, agora eu tenho 59, há 51 anos atrás. Vamos ter que fazer conta. Viu? Matemática. Vou fazer a conta daí posso te dizer bem certinho... 1967.

N: E frequentou a escola até a quinta série?

V: Isso, na época só tinha até a quinta série.

N: E qual a primeira lembrança que tem quando a gente fala da escola?

V: Primeira lembrança que me vem na cabeça? Disciplina.

N: Disciplina...

V: É. Que era uma escola que exigia bastante de ti, tinha bastante disciplina. Porque o diretor era um diretor mais rigoroso. Que era o diretor Lucio Fleck. Então ele era um diretor bem rigoroso. Mas não era uma escola que era... Como eu vou explicar? Era uma escola que tinha disciplina, mas também tinha liberdade de expressão. Era uma escola com bastante disciplina.

N: Quais as tuas lembranças do tempo de escola?

V: Meus colegas... Alguns professores... De algumas atividades, que a gente tinha bastante atividades fora as atividades que era atividade de escola mesmo, de matérias e coisas que tinha oportunidades pra ti. Participava do grupo de coral, participava do grupo de danças. E daí a gente saía da escola e fazia apresentações fora da escola. Essas recordações eu tenho da escola. Do barzinho da escola, que a gente já tinha barzinho naquela época. De dentro da escola ou de fora da escola? Porque eu tinha que ir de ônibus pra escola e era mais complicado, naquela época não existia como hoje existe as vans, Topiques, que levam as crianças pra escola, naquela época eu tinha que utilizar ônibus pra ir pra escola, tinha os horários e tudo pra ir pra escola. Hoje em dia tá bem mais facilitado.

N: Quais as matérias que vocês estudavam?

V: As matérias que eu estudei na escola lá, bom, segunda série, era normal, era português, matemática, ciências e estudos sociais, que era chamado na época. Daí tinha educação física, artes, artes domésticas, que tinha, que na época a gente tinha aulas aos

sábados pela manhã e aos sábados pela manhã era um horário da turma que estudava de manhã, das 7 às 9 horas, das 9 às 11 horas era o horário da turma que estudava na parte da tarde. E nos sábados normalmente eram técnicas que a gente estudava. Era bordado, os meninos faziam trabalho com MDF, coisas assim. Faziam porta ovos, na época existia umas serrinhas pequeninhas, que eles trabalhavam com aquelas serrinhas e aprendiam a fazer trabalhos com isso. E a gente aprendia a bordar, tricô, quem queria fazer o trabalho com a serrinha também podia fazer, tinha essas técnicas aí.

N: E qual era a tua matéria favorita?

V: Português e matemática. A matéria que eu menos gostava era desenho. Eu preferia as outras matérias do que desenho, não gosto de desenho.

N: Quantos professores vocês tinham por ano?

V: Era um professor para o ano inteiro. Só na quinta série que a gente teve dois professores. Da primeira série até a quarta série, sempre era um professor só.

N: E consegue lembrar o nome dos professores?

V: Eu consigo lembrar só o nome da professora da segunda série, da terceira eu não consigo lembrar. A segunda era Regina, a terceira eu não consigo lembrar. Da quarta série era Edi e da quinta série era o diretor, o Lucio Fleck, que dava matemática e português e a professora Manon que dava história, geografia, estudos sociais e ciências.

N: Como era o espaço da sala de aula?

V: Era bem amplo. Sempre foi amplo o espaço. Bem amplo.

N: E o que tinha dentro da sala de aula?

V: Eram só as classes, que eu lembro assim, as classes e o quadro, que era um quadro grande e não tinha muita coisa nas paredes, como hoje em dia que tem bastante gravuras.

N: Como eram as aulas?

V: A professora passava matéria, conversava, depois a gente copiava, era copiado tudo e fazia os exercícios referente a matéria que ela passava.

N: E isso era copiado no caderno?

V: Tudo no caderno. Na época a gente escrevia muito. Tinha livros tinha as coisas, mas muitas vezes a gente tirava do livro e escrevia no caderno. E a gente sempre tinha o acompanhamento de um livro.

N: E esses livros eram de matemática, português...?

V: Tudo. A gente tinha que comprar os livros, daí normalmente, tinha a Livraria Globo que tinha em Sapiranga que a gente ia lá e encomendava e comprava o livro. Ou como eu não tinha condições, às vezes, eu era bolsista, então as vezes eu ganhava um livro. A gente não podia escrever, a gente fazias os exercícios dentro do livro, mas tinha que ser de lápis, não podia fazer de caneta.

N: Tem alguma lembrança de como era o livro de matemática?

V: Não consigo lembrar. Eu sei que matemática era um menor. Um livro menor. Mas eu não consigo lembrar da capa.

N: Esses livros vocês compravam na Editora Globo que tinha aqui em Sapiranga? Onde era essa editora?

V: Ela ficava na 15 de novembro, onde tem a farmácia do João do lado, agora tem um cabeleireiro ali na esquina, ali ficava a Editora Globo. A gente comprava ali.

N: Vamos ver se encontramos esse livro.

V: Mas agora ele tá, esse pessoal, eles tão, o endereço deles... Tem uma marmoraria, perto da delegacia, numa rua que tu sobes assim, na Caixa Econômica, onde é a Caixa Econômica agora...

N: Ali não é a Livraria Presencial?

V: Era deles! Eles tinham bastante coisas de livros. Eles sempre venderam os livros do Duque.

N: E como eram os alunos na sala de aula?

V: A gente era bem disciplinado. Não podia, não é como é hoje, bem diferente, porque, eu te digo não é que nem hoje porque, não sou professora, mas meus filhos eu sempre acompanhei na escola. E as professoras as vezes convidavam a gente pra assistir aula ou coisa assim. Uma diferença enorme de educação que tinha dentro da sala de aula. Tinha que ter respeito. A gente não podia nem virar muito pra trás pra conversar e esse tipo de coisa. Eu sei que uma vez eu até fiquei de castigo porque a menina que estava atrás de mim me chamava, me chamava e eu ficava virando e “Vera, vira pra frente, vira pra frente” e daí eu tive que ir no cantinho de castigo, de costas para o quadro. Eu num cantinho e ela no outro cantinho pra gente parar de falar. Era bem rigoroso assim. Eles exigiam bastante de ti. Na realidade a gente até aprendia. E também a gente não queria

que chamasse nem pai nem mãe na escola. Eu não lembro de muitos alunos que fossem mais bagunceiros assim, eu não lembro. A maioria das crianças assim era bem disciplinada.

N: E nas aulas de matemática? Como vocês aprendiam a matemática?

V: A matéria era sempre passada no quadro ou a gente tinha no livro. A gente gostava quando diziam que podia fazer no livro, porque tinha que escrever muito. Eles passavam a matéria no quadro e a gente tinha que copiar a matéria, fazer os exercícios e depois a gente corrigia.

N: Era muito exercício então?

V: Era muito trabalho. E tema de casa, se passava as vezes e corrigia no quadro, era sempre repetido muito. Eu acho que a gente aprendia porque era sempre repetido muito os exercícios e a gente gravava bastante. E daí eles chamavam no quadro pra gente “oh fulano, vai no quadro para fazer o exercício tal”. Era assim que era...

N: E era difícil?

V: Eu não achava, porque eu gostava. Pra mim eu não achava difícil, porque eu gostava de matemática.

N: E o que vocês aprendiam na aula de matemática vocês chegavam a usar bastante no dia a dia?

V: Eu acho que, bom eu gosto bastante de matemática. Eu acho que é uma coisa que a gente trabalhou muito isso, e eu utilizo pouco a máquina, só para cálculos bem difíceis, por que continhas assim eu vou rapidinho. Eu acho que ajudou bastante a gente mentalizar e guardar as coisas por causa disso.

N: Como eram as provas? Tinham provas?

V: Sim, tinha provas. Sempre eram feitas as provas e a gente tinha prova que era a prova do mês. Das matérias, eles chamavam de teste. “Hoje a gente vai fazer um teste” e daí o teste as vezes eles não avisavam que iam fazer teste. Mas a prova era sempre avisada e a gente tinha que estudar para as provas, porque a prova era sempre bem difícil, era muita coisa, então tinha aquela prova que tinha um peso que era nota que a gente ganhava no boletim.

N: Não tem nada registrado ainda?

V: A única coisa que eu tenho/tinha eu acho, que quando eu olho nas minhas coisas as vezes eu encontro, é o diploma final de quando eu saí da quinta série e fui pro ginásio. Naquela época era ginásio. Que a gente também tinha que fazer.

N: E vocês aprendiam sobre a história da escola?

V: Não lembro sobre a história da escola. Religião a gente também tinha, mas a história da escola não lembro.

N: Chegou a ter aulas em alemão?

V: Na minha época não tinha. Nenhuma língua, só português.

N: O fato de ser uma escola evangélica chegava a influenciar as aulas?

V: Não... Eu também não lembro de ter colegas que fossem de outras denominações, porque a religião que a gente tinha era a religião luterana mesmo. Então eu não lembro de ter influência, ou colegas de outras religiões. Não influenciou.

N: Lembra os conteúdos de matemática que vocês aprendiam?

V: As coisas, eu só não consigo lembrar em que série que foram, mas tudo que eu aprendi na matemática foram equações, números romanos, não tanto quanto hoje, porque assim, esses dias minha neta veio com os números romanos e eu disse “mas eu não estudei tão adiantado, como hoje estão exigindo”, frações, muita história de matemática, muita historinha de matemática, dividir, as provas, tipo prova do nove, prova real, raiz quadrada... Deixa eu lembrar... O que eu me lembro muito eu sempre digo pro meu filho, eu marco muito são as historinhas de matemática, que era muita historinha de matemática, que era muita coisa escrita, que daí elas tinham mais de uma resolução, e na mesma historinha tinha mais de um resultado, e hoje em dia faz uma continha, outra de cabaça..., mas naquela época tinha que mostrar de onde vinham os resultados. Então a gente tinha que fazer todo o processo. É daí eu lembro de equações e coisas assim que a gente aprendeu na matemática.

N: Saporanga, em 1960, 1970 era bem diferente do que era hoje, como era?

V: Muito diferente. Como eu te disse na minha época eu morava num bairro e eu tinha que ir de ônibus, e tinha os horários. Normalmente os ônibus que iam pra escola tinham bastante crianças e estudantes que também estudavam no ginásio que eram maiores já. E eles iam todos de ônibus e pegavam o mesmo ônibus, que na minha época que vinha muita gente de ônibus pro ginásio que era de Araricá, de Nova Hartz e eles vinham

porque pertencia tudo a Sapiranga aquela época. E daí eles vinham normalmente com ônibus. E então eu tinha que pegar o ônibus na rodoviária que era na São Pedro, e eu desembarcava na frente da escola, que era onde tinha uma parada. O que me aconteceu muitas vezes era que eu tinha o dinheiro da passagem e sumia o dinheiro da passagem. Não sei se eu perdia, porque eu era pequena, 9 anos. Eu lembro que minha mãe, que a gente usava uniforme, o nosso uniforme na época era um avental, aqueles avental que as cozinheiras usam, a gente tinha aquele avental, um xadrezinho branco, vermelho com branco, e tinha um bolso na frente, e minha mãe colocava o dinheiro ali, com uma joaninha, para eu não perder mais o dinheiro. Mas como a cidade era pequena e era conhecido os estudantes, que eu chegava na rodoviária e eles me conheciam daí eu dizia “perdi meu dinheiro” “traz amanhã” daí me davam a passagem e eu podia embarcar no ônibus. Porque hoje em dia também, mesmo assim se compra bloquinhos de passagens, eu sei porque pros meus filhos eu comprava um bloquinho de passagem. Na época não tinha isso. Na época todo dia tinha que comprar passagem. E daí Sapiranga não tinha tanto movimento, por isso era bem mais tranquilo, hoje em dia eu não deixaria meu filho estudar, na idade que eu tinha, eu teria medo. Na época existiam coisas difíceis que aconteciam, mas não tanto que nem agora. Então agora eu já penso que pessoal pega uma Topique ou alguma coisa, já modernizou. Naquela época não, naquela época era tudo tranquilo. Eu lembro que na frente da escola tinha um hotel, Hotel Sapiranga, ele era cor de rosa, era um hotel que tinha ali. Agora tem barzinhos e coisas ali. E na época eu não lembro se tinha a rua que subia ali, porque eu lembro que tinha colegas que moravam por ali, a Neiva. A Eliane, elas moram por ali, eu não lembro se tinha aquela rua, onde é o necrotério. Mas ali na esquina tinha um hotel. Eu lembro que um sábado de manhã, isso marca a gente, eu lembro que tinha um cachorrinho morrendo ali, aquilo me marcou muito. Ele estava sofrendo, ele estava ali, não sei o que tinha acontecido com ele, se ele tinha sido atropelado, ele chorava muito. Eu lembro do hotel. O que mais de Sapiranga? Por exemplo, livraria essa era a única que tinha, depois entrou a Livraria Regente, que era do Nene Santos, que foi prefeito de Sapiranga, ele tinha livraria. E essa livraria ficava perto de onde ficava o ginásio. E também tinha um lugar onde a gente comprava material escolar que ficava perto do Duque, quando a gente não tinha, que era Ocilda que a gente chamava, eu não lembro o nome do estabelecimento dela, mas todo

mundo conhecia a Ocilda que a gente ia lá comprar, que lá era um bazar onde tinha de tudo e tinha material escolar pra comprar. As vezes a gente saía correndo na hora do recreio que precisava de um material e ia lá comprar.

N: Veio na tua fala o professor Lucio Fleck. Poderia falar um pouco mais como ele era como diretor/professor?

V: Ele era uma pessoa bem rigorosa, mas era uma pessoa bem acessível pra conversar assim... Nós todos, a gente tinha respeito, não era medo, era respeito. A gente sempre tinha respeito, mas por ele a gente tinha um respeito todo especial, ele era diretor. Daí eu lembro que quando a gente... Ele sempre deu aula pra quinta série de matemática e português, daí quando a gente passou na quarta série, “bah ano que vem é o professor Lucio”, todo mundo temia a aula dele, mas ele era um bom educador, ele sabia explicar bem a matéria, uma pessoa simples, mas uma pessoa que exigia da gente que fosse disciplinado e ele era bem acessível. E ele também era uma pessoa muito dedicada a educação. Eu acho, na minha opinião, que ele sempre foi uma pessoa muito dedicada a educação, porque ele além de cuidar da escola, ser diretor da escola, ele também se dedicava, ele regia o coral que a gente participava, as danças que tinham, ele também fazia as danças, tudo isso era ele que fazia como professor da escola. Ele era diretor, professor, e ainda fazia essa parte toda, sabe. Dele eu acho que só engrandecer mesmo. Tudo que, a homenagem que prestaram pra ele no centro de cultura e essas coisas eu acho que foi bem merecida. Porque realmente pra Sapiranga ele é um ícone. Ele é uma pessoa assim que merece todas as glórias, porque foi uma pessoa que se dedicou mesmo a educação.

N: Ele apareceu na fala de todas as entrevistas sem nem precisar perguntar...

V: É, as pessoas eu acho que tem a mesma opinião. Porque ele era uma pessoa respeitada, ele era exigente, rigoroso. Mas assim, em questão como professor, como ele foi meu professor de quinta série eu aprendi muito com ele, ele foi um bom professor. Tanto de português quanto de matemática. Ele era professor de português e matemática, mas eu acho que a linha dele era português, tanto que ele tem o livro dele e tudo. Que ele gostava muito dessa parte. E a matemática foi bem voltada pro português. As historinhas, a gente aprendeu muito. Porque era muito cansativo, porque eu lembro que a gente cansava muito porque era bastante historinha de matemática. Muitas coisas que

a gente aprendeu, tudo, com frações, tudo, mas tudo ele colocava em historinha de matemática. Na nossa época a gente chamava isso de problemas. “vamos resolver problemas”. Hoje em dia é historinha de matemática, é a mesma coisa. Na época era problemas.

N: tem mais alguma coisa que queira falar da escola?

V: é uma escola que eu gostei de estudar, uma escola que foi muito legal porque, eu ganhei a bolsa, porque meus pais eram sapateiros e através do sindicato dos sapateiros eles davam tantas bolsas. Então a primeira série eu fiz na escola Pedro Lenz, e daí a gente tinha que ter uma nota um pouquinho alta pra poder entrar e daí eu passei, como eu tinha uma nota boa e daí eu podia entrar na escola Duque. Porque pra eu entrar com bolsa eu tinha que ter uma nota boa ou alguém que te indicasse pra poder entrar, daí era avaliado. O que destaco da escola Duque, era a disciplina, era exemplo de educação no estudo em matérias e coisas. Hoje em dia ainda é, ampliaram mais, cada vez tão aumentando mais. Acho que a escola evoluiu. Hoje em dia não são só os luteranos, são outras denominações, mas eu acho que isso é importante pra tudo, é sociedade. O importante é que a escola evoluiu. Esse ano também foi importante que teve o ENCORE e a nossa paróquia ajudou junto com o ENCORE, eu também estava lá no domingo, porque eu sou presidente da paróquia daqui do Ferrabraz. A pastora fez a pregação, foi muito bonito, foi bem especial. Eu acho que a escola só cresceu, só evoluiu com o tempo. Então eu fico muito feliz em ter participado e feito parte dessa história. O meu filho mais velho que tem 38 anos, ele estudou na escola Duque. Ele estudou na escola Duque desde o jardim, pré-escola, até a quarta série, daí depois ele foi pro estado, porque daí como o outro irmão estava numa escola do estado eu achei que não ia ser bom deixar um em escola particular e o outro na do estado, então ele parou de estudar ali. Então ele também cresceu ali, também aprendeu muito, aprendeu a tocar instrumentos na escola, tanto que hoje em dia ele é ator ele trabalha em artes. E a escola Duque tem muito a ver com isso, porque foi ali que ele começou a aprender a tocar instrumento que foi tocar flauta...

N: E depois que terminou o Duque, foi para o ginásio?

V: Isso, fui pro ginásio. O estadual na época. Ali tinha línguas, ali se optava por duas línguas, francês ou alemão. E daí as matérias. Ainda bem que a gente tinha uma boa

carga do Duque, porque ali era bem difícil. Pra entrar no ginásio a gente tinha que fazer prova. Como eu disse, que nem faculdade. E normalmente a escola Duque era nome pra “vou estudar no Duque pra depois poder entrar no ginásio” porque aprendia no Duque e era bem disciplinado, a gente aprendia bem. Era mais fácil de entrar no ginásio.

### **7.5.2. Parte II – 13 de abril de 2019**

N: Como eram os problemas de matemática?

V: Eram muitos. Isso era uma coisa que ele passava muito, que foi o professor Lucio Fleck. Bastante história de matemática. Eu lembro acho porque eu gostava. A gente trabalhou bastante historinha de matemática.

N: E como eram essas historinhas?

V: Tinha coisas bem difíceis. Tinha de quilometragem... Sobre dúzia... Soma, subtração, divisão... Mais de uma conta no mesmo problema. Eu lembro bem, porque eu ajudo bastante minha neta com as historinhas matemáticas hoje em dia, porque eu lembro bastante do que eu tinha naquela época. E elas falavam sobre as situações que a gente vivia na época, eles colocavam bastante.

N: Lembra de fazer esse tipo de operações nas aulas? (Plano 07 de março)

V: Sim, fazíamos bastante. A gente repetia muito, sempre repetiu bastante. Sempre as mesmas continhas.

N: Lembra de utilizar algum material didático, por exemplo os palitinhos de picolé para aprender unidade, dezena e centena?

V: Sim, palitos a gente tinha. A gente levava junto e a gente contava. A gente aprendeu. A dificuldade das crianças hoje em dia é porque elas não usam o palitinho.

N: E como vocês usavam os palitinhos durante a aula?

V: A gente os colocava e os separava em grupinhos. Que eu lembro assim, mais nas historinhas matemáticas, “Maria tinha tantos, João tinha tantos. Quanto dava?” Separava [os palitos] e depois contava. E quando tinha prova oral e a gente também podia usar os palitinhos.

N: Além dos palitos, lembra de algum outro material?

V: Não lembro de outro material. Só dos palitinhos mesmo.

N: Nesse plano temos uma atividade com caixinha de fósforo... (Plano 13 de março)

V: É! Palitinho de caixinha de fósforo. Eles pediam as caixinhas de fósforo já com os palitos riscados. A gente não podia levar os palitos sem riscar. Como na época a gente usava muito fósforo em casa, meus pais acendiam tudo com fósforo, então eu até lembro de eles pedirem de a gente levar os palitos já riscados. E a gente levava dentro da caixinha mesmo. Eu não lembro das atividades feitas, mas eu lembro de pedirem os palitinhos.

N: Vocês usavam o flanelógrafo?

V: Não. Eu uso agora com as crianças da educação infantil, mas a gente não usava.

N: Nas datas festivas, como a páscoa, por exemplo, as atividades em aula eram relacionadas?

V: Sempre. Como eu te disse, as historinhas de matemática sempre eram relacionadas com a época em que a gente vivia. Sempre, tudo. Daí já trazia isso pra dentro da sala de aula. Dia do Índio, daí tinha probleminhas sobre o Dia do Índio. Não se perguntava “quantos meninos ou meninas tem?”, se perguntava “quantos índios?”. Era sempre relacionado. Na páscoa eram os ovinhos, coelhinhos. Sempre relacionado.

N: E a professora recolhia as tarefas que vocês faziam?

V: Ela sempre recolhia. Os cadernos, tinha que levar que elas sempre olhavam os cadernos. O tema de casa tomava um por um e olhava. Depois com mais tempo eles corrigiam no quadro. Ou a gente dava pra um colega e ele corrigia. A gente, de vez em quando, corrigia os cadernos uns dos outros.

N: Então as professoras sempre olhavam os cadernos?

V: Sim, os cadernos sempre eram olhados.

N: O que era verificado?

V: O tema de casa, se tu tinha feito. Eles sempre olhavam. E o caderno em si, se estava caprichado, se não estava caprichado. E era assinado que eles tinham olhado o caderno. Os pais em casa também tinham o controle junto com os professores.

N: Lembra desse livro? (Nossos Exercícios)

V: A gente tinha que fazer no caderno. Eu não lembro de ter feito isso no livro, mas dos exercícios eu lembro. Agora vendo isso aqui eu lembro da minha professora da segunda

série, não consigo lembrar do nome dela, mas ela tinha uma caixinha, com uns quadradinhos, não era cartinha, mas a gente fazia as continhas.

N: Como era essa caixinha?

V: Era uma caixinha e ela tinha uns quadradinhos, tipo os dadinhos, daí ela passava e cada um tirava um número e ela perguntava da tabuada. Ela fazia prova oral, daí ela fazia do oito, por exemplo, o número que se tirava tinha que multiplicar por oito e dar o resultado. Essa é uma brincadeira que eu lembro. Olhando a gente vai lembrando... Mas desse livro eu não lembro. Só dos conteúdos. A maneira colocada aqui eu lembro de fazer no caderno. Tipo isso...

N: Complete a numeração, de 100 até 200...

V: Isso. Isso a gente fazia muito. A maneira que é apresentada aqui no livro era a maneira que a gente era ensinada. Isso eu lembro... Isso a gente fazia bastante, sempre pra completar...

N: Escreva até quinhentos contando de dez em dez...

V: Isso, a gente fazia muito. Pintar a metade... O dinheiro... Isso se fazia muito.

N: E esse é o outro livro. (Estrada Iluminada)

V: Esse eu lembro. A capa eu lembro. A gente tem a imagem de algumas coisas. Eram duas matérias?

N: Isso. Exercícios de gramática e matemática no mesmo livro.

V: Esse livro eu lembro.

N: Lembra de utilizar essa coleção em todas os anos?

V: Eu acho que sim, não tenho certeza disso.

N: Lembra de ter esse livro?

V: Sim, lembro sim. Até comentei com minha mãe de ter o livro e a gente tinha sim. A gente comprava ou eu pegava da minha prima. Naquela época a gente se trocava os livros. Olha, de páscoa, como eu te disse, tudo envolvia a páscoa. O que eu mais gostava era matemática e português.... Exercícios de matemática...

N: E quando vocês tinham o livro, vocês escreviam no livro ou no caderno?

V: Tinha tempos que a gente escrevia no livro e tinha tempos que a gente escrevia no caderno. Mas no livro só a lápis. Tinha coisas que podia fazer no livro e tinha coisas que ela passava no livro e tinha que copiar no caderno. Não era tudo no livro porque a

gente tinha caderno também. Esse tipo de conta a gente fazia no caderno, mas para preencher os quadros a gente preenchia no livro. Isso de decompor era tudo no caderno... Nunca tinha só uma resposta, era sempre mais de uma pergunta nos problemas.

## 8. ANEXOS

### 8.1. Ofícios e programas do CPOE/RS

#### 8.1.1. Ofício circular nº 23, 7 de maio de 1960

Pôrto Alegre, 7 de maio de 1960

Ofício circular n.º 23

Sr. Delegado

Solicitamos a V. Senhoria informe os Srs. Professores dessa Região de que todos os estabelecimentos de ensino deverão adotar os Programas Experimentais de Matemática, Estudos Sociais e Ciências Naturais.

As escolas que estão em regime integral de reforma adotarão, além dos programas já mencionados, o de Gramática Funcional.

Anexo ao presente, encaminhamos a relação das Revistas do Ensino que publicaram os Programas Experimentais.

Cordiais saudações

Sarah Azambuja Rolla  
Diretora do CPOE

PROGRAMAS EXPERIMENTAIS PARA O CURSO PRIMÁRIO publicados na Revista do Ensino:

I — Programa de Ciências Naturais . . . . .	n.º 60
II — Programa de Estudos Sociais . . . . .	n.º 64
III — Programa de Gramática Funcional . . . . .	n.º 64
IV — Programa de Matemática . . . . .	n.º 66

Observações:

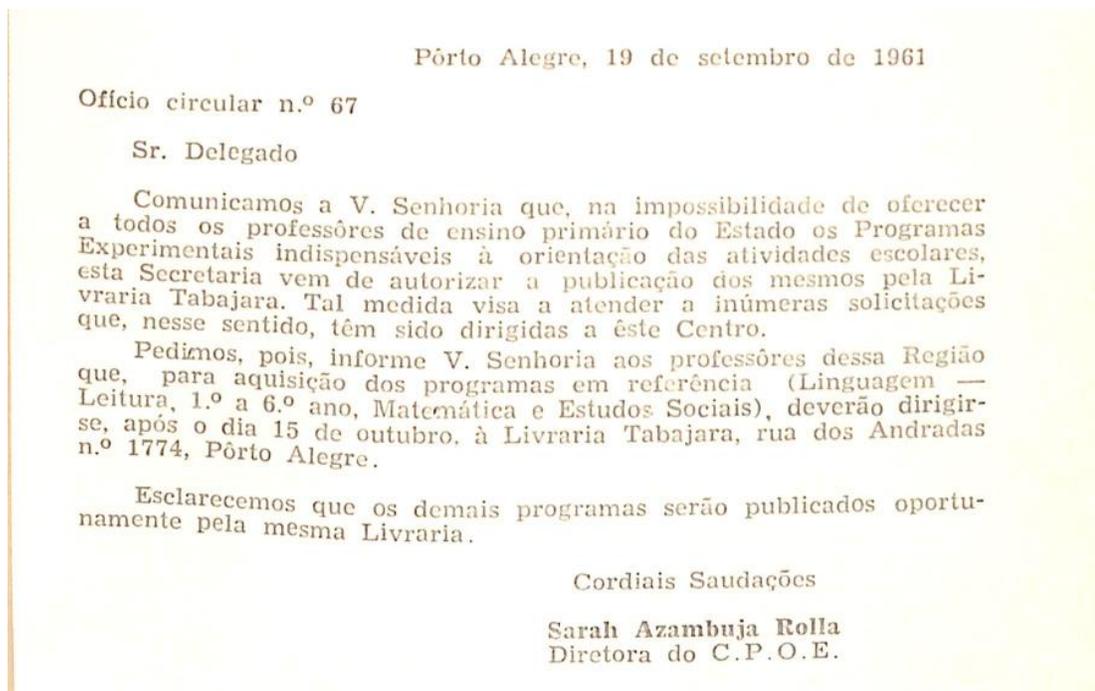
a) Foram publicadas também as unidades de gramática:

1 — Noção de sentença . . . . .	n.º 59
2 — Noção do verbo . . . . .	n.º 61
3 — Noção de sujeito e de substantivo . . . . .	n.º 63
4 — Ampliar as noções de sujeito . . . . .	n.º 65
5 — Continuar o estudo da natureza dos verbos (a ser publicado em o n.º 69)	

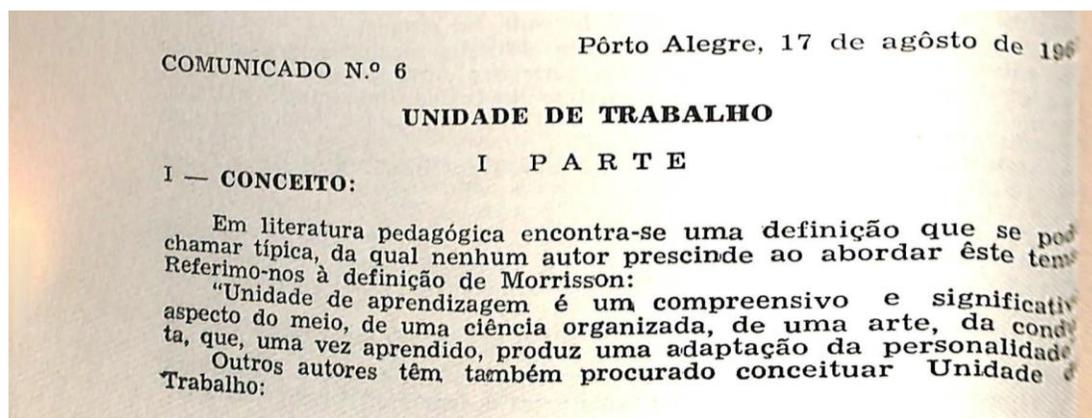
b) A Revista do Ensino encontra-se à venda, em Pôrto Alegre, nos seguintes endereços:

Av. Borges de Medeiros, 1224 — 13.º andar — sede  
Livraria Selbach — Rua Mal. Floriano, 10  
Livraria do Globo — Rua dos Andradas, 1416  
Livraria Americana — Rua dos Andradas, 1297  
Livraria Santo Antônio — Pão dos Pobres — Rua da República.

### 8.1.2. Ofício circular nº 67, 19 de setembro de 1961



### 8.1.3. Comunicado nº 6, 17 de agosto de 1961



— “Série de experiências infantis sistematicamente organizadas em torno de um tema central para desenvolver atitudes e habilidades, compreensão e conhecimento das crianças”.

— “Uma série de experiências relacionadas em torno de um significativo tópico ou problema da vida real, flexível, em duração e em conteúdo, envolvendo planejamento do professor e alunos e utilizando diversas áreas do currículo”.

— “Unidade de Trabalho é o conjunto de atividades organizadas em torno de um assunto ou tema central e que a criança desenvolve intencionalmente para alcançar determinados objetivos”.

— “É uma forma de aprendizagem pela qual um problema de real significação, ou uma grande área de conhecimento útil e valioso, é estudado através de uma série de experiências relacionadas entre si”.

## II — CARACTERÍSTICAS DA UNIDADE DE TRABALHO:

Como características da Unidade de Trabalho podem ser consideradas as seguintes:

1. Apresenta tema central como elemento integrativo.
2. Tem por fim operar modificações no modo de agir da criança, em suas atitudes, conhecimentos, informações, interesses, enfim, em seu comportamento de modo geral.
3. Baseia-se no conceito atual de como a aprendizagem se realiza.
4. Concentra a criança em trabalho por mais tempo.
5. Envolve o uso de significativo conteúdo e uma grande variedade de experiências, tais como excursões, leituras, construções de objetos, emprêgo de material áudio-visual, etc.
6. Atende a evolução do crescimento da criança e baseia-se nas suas necessidades pessoais e sociais.
7. Provê oportunidades para a interação social, apontando processos democráticos de aprendizagem, como planejamento cooperativo entre professor e alunos, trabalho em grupo, etc.
8. Atende as diferenças individuais.
9. Favorece o enfoque de funções sociais e aspectos de vida.

## III — ROTEIRO PARA PLANEJAMENTO DE UNIDADE DE TRABALHO:

### A — DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

1. Classe
2. Professor
3. Data: início.. término..
4. Título da Unidade.

### B — JUSTIFICATIVA:

### C — OBJETIVOS:

1. Generalizações (conhecimentos ou habilidades)
2. Atitudes
3. Hábitos

## D — ATIVIDADES INICIAIS:

1. Incentivos
2. Levantamento de problemas

## E — ATIVIDADES DE DESENVOLVIMENTO

## F — ATIVIDADES CULMINANTES

## G — AVALIAÇÃO

## H — MATERIAIS UTILIZADOS (inclusive Bibliografia):

1. Pelo professor
2. Pelos alunos.

## I — OBSERVAÇÕES

---

 II PARTE

 COMENTÁRIO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO ROTEIRO  
 PARA PLANEJAMENTO DA "UNIDADE DE TRABALHO".

## A — DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

**Título****Escolha do assunto da "Unidade de Trabalho":**

O professor selecionará o tema para a Unidade de Trabalho, escolhido por ele, ou sugerido pelos alunos, em bases que justifiquem tal seleção.

O título deverá dar uma idéia geral do conteúdo, não só do conteúdo intelectual, mas das oportunidades para desenvolver atividades e experiências agradáveis à criança e de significação imediata, considerados seus interesses e necessidades.

A seleção deverá ser feita de acôrdo com os seguintes critérios:

1. Experiências passadas das crianças.
2. Interesses das mesmas pela situação.
3. Nível de desenvolvimento.
4. Oportunidade para desenvolver experiências.
5. Previsão de conhecimentos a serem integrados.
6. Padrões de conduta, hábitos e habilidades a serem alcançados.

**B — JUSTIFICATIVA**

Será feita com base nos critérios que orientaram a seleção da Unidade e consistirá em o professor explicar os motivos que o levaram a selecionar tal assunto.

### C — OBJETIVOS

O professor deverá definir os objetivos da Unidade, de acôrdo com as necessidades e grau de maturidade da classe. Deverão ser especificamente relacionados aos problemas existentes na Unidade e organizados em termos claros e bem definidos.

Na definição dos objetivos o professor deverá considerar:

1. Generalizações (Quais os conhecimentos e compreensões a serem integrados)
2. Atitudes — Quais as atitudes (de apreciação, interêsse, respeito, etc.) que procurará formar ou desenvolver.
3. Hábitos — Quais padrões de conduta que deverão ser atingidos com tal atividade.

### D — ATIVIDADES INICIAIS:

A finalidade das atividades iniciais consistirá em despertar no aluno um interêsse vivo pelo trabalho a ser realizado e impulsioná-lo para os objetivos em vista e para o desenvolvimento da Unidade:

#### 1. Incentivos:

Poderão servir de incentivo a uma Unidade de Trabalho as seguintes atividades:

- a) Arranjos da sala de aula com cartazes, réalias, revistas, gravuras sôbre o assunto, etc.
- b) Excursões — em que o aluno entre em contato direto com seu campo de estudo.
- c) Filmes.
- d) Entrevistas: vinda de um membro da Comunidade à escola, para ser entrevistado pela classe.
- e) Histórias.
- f) Notícias de jornal ou assunto trazido pelos alunos.
- g) Situação ou acontecimento da Comunidade.
- h) Acontecimentos verificados na escola ou na classe.
- i) Uso de experiências decorrentes de Unidade anterior.

#### 2. Levantamento de problemas:

O valor do incentivo utilizado deverá conduzir os alunos a levantarem problemas que formarão base para o planejamento cooperativo (professor e alunos).

Deverá, como decorrência, ser organizada uma lista de perguntas e problemas que serão respondidos e resolvidos no desenvolvimento da Unidade.

As questões levantadas determinarão as atividades de desenvolvimento, assim como os materiais a serem utilizados.

### E — ATIVIDADES DE DESENVOLVIMENTO

As atividades de desenvolvimento serão organizadas, tendo-se em vista os objetivos traçados, através da utilização dos problemas e questões levantadas pelos alunos.

## F — ATIVIDADES CULMINANTES

A culminação da Unidade deverá revelar sua integração do ponto de vista dos objetivos. Será planejada para organizar e resumir os conhecimentos mais importantes, habilidades e hábitos formados durante o desenvolvimento da Unidade, dando às crianças a oportunidade de apreciar a área de experiências como um todo.

Assim como as atividades iniciais tendem a mobilizar os interesses infantis e a propiciar certas experiências básicas, as culminantes tendem a satisfazer concretamente êsses interesses, a aplicar as experiências ganhas com a Unidade e a contribuir para a harmonização, unificação e integração de todos os processos da mesma.

Tôda a atividade que tenda a alcançar êsses propósitos é culminante.

Várias são as maneiras de atingir essa fase, dependendo isto do assunto em que se baseou a Unidade.

O importante é que a criança tenha uma visão conjunta do trabalho realizado e a oportunidade de usufruir o prazer de mostrar a outros (colegas de outras turmas, diretora, pais, etc) o resultado de seus esforços.

As atividades culminantes deverão prover oportunidade para trabalho em cooperação, deverão envolver tôdas as crianças e, algumas vezes, oportunizar novas áreas de estudo, conduzindo à iniciação de outras Unidades de Trabalho.

## G — AVALIAÇÃO:

A avaliação consistirá na apreciação qualitativa e quantitativa dos objetivos da Unidade, em sua realização.

Deverão, por conseguinte, ser avaliados os padrões de comportamentos integrados.

Deverá ser feita durante todo o desenvolvimento do trabalho e não somente ao término do mesmo. Ela poderá ser feita pelo professor, pelos alunos, individualmente, ou cooperativamente entre professores e alunos.

Dentre as várias técnicas de avaliação que poderão ser usadas numa Unidade de Trabalho, destacam-se:

- a) Observação direta do professor
  - b) Discussão de grupo
  - c) Entrevista individual dos alunos com o professor
  - d) Lista de verificação feita pelo professor e por êle preenchida (ver sugestão)
  - e) Questionário de auto-avaliação do aluno (idem)
  - f) Trabalho mensal ou quinzenal, elaborado pelo professor para avaliar conhecimentos integrados
  - g) Apreciação dos materiais confeccionados, e trabalhos realizados.
  - h) Avaliação cooperativa que envolva professor e alunos, pensando juntos, discutindo resultados de experiências realizadas, etc.
- A avaliação cooperativa apresenta os seguintes valores:
- É um processo de aprendizagem em si mesmo.
  - Reforça conhecimentos e serve como revisão.
  - Atribui responsabilidades aos alunos.
  - Ajuda a criança a identificar seus pontos fracos e fortes.
  - Encoraja a criança a avaliar seu próprio trabalho.
  - Ajuda a descobrir maneiras para melhorar.
  - Provê oportunidades para a criança ver seu próprio progresso.

## H — MATERIAIS UTILIZADOS

Neste item o professor fará referências ao material didático que pretender usar no desenvolvimento dos trabalhos.

Deverá ser também citada a bibliografia utilizada:

- Pelo professor
- Pelos alunos.

## I — OBSERVAÇÕES:

Constituirão observações as modificações surgidas, o interêsse, demonstrado ou não, pelo trabalho por parte dos alunos, o surgimento de sub-unidades e outros acontecimentos dignos de registro e não previstos no planejamento.

---

## BIBLIOGRAFIA

- Grizel, Jones y — El sistema de unidades de trabajo escolar.  
 Cañizares, Ana Echevoyen — La unidad de trabajo y el programa.  
 Matos, Luiz Alves de — Sumário de Didática Geral.  
 Matos, Luiz Alves de — Os objetivos e o planejamento de ensino.  
 Woodvoorth — Psicologia.  
 Carvalho, Irene Melo de — Unidades didáticas.  
 PABAAE — Publicações diversas.  
 Faraco, Itália — Notas de palestras proferidas.  
 Apreciação de planejamentos em Unidades de trabalho, elaborados e desenvolvidos por professores primários formados pelo Instituto de Educação e outras Escolas Normais.

### 8.1.4. Comunicado nº 1, 11 de fevereiro de 1966

#### COMUNICADO N.º 1

#### ORIENTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA PARA O ENSINO PRIMARIO

##### I — Considerações gerais

A responsabilidade e o dinamismo, que dão à escola de hoje suas linhas estruturais, oferecem-nos também, as diretrizes para toda atividade educativa.

Partindo desta premissa, evidencia-se a posição de importância relevante que o livro didático ocupa no conjunto dos recursos de que a escola se vale para alcançar os objetivos que lhe são cometidos.

Se conceituamos o livro didático “como meio auxiliar do processo da aprendizagem”, deve êle “ser utilizado pelo aluno para reforçar ou complementar o seu estudo sob a orientação do professor”.

Depreende-se da afirmativa, que o livro didático já não pode ser a única fonte de estudo ou informação que o aluno vai usar. Nem mesmo vários livros didáticos, usados numa mesma classe, são, atualmente, suficientes para que o aluno possa estar a par do que acontece a seu redor e, assim, satisfazer às solicitações da comunidade.

Impõe-se, por isso, que o professor, ao orientar o trabalho de sua classe, considere as necessidades de cada aluno, satisfazendo suas aspirações e sua curiosidade.

Deve, portanto, o professor procurar se desprender do livro básico em benefício de uma biblioteca de classe.

De que recursos se valerá o professor para organizar esta biblioteca?

Eis algumas sugestões:

— Em lugar de todos alunos comprarem determinada obra, grupos de alunos poderão adquirir livros diferentes. Isto implica em um entendimento prévio com os pais dos alunos, para esclarecer as razões de tal procedimento.

— Podem os alunos promovidos a uma série superior doar à biblioteca de classe os livros que não mais utilizarão.

— Recolher à biblioteca de classe ou, quando fôr o caso, à biblioteca da escola, trabalhos de alunos ou de grupos de alunos que representem uma contribuição valiosa a turmas subseqüentes.

— Organizar Fichários de assuntos relativos a cada área de estudo, coletados espontaneamente pelos alunos, ou que sejam resultantes de um trabalho de classe, orientado pelo professor.

— Coligir dados de jornais ou revistas, organizando-os em pastas ou em fichas. Este material poderá ser utilizado para fins de consulta e, também, para leitura.

— Colecionar monografias sôbre assuntos históricos geográficos, econômicos e outros, que se constituirão em subsídios para estudos.

— Coletar anuários, boletins, suplementos de jornais e revistas, e outros materiais semelhantes, para suplementar as informações colhidas de outras fontes, como, por exemplo, o próprio livro básico.

— Colher, junto a Instituições, Consulados e outras entidades, publicações desses órgãos que possam enriquecer o trabalho escolar.

Deixamos ao talento, ao espírito criador e à experiência dos professores outras sugestões que possam ocorrer, no sentido de libertar-se de um livro único para base do trabalho de seus alunos.

Por outro lado, aconselhamos aos senhores professores a leitura dos seguintes trabalhos deste Centro:

Comunicado n.º 7/63 (Revista do Ensino n.º 100)

“Instruções gerais para escolha do livro didático nas escolas do Rio Grande do Sul” (dezembro de 1963 — Revista do Ensino n.º 102)

Comunicado n.º 1/64.

Para auxiliar a tarefa do professor, relativamente à seleção de livros a serem usados por suas crianças, apresentamos uma relação bibliográfica, incluindo obras acessíveis e que observam, de maneira geral, as normas estabelecidas para o livro didático.

Entendemos que material dessa natureza inclui conhecimentos que se atualizam constantemente, razão por que omitimos, na presente bibliografia, a data de edição da obra, pois esta deverá ser sempre a de mais recente publicação.

## II — Bibliografia para o curso primário

1.º ANO

AUTOR	TÍTULO	EDITORA	OBSERVAÇÕES
ABREU, Cira de Rezende e outra.	Brincando com letras	Paulo de Azevedo Lida.	Adaptável ao método global — processo eclético p/ classes de recuperação.
AMOROSO, Cecília B. dos Reis	Onde está o patinho?	Melhoramentos	Adaptável ao método global — processuação eclética. Indicado p/classes fortes e de recuperação.
ARAÚJO, M.ª Yvonne Atalécio de	O patinho no 1.º ano Meninos travessos	Melhoramentos Vigília	Leitura intermediária. Global — processo de con- tos. Indicado p/classes fortes e de recuperação.
BACHA, Magdala Lisboa.	O presente	Agir	Global — Sentenciação. P/ qualquer nível
BAYER, Angélica Serena Otto	Travessuras do Tufão	Agir	Leitura intermediária.
BELOTTI, Thelma e GROSSO, Iia — Dalva — Jacy	As férias com o vovo	Tabajara	Global — sentenciação. Classe de qualquer nível.
BOPP, Sydia S. e Cabral, Eddy F.	Domingo de Sol	J. Ozon	Global — processo de sentenciação. Indicado p/ qualquer nível.
	Linguagem de Estudos Sociais (1.º ano)	Tabajara	P/ uso de professores e alunos.

AUTOR	TÍTULO	EDITORA	OBSERVAÇÕES
CASASANTA, Lúcia	As mais belas histórias (pré-livro)	Brasil S.A.	Global — processo de con- tos. Indicação: qualquer nível. Leitura intermediária.
FONSECA, Anita	As mais belas histórias O livro de Lili	Brasil S.A. Brasil S.A.	Global — processo de con- tos. Indicado p/ classes de nível forte.
GASTAL, M. <sup>a</sup> de Lourdes	Estudos Sociais e Naturais (1. <sup>o</sup> ano)	Globo	P/ uso de professores e alu- nos.
GOMES, Gisela Guimarães e outras	Estudos Sociais, Ciências Naturais (1. <sup>o</sup> ano)	Globo	P/ uso de professores e alu- nos.
GRISI, Rafael	Lalau, Lili e o lóbo	Brasil S.A.	Global — processuação ecléctica. Nível forte e médio. Leitura intermediária.
LEITE, Marieta	Zás-trás	Nacional	Leitura intermediária.
LOURENÇO F. <sup>o</sup> , M.B.	Upa, cavalinho!	Melhoramentos	Possível adaptação ao mé- todo global — processua- ção ecléctica. Indicado p/ classes de nível forte, médio e de recuperação.
LÚCIO, João	Pá, Pé e o Papão	Nacional	Leitura intermediária.

NOBRE, M. Conceição	Histórias que ensinam	Francisco Alves	Leitura intermediária.
OLIVEIRA, Alaide Lisboa de	Mimi fugiu	Companhia Editora Nacional	Global — Processo de contos. Indicado p/qualquer nível e classes de recuperação.
OLIVEIRA, Norma Menezes e outros	Marcelo, Vera e Faísca	Tabajara	Global — Processo de palavras progressivas. Indicação: qualquer nível.
OSÓRIO, Suely L.	Os amigos de Joãozinho.	Selbach	Global — contos. Indicado p/classes de nível forte, médio ou p/classes de recuperação.
SILVEIRA, Juraci	Ler e brincar	Noite	Global — Processo de contos (ecléctico). Indicação: nível forte e médio.
SIRANGELO, Margarida e SAGEBIN, NOELLY	Nossos Exercícios — Matemática	Tabajara	P/ uso de professores e alunos.
THOFEHRN, Cecy C.	Brincando com números 1.º ano primário	Brasil S.A.	P/ uso do professor.
THOFEHRN, Cecy C. e CUNHA, Nolly	Estrada iluminada (Bichano e Zumbi)	Brasil S.A.	Leitura intermediária.

2.º ANO

AUTOR	TÍTULO	EDITORA	OBSERVAÇÕES
BOPP, Sydia e CABRAL, Eddy F.	Linguagem e Estudos Sociais (2.º ano)	Tabajara	P/ professores e alunos.
CASASANTA, Lúcia	As mais belas histórias	Brasil S. A.	Textos para leitura.
CUNHA, Nelly e TREIN, Helga	Era uma vez... (2.º ano)	Globo	Para uso do professor.
GASTAL, M.ª de Lourdes	Estudos Sociais e Naturais (2.º ano)	Globo	Para uso de professores e alunos.
GOMES, Giselda Guimarães e outras	Estudos Sociais, Ciências Naturais (2.º ano)	Globo	Para uso de professores e alunos.
GRISI, Rafael	Uma história e depois outras (2.º ano)	Brasil S. A.	Para uso do professor, c/ restrições.
LIMA, Edith Guimarães e outras	Exercícios de Linguagem (Gramática Funcional)	Selbach	Para professores e alunos.
LOURENÇO F.º, M. B.	Pedrinho e seus amigos (2.º livro)	Melhoramentos	Para uso do professor.
RUSCHEL, Rosa Maria e BRAUN, Flávia E.	Segundo livro do Guri	Tabajara	Para professores e alunos
SIRANGELO, Margarida e SAGEBIN, Noelly	Nossos Exercícios — Matemática — 2.º ano	Tabajara	Para professores e alunos

THOFEHRN, Cecy	Brincando com números — Matemática Significativa — 2.º ano primário.	Brasil S. A.	Para uso de professor.
THOFEHRN, Cecy e CUNHA, Nelly	Estrada iluminada (A Festa do Vagalume) 2.º ano Estrada iluminada (Exercícios de Gramática Funcional e Matemática Significativa (2.º ano)).	Brasil S. A. Brasil S. A.	Para uso de professores e alunos. Para professores e alunos c/restrições.
THOFEHRN, Cecy e SZECHIR, Jandira	Linguagem e Estudos Sociais (2.º ano primário)	Brasil S. A.	Para professores e alunos, c/restrições.

3.º ANO

AUTOR	TÍTULO	EDITORA	OBSERVAÇÕES
BOPP, Sydia e CABRAL, Eddy F.	Linguagem e Estudos Sociais (3.º ano)	Tabajara	P/ professores e alunos.
CASÁSANTA, Lúcia	As mais belas histórias (3.º livro)	Brasil S. A.	Textos para leitura.
CUNHA, Nelly e TREIN, Helga	Páginas do Sul	Globo	Para professores e alunos, com algumas restrições.
ESPINHEIRA, Ariosto	"Viagem através do Brasil" (volume V)	Melhoramentos	Como fonte de consulta.

AUTOR	TÍTULO	EDITORA	OBSERVAÇÕES
FORTES, Amir Borges	Compêndio de Geografia Geral do Rio Grande do Sul.	Sulina	Para uso do professor.
	Compêndio de História Geral do Rio Grande do Sul	Sulina	Para uso do professor.
GASTAL, M. <sup>a</sup> de Lourdes	Estudos Sociais e Naturais (3. <sup>o</sup> ano)	Globo	Para professores e alunos.
GOMES, Giselda Guimarães e outras	Estudos Sociais, Ciências Naturais Vamos conhecer o Rio Grande	Brasil S.A. Globo	Para professores e alunos, com restrições. Para professores e alunos, com restrições.
GRISI, Rafael	Uma história e depois ... outras (3. <sup>o</sup> grau)	Brasil S.A.	Para uso do professor, com restrições.
LIMA, Afonso Guerreiro.	Cronologia da História Rio-Grandense	Globo	Para uso do professor.
LOURENÇO F. <sup>o</sup> , M. B.	Aventuras de Pedrinho (3. <sup>o</sup> livro)	Melhoramentos	Para uso do professor.
RUSCHEL, Rosa M. <sup>a</sup> e BRAUN, Flávia E.	Terceiro Livro do Guri	Tabajara	Para professores e alunos.
SIRANGELO, Margarida e BARBOSA, Florisbela M.	Nossos Exercícios — Matemática — 3. <sup>o</sup> ano primário	Tabajara	Para professores e alunos.

THOFEHRN, Cecy	Brincando com números — Matemática Significati- va — 3.º ano primário.	Brasil S.A.	Para uso do professor.
THOFEHRN, Cecy e CUNHA, Nelly	Estrada iluminada (O Al- bum Maravilhoso) — 3.º ano. Estrada Iluminada (Exer- cícios de Gramática Fun- cional e Mat. Sign. (3.º ano)	Brasil S.A.	Para professores e alunos.
THOFEHRN, Cecy e SZE- CHIR, Jandira C.	Linguagem e Estudos So- ciais (3.º ano primário)	Brasil S.A.	Para professores e alunos
WICKERT, Woldietrich e CARO, Herbert	Isto é o Rio Grande do Sul	Melhoramentos	Como fonte de consulta.
4.º ANO			
AUTOR	TÍTULO	EDITORA	OBSERVAÇÕES
BOPP, Sydia S. e CA- BRAL, Eddy F.	Linguagem e Estudos So- ciais (4.º ano)	Tabajara	Para professor e alunos.
CASASANTA, Lúcia	As mais belas histórias (4.º livro)	Brasil S.A.	Textos para leitura.
ESPINHEIRA, Ariosto	Infância Brasileira (4.ª sé- rie primária)	Cia. Editora Nacio- nal	Para professores e alunos. Algumas restrições.

AUTOR	TÍTULO	EDITORA	OBSERVAÇÕES
IDEM	Série "Viagem através do Brasil"	Melhoramentos	Como fonte de consulta.
GASTAL, M. <sup>a</sup> de Lourdes	Estudos Sociais e Naturais. (4. <sup>o</sup> e 5. <sup>o</sup> anos)	Selbach	Para professores e alunos.
GOMES, Giselda G. e outras	Estudos Sociais, Ciências Naturais	Brasil S. A.	Para professores e alunos.
GRISI, Rafael	Uma história e depois... outras (4. <sup>o</sup> grau)	Brasil S. A.	Para uso do professor, com restrições.
HESS, Erich Joachim	Isto é o Brasil	Melhoramentos	Para consultas.
LOURENÇO, F. <sup>o</sup> , M. B.	Leitura de Pedrinho e M. <sup>a</sup> Clara (4. <sup>o</sup> livro)	Melhoramentos	Texto para leitura e exercícios. Para uso do professor.
MONTANDON, Leonilda	Vamos conhecer o Brasil (4. <sup>o</sup> ano).	Brasil S. A.	Para professores e alunos.
PAUWEIS, Pad. Geraldo J.	Atlas Geográfico Melhoramentos	Melhoramentos	Para consultas.
POTSCH, Waldemiro	O Brasil e suas riquezas	Livraria Francisco Alves	Para consultas.
RIALVA, Rita Amil	História do Brasil	Paulo Azevedo	Para professores e alunos com restrições.

THOFERN, Cecy	Brincando com números — Matemática Significativa. 4.º ano primário.	Brasil S.A.	Para uso do professor.
THOFERN, Cecy e CUNHA, Nelly	Estrada iluminada (Canto da Minha Terra) 4.º ano. Estrada iluminada (Exercícios de Gramática Funcional e Matemática Significativa) 4.º ano.	Brasil S.A. Brasil S.A.	Para professores e alunos, com restrições. Para uso do professor, com restrições.
THOFERN, Cecy e Szechir, Jandira C.	Linguagem e Estudos Sociais (4.º ano primário)	Brasil S.A.	Para uso de professores e alunos.
WENTZEL, Myrthes e outra	Geografia e História do Brasil Pequena Atlas Escolar	Brasil S.A. Melhoramentos	Para uso de professores e alunos. Para consultas.
<b>5.º ANO</b>			
<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>EDITORA</b>	<b>OBSERVAÇÕES</b>
AZEVEDO, Aroldo e outros	Programa de Admissão	Cia. Editora Nacional	Aceitável com restrições. Para uso de professores e alunos.
BARROS, C. Paula	Maranduba	MEC	Textos para consulta sobre História do Brasil.

AUTOR	TÍTULO	EDITORA	OBSERVAÇÕES
CALMON, Pedro	Pequena História da Civilização Brasileira	Cia. Editora Nacional	Para consultas.
CARDENAS, Eduardo	Almanaque Mundial	Fernando Chinaglia	Para consultas.
COSTA Aída e outros	Admissão ao Ginásio	Brasil S.A.	Aceitável, com restrições. Boas gravuras para composição.
GOMES, Giselda e outras	Admissão ao Ginásio	Selbach	Para uso de professores e alunos.
LEITE, Margarida F. Thompson	Meu livro de conhecimentos gerais.	J. Oson Editor	Para uso de professores e alunos.
LIMA, Afonso Guerreiro	Noções de História do Brasil.	Globo	Para consultas.
LOURENÇO F.º, M.B.	Leitura de Pedrinho e Maria Clara (4.º livro)	Melhoramentos	Texto para leitura.
MORAES, João Barbosa	Admissão Ginásial	Cia. Editora Nacional	Aceitável com restrições.
PORTILHO, Eponina e Maria Helena	Leitura Silenciosa	Conquista	Para uso de professores e alunos.
IDEM	1 Gravuras	Conquista	Para uso de professores e alunos.
PORTILHO, M.ª Helena	Meus exercícios de Geografia	Conquista	Para uso do professor.

OLIVEIRA, Carolina R.R.	Questionário de Português	Editôra do Mestre Ltda.	Para uso do professor.
IDEM	Questionário de Aritmética e Geometria	Editôra do Mestre Ltda.	Para uso do professor.
IDEM	Questionário de História do Brasil e Geografia	Editôra do Mestre Ltda.	Para uso do professor.
THOFERN, Cecy e CUNHA, Nelly	Estrada Iluminada (Rodcio de Estrélas)	Brasil S.A.	Para uso de professores e alunos.
IDEM	Estrada Iluminada (Admissão ao Ginásio)	Brasil S.A.	Para uso de professores e alunos.
Vários autores	Série "O homem e o Universo"	Melhoramentos	Para consultas.

## III — Bibliografia para o professor

## Nota explicativa:

Poderá parecer, aos senhores professôres, incompleta a bibliografia aqui apresentada. Esclarecemos que, sem ter a pretensão de que seja ela completa, orientou-nos, na organização da mesma, o sentido prático, isto é, neste trabalho estão incluídos os livros de mais fácil aquisição.

Deixamos de incluir, nesta bibliografia a data de edição das obras indicadas, pelos motivos já expostos na parte I do presente trabalho.

- ABDON, Célia Côrtes — “Primeiros Passos na Matemática” — Editora Conquista.  
 — “Primeiros Passos na Linguagem” — Editora Conquista.  
 ADAMS, Harold e DICKEY, Frank — Princípios Básicos de Prática de Ensino” — Editora Fundo de Cultura.  
 ALBUQUERQUE, Irene de — “Metodologia da Matemática” — Editora Conquista.  
 — “Jogos e Recreações Matemáticas” — Editora Conquista.  
 ALBUQUERQUE, Irene de e outras — “Prática de Ensino Primário” — Editora Conquista.  
 ALI, M. Said — “Dificuldades da Língua Portuguesa” — Editora Acadêmica.  
 ANTUNES JUNIOR, Antônio e outros — “Anatomia e Fisiologia humana” — Cia. Editora Nacional.  
 ARAÚJO, Maria Yvonne A. — Experiências de Linguagem Oral na Escola Primária” — Editora Nacional de Direito.  
 BACHA, Magda Lisboa — “As crianças aprendem a ler” — PABAE.  
 — “Preparação para a Leitura” — PABAE.  
 BAKER, Harry F. — “Introducion al estudio de los niños sub y superdotados” — Editorial Kapelusz.  
 BALTAR, Delhy — “Use ... com imaginação” — Ao Livro Técnico.  
 BASTOS, Cadmo — “O ar atmosférico” — IBECC.  
 BELLO, Ruy de Ayres — “Filosofia Pedagógica” — Editora Globo.  
 BETHLEN, Nilda — “O ensino da Geografia e da História na Escola Primária” — J. Ozon Editor.  
 BJORNBERG, Tagea — “Experiências com a Água” — IBECC.  
 BRADFIELD, James M. e MOREDOCK, H. Steward — “Medidas e Testes em Educação” — Fundo de Cultura.  
 BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística” — Tipos e aspectos do Brasil — Conselho Nacional de Geografia.  
 — “Paisagens do Brasil” — Conselho Nacional de Geografia.  
 BRASIL, MEC — “Matemática na Escola Primária” — Programa de Emergência.  
 — “Linguagem na Escola Primária” — Programa de Emergência.  
 — “Estudos Sociais na Escola Primária” — Programa de Emergência.  
 — “Ciências na Escola Primária” — Programa de Emergência.  
 — “Música na Escola Primária” — Programa de Emergência.  
 — “Jogos na Escola Primária” — Programa de Emergência.  
 — “Língua Pátria” — Programa de Emergência.  
 — “Estudos Sociais” — Programa de Emergência.  
 — “Ciências” — Programa de Emergência.  
 — “Ensinando Matemática às Crianças” — INEP.

- “Cadernos de História do Brasil” — Campanha Nacional de Material de Ensino.
- BREINER, Zulmira Queiróz — “Estudos de Linguagem” — Editôra ABC.
- BRUNO, Júlio — “Problemas da Sala de Aula” — MEC. CADES.
- BÜHLER, Charlott — “Infancia y Juventud” — Espasa — Calpa Argentina S. A.
- “Evolução da Linguagem da Criança” — Editôra Fundo de Cultura.
- BÜHLER, Charlotte e outros — “A professora, o aluno e seus problemas” — Editôra Fundo de Cultura.
- CAMPOS, França — “Didática da Aritmética” — Ozon.
- CARAÇA, Bento de Jesus — “Conceitos Fundamentais da Matemática” — Tipografia da Matemática.
- CARDOSO, Ofélia Boisson — “Problemas da Infância” — Melhoramentos.
- “Problemas de Metodologia da Linguagem” — Editôra Conquista.
- “Psicopatologia da Linguagem” — Editôra Conquista.
- “Ensinar e aprender” — Editôra Conquista.
- CARVALHO, Delgado de — “Introdução Metodológica aos Estudos Sociais” — Agir.
- CARVALHO, Delgado de e CASTRO, Terezinha — “Geografia Humana, Política e Econômica” — Conselho Nacional de Geografia.
- CARVALHO, Irene Mello — “O Ensino por Unidades Didáticas” — CI. LEME.
- CLAPARÈDE, Edouard — “A educação Funcional” — Cia. Editôra Nacional.
- COELHO, José Guerra Pinto — “Anatomia e Fisiologia Humana” — Editôra Bernardo Álvares.
- CORUJA, Filho — “Datas Rio-Grandenses” — SEC. Divisão de Cultura.
- CRAIG, Gerald S. — “Iniciação ao Estudo das Ciências” — Globo.
- DOTRENS, Robert — “La escritura script” — Editorial Kapelusz.
- ESTEVEZ, Oyara Petersen — “Testes, medida e Avaliação” — PABAE.
- FERREIRA, Maria Luiza A. C. — “Formação e desenvolvimento de Conceitos” — Editôra Nacional de Direito.
- FONTOURA, A. do Amaral — “Sumário de Didática Geral” — Editôra Aurora.
- “Metodologia do Ensino Primário” — Editôra Aurora.
- FOSTER, Constance — “Desenvolvendo a responsabilidade na criança” — Editôra Fundo de Cultura.
- HAYES, Elisabeth e POLLAK, Janet — “De que é feito o mundo — Este mundo físico” — Melhoramentos.
- HEILE, Maryanna e DAVIS, Dorothea — “Os caprichos do tempo — O que a terra nos dá” — Melhoramentos.
- IHERING, Rodolfo — “Da vida de nossos animais” — Rottermund.
- KELLY, William A. — “Psicologia Educacional” — Agir.
- KLAUSMEIER, Wittich e outros — “Ensinando na Escola Primária” — Editôra Fundo de Cultura.
- KNIJNIK, Líbia Juta — “Artes da Linguagem — Aspecto Gramatical” — Tipografia Santo Antônio — Pão dos Pobres.
- KRECH, David e CRUTCHFIEND, Richard — “Elementos de Psicologia” — Livraria Pioneira.
- LEIF, J. e RUSTIN, G — “Pedagogia Geral” —

- LEITE, Dinara — “Metodologia da Geografia e da História” — Editora Conquista.
- LEMOS, Lúcia de — “Planos de aula de História” — Editora Conquista.
- LENVAL, H. Lubinsk de — “A educação do homem consciente” — Editora Flamboyant.
- LOPES, Wanda R.P. — “A Caminho da Leitura” — Editora Conquista.
- LOURENÇO FILHO, Manuel B. — “Testes ABC” — Melhoramentos. — “Introdução ao Estudo da Escola Nova” — Melhoramentos.
- MARQUES, Orminda — “A escrita na Escola Primária” — Melhoramentos.
- MARRERO, Levi — “Viajemos por America” — Publicaciones Cultural S.A. — “La Tierra y sus Recursos” — Publicaciones Cultural S.A. visual” — UTEHA.
- MC KOWN, Harry C. e ROBERTS, Alvin B. — “Educación Audio-visual” — UTEHA.
- MEDEIROS, Ethel Bauzer — “Jogos para recreação na Escola Primária” — MEC. INEP.
- MENDONÇA, Heloisa de — “Mais Vida na Sala de Aula” — Ao Livro Técnico.
- MICHAELIS, John U — “Estudos Sociais para Crianças numa Democracia” — Editora Globo.
- MOURA, Lenice Bezerra e LOPES, Wanda R.P. — “Trabalhando com grupos na Escola Primária”.
- MUXFELDT, Hugo — “Recreação e Jogos” — SEC. SEFAE.
- NAVARRO, Maria Luíza — “El Método del Trabajo por Equipe” — Editora Losada.
- NERICI, Imideo G. — “Introdução à Didática Geral” — Editora Fundo de Cultura.
- PEIXOTO, Ilka R. e MIRANDA, Helena G. — “O Flanelógrafo” — Ao Livro Técnico.
- PEIXOTO, Maria Onolita — “Habilidades de Estudos Sociais” — Editora Nacional de Direito. — “Trabalho em Grupo” — PABAE.
- PENTAGNA, Romanda G. — “Didática Geral” — Editora Freitas Bastos.
- PIAGET, Jean — “A Linguagem e o Pensamento da Criança” — Editora Fundo de Cultura.
- PORTO, Rizza Araújo — “Frações na Escola Primária” — PABAE. — “Ver. sentir, Descobrir a Aritmética” — Editora Nacional de Direito.
- POTSCH, Carlos — “Mineralogia e Geologia” — Editora S. José.
- PRESTON, Ralph — “Ensinando Estudos Sociais na Escola Primária” — Editora Fundo de Cultura.
- RABELO-VERSIANI, Maria Zenolia — “Iniciação à Ciência” — Editora Bernardo Alvares.
- RAGAN, William — “Currículo Primário Moderno” — Editora Globo.
- READ, Herbert — “Educación por el Arte” — Paidós.
- REDDEN, John D. e RYAN, Francis A. — “Filosofia da Educação” — Agir.
- REVISTA DO ENSINO — Todos os números.
- REVISTA “CRIANÇA E ESCOLA” — Todos os números.
- REZANO, Cletilde G. de — “Didática Especial” — Editorial Kapelus.
- REZENDE, Jarbas — “O Ensino Primário Através da Metodologia” — Editora Guimarães.

- RIVLIN, Harry N. e SCHUELER, Herbert — “Enciclopédia de la Educación Moderna” — Editora Losada.
- ROCHA LIMA, Carlos H. — “Gramática Normativa da Língua Portuguesa” (Curso Médio) — Editora Briguier.
- SANGIORGI, Osvaldo — “Matemática — Curso Moderno” — Cia. Editora Nacional.
- SCHMIDT, Maria Junqueira — “Educar pela Recreação” — Agir.  
— “Também os Pais Vão à Escola” — Agir.
- SILVEIRA, Juracy — “Leitura na Escola Primária” — Editora Conquistista.
- TAHAN, Malba — “Didática da Matemática” — Editora Saraiva.
- TEXEIRA, Francisca Alba — “Gravuras no Ensino de Estudos Sociais” — PABAAE.
- THRALS, Zoe — “O Ensino da Geografia” — Editora Globo.
- TÓRRES, Artur de Almeida — “Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa” — Editora Fundo de Cultura.
- TRINDADE, Emery — “Manual de Excursões Educativas” — Tecno-print Gráfica S.A.
- VASCONCELOS, Alba Ma. e ROSA, Maria Avany — “Seus Alunos Trabalham Sôzinhos?” — Ao Livro Técnico.
- WEIL, Pierre — “Psicologia Aplicada” — Cia. Editora Nacional.
- WITTICH, Walter A. e SCHUELIER, Charles F. — “Recursos Audio-visuais” — Editora Fundo de Cultura.

Trabalho organizado por

IZABELLA KERTÉSZ

e LILIA MARIA PEREIRA DURO;

COLABORAÇÃO DE MARIA JOSEFA PISACCO MOTTA (Bibliografia de 1.º ano)

## 8.2. Modelos dos termos de autorização

### 8.2.1. Termo de Consentimento Informado

#### TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, \_\_\_\_\_,  
 R.G. \_\_\_\_\_, declaro, por meio deste termo, que concordei em participar da pesquisa intitulada “Memórias de ex-alunas da Escola Evangélica Duque de Caxias: narrativas escolares sobre o ensino de matemática”, desenvolvida pelo pesquisador Nicolás Giovanni da Rosa. Fui informada, ainda, de que a pesquisa é orientada pela Profª Dra. Elisabete Zardo Búrigo, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário, através do e-mail 00009949@ufrgs.br.

Tenho ciência de que a minha participação não envolve nenhuma forma de incentivo financeiro, sendo a única finalidade desta participação a contribuição para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais, são:

- Analisar entrevistas realizadas com ex-alunas da Escola Evangélica Duque de Caxias sobre seu tempo escolar e as aulas de matemática.

Fui também esclarecida de que os usos das informações que ofereci serão apenas em situações acadêmicas. Minha participação se fará por meio de entrevista. Os encontros serão registrados por meio de áudio. No caso de fotos e diálogos obtidos durante minha participação, autorizo que sejam utilizados em atividades acadêmicas, tais como artigos científicos, palestras, seminários etc. A colaboração com a pesquisa se iniciará apenas a partir da entrega desse documento por mim assinado.

Estou ciente de que, caso eu tenha alguma dúvida, ou me sinta prejudicada, poderei contatar o pesquisador responsável pelo telefone \_\_\_\_\_ e pelo e-mail nicolasgiovani20@gmail.com.

Fui ainda informada de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura da participante

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do pesquisador

\_\_\_\_\_  
 Assinatura da Orientadora da pesquisa

### 8.2.2. Declaração de Ciência

#### DECLARAÇÃO

Eu, Sérgio E. Michels, Diretor do Centro Sinodal de Ensino Médio de Sapiranga, declaro para os devidos fins, estar ciente da pesquisa realizada por Nicolás Giovani da Rosa sobre as aulas de Matemática na Escola Evangélica Duque de Caxias, na década de 1960, estando o aluno vinculado ao curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A instituição está de acordo com a realização da pesquisa, considerando que seus fins são estritamente acadêmicos e que está sendo desenvolvida sob a orientação e responsabilidade da Professora Doutora Elisabete Zardo Búrigo, do Instituto de Matemática e Estatística da UFRGS.

Porto Alegre, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Sérgio E. Michels

\_\_\_\_\_  
Elisabete Zardo Búrigo

\_\_\_\_\_  
Nícolas Giovani da Rosa